

PCP e o Alqueva

Governo serve o latifúndio

«O Governo não intervém no que é essencial», acusou Agostinho Lopes, deputado e membro da Comissão Política, respondendo ao conjunto de medidas anunciadas pelo Governo para a zona da barragem do Alqueva.

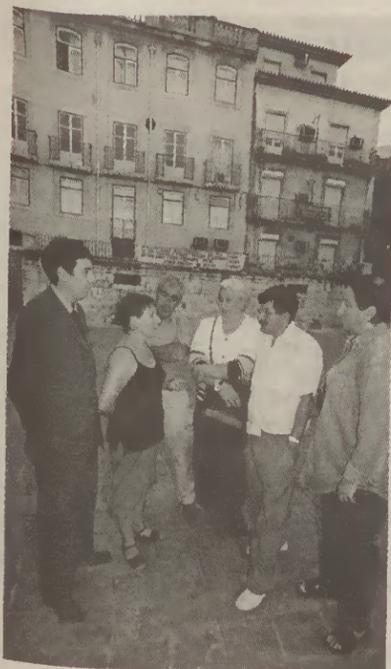
Pág. 32

CGTP-IN prepara o ano

Conferência dia 20

A conferência nacional de 20 de Setembro, para definir os conteúdos reivindicativos e a estratégia para a acção para 2001-2002, destaca-se na agenda da CGTP-IN para os próximos meses.

Pág. 7



Comunistas de Alfama

Mais perto das pessoas

O «Avante!» foi conversar com eleitos e candidatos do PCP das freguesias de São Miguel e de Santo Estêvão e saber como conseguiram pôr as pessoas a intervir para resolver os seus problemas.

Pág. 5



As portas abrem amanhã na Atalaia

A 25.^a Festa!

Vinte e cinco anos depois da primeira, está aí a 25.^a Festa do «Avante!» a abrir, a partir de amanhã, as suas portas na Atalaia, para mais três dias de fraterno convívio, de arte e cultura, de empenhamento político, de projecto que os comunistas propõem aos trabalhadores, aos democratas, à juventude.

A Festa culmina, no domingo à tarde, com a intervenção de Carlos Carvalhas.

Págs. 11 a 22

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.º-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira.
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

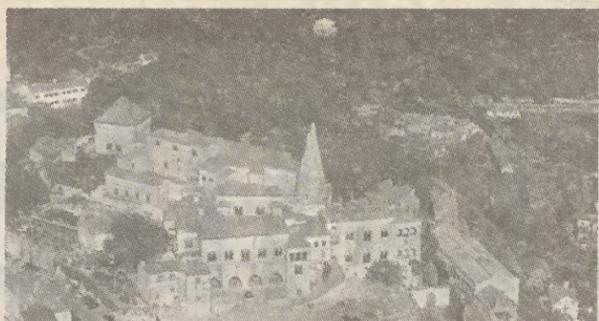
PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00

EUROPA
50 números: 23 000\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

* Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
e acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



CDU critica o estado de «abandono» do património sintrense

Resumo

29 Quarta-feira

O grupo parlamentar do PCP entrega na Assembleia da República um requerimento solicitando ao Governo que esclareça a que empresas foram concedidos apoios através do Sistema de Incentivos à Modernização Empresarial. A maioria dos membros do Conselho Nacional de Educação discorda da elaboração de um «ranking» das escolas, em particular baseado nas notas de exame e em classificações internas. Milhares de pessoas invadem Díli para o comício-festa de encerramento da campanha da Fretilin. A NATO instala-se nos bastiões separatistas de Tetovo para a segunda operação de recolha de armas.

30 Quinta-feira

O candidato da CDU à Câmara de Sintra, Baptista Alves, critica o estado de «abandono» do património sintrense, responsabilizando o Governo, autarquia e a empresa Parques de Sintra-Monte da Lua. O Supremo Tribunal de Justiça decide não apreciar os pedidos de «habeas corpus» dos quatro arguidos em prisão preventiva no âmbito do «Caso Moderna». Os timorenses elegem a primeira Assembleia Constituinte. As autoridades da Papua-Nova Guiné e os rebeldes separatistas da ilha de Bougainville assinam um acordo que reconhece a autonomia do território e prevê a realização de um referendo sobre a sua independência.

31 Sexta-feira

A greve dos trabalhadores encarregues da recolha e arrumação dos carrinhos porta-bagagens no aeroporto de Lisboa teve uma elevada adesão, anuncia o sindicato. O presidente do Movimento de Restauração do Concelho de Canas de Senhorim considera «inaceitável e despropositada» a visita de Ferro Rodrigues ao concelho de Nelas, «para inaugurar, apenas e só, uma estrada com 2,5 quilómetros». Os funerais dos seis empresários portugueses assassinados, a 12 de Agosto em Fortaleza, realizam-se nas localidades de residência das vítimas. Milhares de manifestantes são aguardados em Durban, África do Sul, no dia da abertura da Conferência contra o racismo.

1 Sábado

Manuel Maria Carrilho acusa o ministro Guilherme d'Oliveira Martins de o tentar atingir e perseguir, ao permitir a divulgação de uma auditoria das Finanças ao Ministério da Cultura. O administrador transitório de Timor-Leste critica as declarações de João Carrascalão, presidente da União Democrática Timorense, de que o processo

eleitoral no território foi «fraudulento». Altos responsáveis palestinos acusam Israel de ter assassinado mais um dirigente palestino, na sequência de uma explosão de um carro em Gaza. Começa na Zona Euro a distribuição aos bancos, correios e a alguns retalhistas de notas e moedas de euros.

2 Domingo

A Fundação para o Desenvolvimento Comunitário de Alverca exige que o Ministério da Educação reveja de imediato a redução do número de professores destacados para aquela instituição. A Fretilin surge como o partido mais forte no distrito de Aileu, com cerca de metade dos votos contados na região. A Austrália anuncia que a Nova Zelândia e a ilha de Nauru aceitam acolher os 433 refugiados afegãos que há uma semana agonizam o bordo do navio norueguês «Tampa». Os separatistas albaneses na Macedónia não entregarão mais armas enquanto o Parlamento, que suspendeu as suas sessões, não tomar as medidas previstas nos acordos de paz.

3 Segunda-feira

O PCP acusa o Governo de se demitir da obrigação de intervir no processo de construção do regadio do Alqueva e de fazer «show-off» ao anunciar medidas que constituem «uma fraude». O secretário-geral do PCP desvaloriza as ameaças da «rentrée política» de António Guterres, lembrando que o discurso da estabilidade governativa «também era utilizado por Cavaco Silva». A Câmara de Coimbra exige ao Governo a «paragem imediata» dos testes da co-incineração na cimenteira de Souselas e do processo que ditou este método de eliminação de resíduos industriais perigosos. Dois palestinianos são mortos e 28 ficaram feridos num tiroteio com soldados israelitas em Hebron, na Cisjordânia.

4 Terça-feira

Os trabalhadores de «O Comércio do Porto» decidem continuar a produzir o jornal até dia 15, data-limite apontada pela Lisgráfica para venda ou encerramento do diário. O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado exige para 2002 um aumento de 5,3 por cento nos salários, pensões, ajudas de custo, despesas com transportes e prestações da ADSE. O Parlamento Europeu faz, em Estrasburgo, um balanço das negociações para o alargamento da União Europeia a dez países da Europa Central e de Leste e às ilhas de Chipre e Malta. Dezenas de membros de organizações não governamentais norte-americanas protestam publicamente pela retirada da delegação dos EUA da Conferência contra o Racismo em Durban.

Aconteceu

Morreu Govan Mbeki

Govan Mbeki, pai do presidente sul-africano, Thabo Mbeki, e uma das grandes figuras da luta contra o apartheid, morreu na madrugada de dia 30, sua casa em Porto Elizabete, aos 91 anos de idade.

O Congresso Nacional Africano (ANC) comentou de imediato a morte de Govan Mbeki, um activista histórico do movimento, afirmando que ele «foi um pai, um guerreiro, um revolucionário, um educador e um líder durante muitas décadas».

Govan Mbeki era originário, como Nelson Mandela, da região do Transkei (sul) e membro do ANC desde 1935. Foi presidente nacional do ANC em 1956.

Professor na sua região de origem, foi demitido das funções devido às suas actividades políticas.

Depois de Sharpeville em 1960, Govan passou cinco meses na prisão. Juntou-se ao Partido

Comunista sul-africano nessa época e voltou a ser preso em Dezembro de 1961 a pretexto da lei sobre explosivos, tendo sido libertado alguns meses mais tarde.

Em 1963 entrou na clandestinidade e juntou-se ao Umkhonto we Sizwe (MK), a ala militar do ANC. Em Julho desse ano foi novamente preso durante a rusga policial de Rivonia, arredores de Joanesburgo, onde se encontrava o Estado Maior do MK.

Como Mandela, foi condenado a prisão perpétua e enviado para Robben Island, na ilha-prisão ao largo da Cidade do Cabo.

Foi em Robben Island que Govan completou a sua licenciatura universitária em Economia.

Depois das eleições multi-raciais de 1994, Govan Mbeki foi eleito vice-presidente do Conselho Nacional das Províncias, a Câmara Baixa do Parlamento sul-africano.

Os refugiados do «Tampa»

Os 438 refugiados, na sua maioria afegãos, que estiveram mais de uma semana a bordo do cargueiro norueguês «Tampa», ao largo da Austrália, foram entretanto transferidos para

trália, se declararam dispostos a acolhê-los.

Os refugiados foram recolhidos pelo barco norueguês, quando o barco em que seguiam, procedente da Indonésia,

pois o navio que os recolheu tinha condições adequadas para um máximo de 40 pessoas.

A posição assumida pela Austrália e Indonésia, de recusa em receber os refugiados, levantou o protesto de várias organizações humanitárias, nomeadamente na Austrália, onde a Organização Não Governamental (ONG) de advogados «Liberty Victoria», com o apoio da Amnistia Internacional (AI), moveu um processo a favor do direito dos imigrantes a pedirem asilo político. De referir que a Convenção de refugiados de 1951, impede o retorno forçado para um país de pessoas que possam correr o risco de violações dos Direitos Humanos ou onde a sua vida ou liberdade sejam ameaçadas, o que é claramente o caso do Afeganistão.

De acordo com números das Nações Unidas os afegãos constituem a maior população de refugiados do mundo, com 3,7 milhões que fugiram para outros países.



um navio da marinha australiana, que os levará para a Papua-Nova Guiné. Os clandestinos serão depois transportados de avião para a Nova Zelândia e para a ilha de Naru, no oceano Pacífico, dois países que, ao contrário da Aus-

nafragou a quatro milhas náuticas da ilha australiana de Natal.

A situação dos refugiados, entre os quais se encontram algumas mulheres grávidas e mais de 40 crianças, tinha-se tornado entretanto verdadeiramente dramática,

Euros em distribuição

A distribuição aos bancos, correios e a alguns retalhistas de notas e moedas de euros começou na Zona Euro, debaixo de grande segurança e com alguma discrição.

Em Portugal, os euros são distribuídos pelo Exército, sob comando do Banco de Portugal e com o apoio da polícia e de duas empresas privadas de segurança: a Securitas e a Prosegur.

A polícia, o exército e a infantaria são os meios disponibilizados para garantirem o transporte seguro dos euros na França. Por dia, 32 mil toneladas de moedas

(quatro vezes o peso da Torre Eiffel) são encaminhadas para os seus destinos nas diferentes regiões francesas.

Na Itália, começaram a ser distribuídas 40 mil toneladas de moedas em euros, a que correspondem 7240 milhões de moedas.

A distribuição das novas notas está agendada para 15 de Novembro.

No total, estima-se que tenham estado nas estradas, sábado passado, 15 mil milhões de notas e 50 mil milhões de moedas de euros em toda a Zona Euro.

Prisões e droga

O Observatório Europeu da Droga e Toxicodpendência (OEDT) anunciou que entre 38 e 70 por cento da população prisional portu-

guesa é consumidora de drogas.

De acordo com as estimativas divulgadas, a Espanha é o segundo país comunitário a apresentar

uma percentagem elevada de consumidores de estupefacientes entre a população prisional, com taxas de 35 a 54 por cento, seguida pela

Suécia que estima em 47 por cento o número de presos consumidores de drogas.

A Áustria, com uma população prisional consumidora de estupefacientes estimada entre os 10 e os 20 por cento, é o país que apresenta a percentagem mais baixa de consumidores de drogas entre os presos.

A população prisional europeia é estimada em cerca de 350.000 pessoas, embora anualmente a rotação de toxico-

dependentes nos presídios oscile entre 180.000 e 600.000.

O relatório refere também que o consumidor de droga nas cadeias europeias é habitualmente um indivíduo de baixos recursos, consumidor frequente e com várias condenações por consumo de droga, que passou por diversas tentativas frustradas de desintoxicação e com graves problemas de saúde, incluindo doenças infecciosas irreversíveis.



Crónica Internacional

• Albano Nunes

Racismo e capitalismo

Cada dia que passa sublinha a natureza injusta e desumana do capitalismo. E a exigência de alternativa, não apenas à sua forma "neoliberal (ou "ultra" ou "selvagem" como alguns dizem para subentender um outro capitalismo "civilizado" e de "rosto humano"), mas a todo um sistema assente na propriedade privada dos principais meios de produção e de troca, na exploração do trabalho assalariado, na opressão imperialista dos povos, no poder económico e político do grande capital.

Claro que há ainda que contar com grandes dificuldades e violentos combates. O mundo ainda não recuperou das derrotas do socialismo na Europa e da desagregação da URSS. A correlação de forças no plano mundial continua fortemente desequilibrada em favor do imperialismo. O movimento comunista e revolucionário não superou a sua crise e persistem dificuldades na cooperação internacionalista e tendências para a sua dispersão e diluição. Mas o triunfalismo capitalista arrogante de há dez anos empalideceu. O imperialismo travestido de "globalização" reduziu num desastre para a grande maioria da população do globo. Muitas ilusões e expectativas estão a recuar. Há claros sintomas de que apesar das dificuldades que persistem (por exemplo, no movimento operário na Europa pela influência das cúpulas social-democratas estruturalmente comprometidas com o sistema) se

«Para acabar com tudo isto é necessário pôr fim ao próprio capitalismo»

intensificam as lutas populares e se alarga a contestação ao neoliberalismo. Contestação que, sendo objectivamente anticapitalista e anti-imperialista, importa que o seja cada vez mais também no plano subjectivo, pelo que a luta das ideias assume a maior importância, nomeadamente no que respeita ao conhecimento da realidade histórica e das lições que encerra para as batalhas do presente.

A este respeito é particularmente elucidativo o que está a passar-se na Conferência das Nações Unidas Contra o Racismo, em Durban, na África do Sul, com as tentativas para escamotear as raízes socioeconómicas do colonialismo e da escravatura e impedir uma avaliação rigorosa da tragédia que representou o "holocausto africano", com consequências que ainda hoje se fazem sentir na vida dos povos do continente. Deve o tráfico negreiro, que atingiu provavelmente mais de cem milhões de africanos, ser caracterizado como "crime contra a humanidade"? Faz sentido a reivindicação de "compensações" materiais? O "pedido de desculpas" apresentado pela Alemanha é mais que simples cálculo político? Tudo isto está em apaixonada discussão. É, porém, necessário que não seja ofuscado o principal, ou seja, a imperiosa necessidade de pôr definitivamente termo ao ciclo



de opressão e exploração "Norte/Sul" que a era colonial inaugurou e que hoje prossegue sob novas formas, com a recolonização imperialista. O que significa acabar com o garrote de uma Dívida que já estava mais que paga antes de ser contraída, acabar com o espoliador sistema de trocas desiguais, acabar com os impiedosos "programas de ajustamento estrutural" do FMI/BM e as ruinosas imposições da OMC e das multinacionais, acabar com o florescimento de mafias do mais variado tipo alimentadas pelo mercado capitalista.

Mas para acabar com tudo isto é necessário pôr fim ao próprio capitalismo o que passa por manter bem viva a memória do cortejo de injustiças e crimes que o sustentam. Ora é isso precisamente que as grandes potências "ocidentais" procuram impedir em Durban, reduzindo a tragédia colonial e a escravatura a um acidente histórico "condenável" como tantos outros, escamoteando cinicamente a sua natureza de classe e fundas raízes no modo de produção capitalista, que Marx tão lapidarmente evidenciou: "A descoberta de terras de ouro e prata na América, o extermínio, escravização e enterramento da população nativa nas minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais, a transformação de África numa coutada para a caça comercial de peles negras, assinalam a aurora da era da produção capitalista. Estes processos idílicos são momentos principais da acumulação original" (Karl Marx, "O Capital", Livro 1.º, Tomo III, pág. 848, Edições "Avante!").

Editorial

FESTA E LUTA

Amanhã é dia de Festa: o primeiro da vigésima quinta edição da Festa do Avante que, sublinhe-se – quanto mais não seja para repetir uma verdade que muitos querem ver esquecida – constitui o maior e mais importante acontecimento partidário político-cultural do nosso País. É visível a olho nu, o significado político e partidário desta realização, a singularidade que esta Festa é no panorama nacional, a importância decorrente do facto de ela ser fruto do trabalho, da dedicação, da criatividade dos militantes comunistas – militantes do Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, do Partido da verdade, da esperança e do futuro. Tratando-se de uma festa organizada por um partido político, que atrai a presença de dezenas de milhar de visitantes não filiados nesse partido, que é a maior concentração de jovens em iniciativas deste género – tratando-se de tudo isto, natural seria que os restantes partidos políticos nacionais fizessem, também eles, coisa semelhante. Não o fazem. Não tentam, sequer, fazê-lo. E entre este fazer a Festa do Avante, que o PCP faz, e o não tentar sequer fazer nada de semelhante, por parte de todos

“A Festa constitui um momento alto da vida do colectivo partidário”

os outros partidos, encontra-se uma expressão concreta da diferença existente entre o PCP e as restantes formações partidárias. Com as suas características específicas, com a sua grandiosidade e beleza, nascida do esforço de milhares de vontades, integrando a luta pela liberdade, pela democracia, pela justiça social, pela felicidade e pelo bem-estar do nosso povo – a Festa do Avante! é obra de um gigantesco esforço colectivo, só possível num partido com sólidas raízes implantadas no País, no povo e nos mais profundos anseios e aspirações populares.

A situação política nacional, as perspectivas de intervenção e de luta, a procura dos caminhos conducentes à derrota da política de direita e à sua substituição por uma política de esquerda, estarão presentes na Festa: nas exposições centrais e das organizações regionais, nos múltiplos debates que se efectuarão e, essencialmente, no Comício de Domingo à tarde, através da intervenção do Secretário-Geral do Partido, Carlos Carvalhas.

Não se trata de uma *rentrée*, do regresso à actividade depois de um interregno: trata-se, isso sim, de fazer a ponte entre o ano político que finda no primeiro dia da Festa – ano de intervenção e luta – e o que no terceiro dia terá início, também ele de intervenção e luta; trata-se, enfim, da afirmação frontal, firme e determinada de que a luta continua. Nesse sentido,

a Festa constitui um ponto alto da vida do colectivo partidário: porque ela é uma demonstração das suas capacidades de militância, criatividade e entrega, um exemplo concreto da força do trabalho colectivo.

Diferentes são, e muito, as *rentrées* dos outros partidos políticos: diferentes na forma, no conteúdo, na *atitude...* como parece ter passado a ser hábito dizer-se, transferindo a palavra da linguagem futebolística para o vocabulário político. O comício do PS, em Valença, no passado fim-de-semana, é disso exemplo. Reafirmando a disposição de dar continuidade à política de direita que tem vindo a praticar – e tendo em preparação um Orçamento de Estado que, tudo o indica, visa assegurar essa continuidade – o Primeiro-Ministro apelou «aos partidos da oposição (para que) tenham em conta o interesse nacional no assumir das responsabilidades». Em nome da «estabilidade», como é costume nestas situações.

«Interesse nacional» e «estabilidade»: eis duas ideias-chave do discurso de António Guterres. Em abstracto ninguém discordará delas; no concreto, bem diferente é a situação concreta. Mostra a realidade que o «interesse nacional» defendido pelo Governo do PS não difere, no essencial, do que PSD e o CDS/PP defendem: a preocupação prioritária com os interesses dos grandes grupos económicos, a submissão total aos ditames dos grandes da Europa e do Mundo, a alienação de pedaços significativos da soberania nacional – pelo que, ter em conta o interesse nacional de facto, implica lutar contra as concepções e práticas políticas do Primeiro-Ministro e do Governo a que preside.

O mesmo poderá dizer-se no que toca à «estabilidade» invocada pelo engenheiro Guterres: acalmia social e política; aceitação passiva, por parte dos trabalhadores, da aplicação da política de defesa dos interesses dos grandes e dos poderosos; luz verde e portas abertas para que a política de direita faça, serenamente, a sua marcha triunfal. Sabe o Primeiro-Ministro, tão bem como qualquer outro cidadão, que a política de direita levada à prática, quer pelo seu Governo quer pelos anteriores governos do PSD, constitui o principal foco de instabilidade política e social – e que as consequências dessa política são as principais geradoras de instabilidade no seio da maioria das famílias portuguesas.

Amanhã é, então, o primeiro dia da Festa, da vigésima quinta, que, como todas as anteriores, será Festa de alegria e de cultura, de amizade e de internacionalismo, de convívio e de fraternidade – por isso, de luta, de luta que vai continuar nas múltiplas frentes onde é necessário que continue: por um bom resultado da CDU nas próximas eleições autárquicas, por uma política de esquerda, por melhores condições de vida e de trabalho, por uma vida melhor para todos os portugueses, por um País melhor num Mundo melhor.

Actual

Fiquem-se

• Jorge Cordeiro

A última semana foi fértil em revelações à direita dos respectivos candidatos autárquicos a Lisboa. De uma assentada ficou a saber-se que um se arrisca a ficar como candidato (com a determinação de quem o que mais ambiciona é ver-se livre dessa condição) e que o outro declarou já a sua intenção de não ficar para se dedicar aos problemas da cidade, a não ser que vença, o que pode muito bem constituir o aviso prematuro de uma partida anunciada.

A afixação do cartaz de candidatura de Paulo Portas à Câmara de Lisboa, o novo e mediático episódio da novela em cena, arrisca-se a constituir a mais enigmática peça da corrida do líder do PP ao município da capital. Depois do anunciado périplo pelas 53 freguesias da cidade e da laboriosa missão, não isenta de perigos que é justo sublinhar, de escalar pelas fachadas dos prédios degradados para afixar nas varandas a marca da sua candidatura, esta novidade de agora anunciada pelo categórico

«eu fico» não deixa de despertar curiosidade. Mas também alguma perplexidade. A levar à letra a determinação posta no momento da apresentação do cartaz, tender-se-ia a interpretá-la como uma declaração de que se manterá na corrida eleitoral. Um género de eu fico, daqui ninguém me tira. Um fico de ficar, de se não ir, não abalar. O



que não deixa de ser curioso e contraditório se se levar em conta a indistigável tentativa de forjar uma escapatória ensaiada em Vagos, a troca de um acordo para as legislativas pela sua candidatura, proposta a Durão, para procurar fugir ao que está envolvido. O que a levar à letra significaria que o «eu fico» do cartaz pode bem mais querer significar «eu fico à espera de

me ver livre desta» do que a intenção de ficar que o primeiro gesto teria dado a entender.

Quanto a Santana, foi já avisando que o seu perfil não se adequa a desideratos menores pelo que tudo o que for abaixo da presidência não é razão bastante para ficar. Pelo que se irá. Uma forma esclarecedora de reabrir a sua intervenção eleitoral após os primeiros desenvolvimentos caracterizados pelo mau gosto e falta de ideias reveladas pelos cartazes da sua campanha. Entalados entre a disputa pela hegemonia à direita e a luta pela liderança do PSD, Portas e Santana estão, cada a um à sua maneira, à beira de ficar naquela situação de quem não tem nada para oferecer de novo à cidade naquilo que se joga quanto ao seu futuro em Dezembro. Cidade que precisa bem mais dos que se dispõem a continuar do que daqueles que se fiquem, enredados em projectos e ambições a que a disputa de Dezembro é alheia.

A rentrée e o Jardel

• Carlos Gonçalves

O facto mediático destes dias foi a contratação de Jardel pelo Sporting e as situações envolventes, nomeadamente as tristes manifestações dos adeptos, ilustrando a dimensão e gravidade da alienação – instrumento de poderes dominantes.

E se já nem se estranha que a Política – com P grande e a dignidade de se assumir como intervenção em prol dos interesses colectivos – seja relegada para segundo plano pelo nacional-mediatismo, para benefício do futebol e negócios correlativos, ainda surpreende a ironia de, neste caso, ter saído algo menorizada a *rentrée* dos partidos que, em bloco central, formal ou inorgânico, nos têm (des)governado.

Talvez por isso, para surfar a onda mediática de Jardel, ou em resultado da futebolização deslizante da politiquice, o facto é que, na *rentrée*, PSD e PS abusaram do futebolês e dos truques do futebol profissional que temos por cá.

No caso do PSD vale a pena relatar duas jogadas.

Primeira, gritou Barroso – o Jardel sou eu. Sou o pontade-lança salvador dos laranjas e não o António Borges, ou qualquer outro avançado, e agora, finalmente, vou marcar golos no desafio das autárquicas. É preciso é pôr a equipa a jogar para mim.

Segunda jogada, de novo o Barroso – não é que a nossa equipa tenha políticas diferentes, mas contamos adormecer o PS até que ele meta

golo na própria baliza, ou então enganar o árbitro. E ganhar o campeonato.

E do PS, estas três jogadas.

Primeira, disse Guterres, chamado agora «o tranquilo» – «o jogo tem 90 minutos e o campeonato 34 jornadas», deixem-nos trabalhar (já dizia o Cavaco), com «estabilidade» seguramos os boys e o poder e pode haver um milagre. E ganhamos o campeonato.

Segunda jogada – o queijo limiano já garantiu o Orçamento, mas é preciso fazermo-nos vítimas da falta de espírito desportivo das outras equipas, para enganar o pagode e ser beneficiado pela arbitragem.

Terceira, ainda Guterres – quanto a políticas há o betão e a internet, que a reforma fiscal já era, mas temos uma «equipa renovada e reforçada» e eu faço de Jardel. E já temos o Coelho para me passar as bolas até 2003.

Tudo claro. A *rentrée* do PSD e do PS nada trouxe de realmente novo à altura dos problemas que afectam os trabalhadores e o País. Sobram apenas as politiquices, rosa ou laranja, truques e caneladas no campeonato dos tachos e no serviço dos grandes interesses.

E vão sobrar os golos (reais) do Jardel.

E é de novo na Festa do Avante que a política se reconcilia com a verdade e as grandes causas da liberdade e do progresso social.



O paciente português

• Leandro Martins

Não se trata de um título para um filme português a apresentar-se em Veneza ou num lugar qualquer da estranha, onde os filmes portugueses parece terem muito melhor aceitação do que por cá, onde as salas, vinculadas à distribuição norte-americana, raramente passam as fitas lusitanas. Nem foi um acesso patrioteiro que pudesse levar-me a desfigurar um qualquer «paciente inglês» e a trocá-lo por um doente nascido e criado no ocidente da Península. O texto vem a propósito de um... holandês, a quem o Tribunal Europeu, com as devidas demoras, reconheceu o direito de ser tratado num hospital austríaco. O sr. Peerbooms, vítima de acidente de automóvel em 1996, tendo ficado em coma num estabelecimento hospitalar da sua pátria, foi enviado para

a Áustria, onde foi tratado, recuperando do coma e sendo reexpedido para a Holanda. A família teve de pagar o tratamento, mas, como bons holandeses ciosos dos seus direitos, recorreram para o Tribunal Europeu que, passados anos, lhes deu razão.

O pior – ou o melhor de tudo isto – é que criaram um «precedente». Agora, à luz do acórdão do Tribunal Europeu, qualquer cidadão da Europa tem – terá? – a possibilidade de ser tratado em outro país da comunidade.

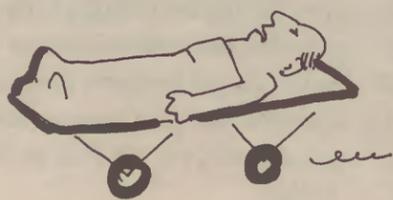
Mais devagar, dizem os governos. Outros, fazendo contas, acham que tudo deve mudar o mais depressa possível. Na Inglaterra, por exemplo,

a coisa bateu fundo, e o reino de Sua Majestade fez com que o debate se alargasse a grande parte dos países europeus. Quer o governo britá-

nico que possam – eles – «exportar» doentes e «importar» médicos. A Comissão Europeia ainda não se pronunciou, mas a grega Anna Diamantopoulou, comissária para os Assuntos Sociais, não esperou por isso e adiantou que, se «a saúde pública é um serviço público como qualquer outro e quando há atrasos muito grandes o paciente deve receber esse tratamento de outros estados». E acrescentou: «Estas actividades não se podem excluir da livre circulação de pessoas e serviços na União Europeia.»

Por cá, o obediente ministro Correia de Campos não adianta nada antes de a Comissão Europeia se pronunciar.

No entanto, o paciente português, que muitas vezes tem de se deslocar – a expensas próprias se houver dinheiro que chegue – para ser tratado no estrangeiro, não se fará rogado. O País já importa pessoal médico e de enfermagem. Os doentes, esses, têm de se exportar a si mesmos.



Frases

“Por mais que ele se esfalte, esbraceje e berre, e se declare muito indignado com os males da Pátria, o único objectivo político do dr. Paulo Portas é chegar ao Governo (...) Ora, para isso, precisa do PSD e, como o PSD notoriamente o odeia, precisa de estabelecer, sem margem para dúvidas, que só com ele a Direita consegue remover o PS.”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 01.09.01)

“Este novelo de intriga, de cálculo e de pose é o fiel retrato do PSD e do PP e da pequena gente que por lá tenta trepar ao pau de sebo. O dr. Paulo Portas anunciou que “ficava”. Ele que fique. Por aí.”

(idem, *ibidem*)

“Portas é o político português mais odiado pelas bases do PSD e mais temido por Durão. Os pares da direita estão, de resto, desencontrados. Durão só quer Monteiro. Portas só funcionaria com Santana.”

(João Morgado Fernandes, *ibidem*)

“Já se percebera que as eleições autárquicas se haviam convertido, para o centro-direita, num festival de calculismo político, cinismo partidário e desconfiança pessoal.”

(José António Lima, *Expresso*, 01.09.01)

“É tempo de os jornalistas compreenderem que existem pequenos e grandes dramas pessoais de que são eles os responsáveis.”

(Henrique Monteiro, *ibidem*)

“As Finanças dão como comprovada a previsão de um défice orçamental, com base num erro grosseiro – mas feliz – de uma previsão anterior e por, também previsíveis, surpresas – desagradáveis ou agradáveis – na despesa pública. Prognósticos, como dizia o outro, só mesmo no fim.”

(Francisco Azevedo e Silva, *Diário de Notícias*, 04.09.01)

“Só tenho pena que as televisões concebam os portugueses como idiotas e tarados que entre as oito e a meia-noite subalugam o cérebro por tão pouco (...) Mantenho que o mal da televisão não é a televisão mas a classe medíocre e inculta que tomou conta do poder.”

(Francisco José Viegas, *ibidem*)

“As televisões, tantas vezes armadas em árbitros da moral pública, mentem mais do que os políticos, são mais arrogantes do que os universitários, mais depravadas do que os patrões de bordel, mais cúpidas do que os proxenetes e mais imorais do que os traficantes. A televisão portuguesa representa o mais violento atentado contra a cultura.”

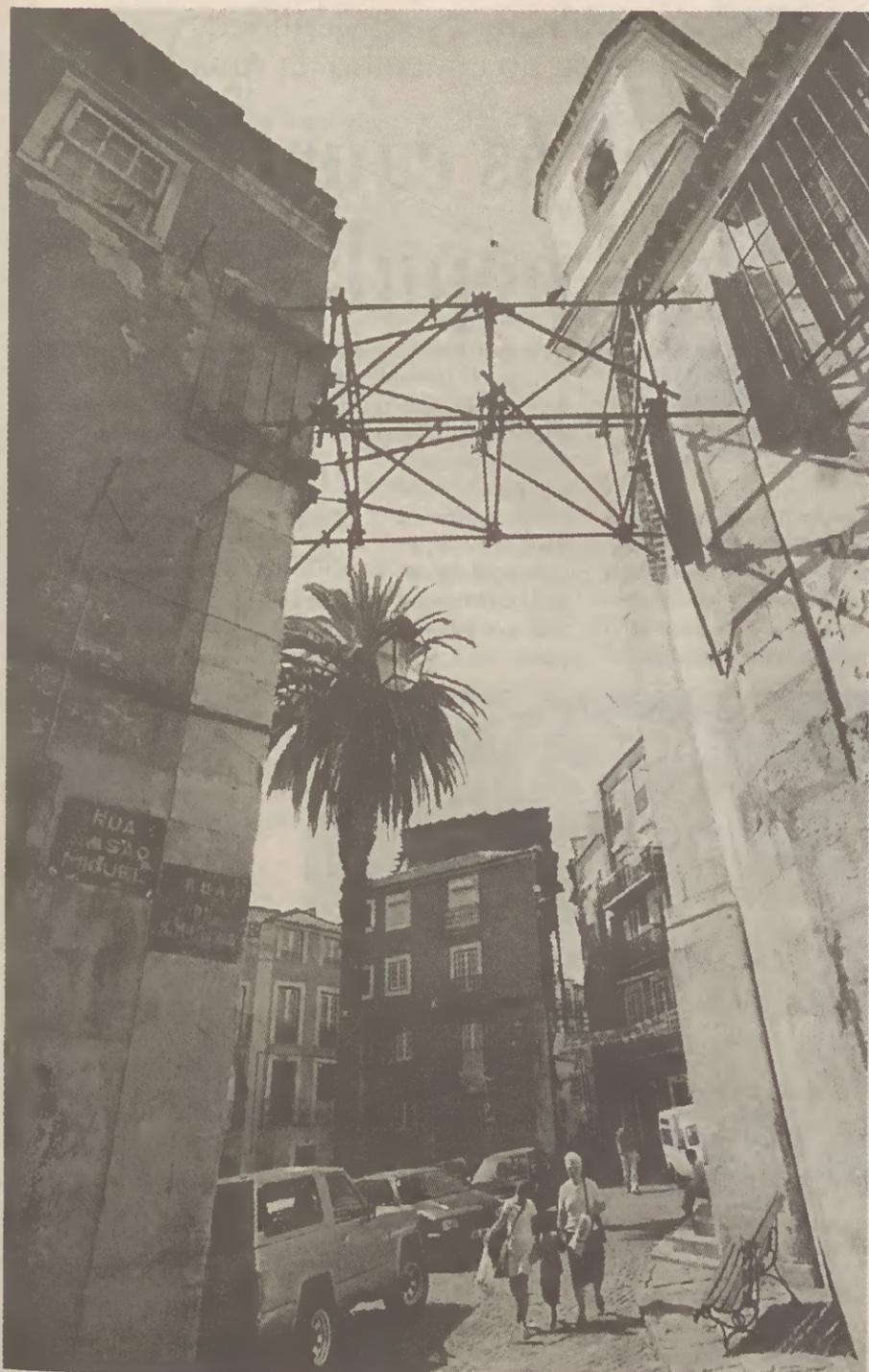
(António Barreto, *Público*, 02.09.01)

“Sobre o que os portugueses esperavam ouvir, António Guterres nada disse em Valença. E a forma, aliás patética, como ontem os militantes foram abandonando o recinto à medida que o primeiro-ministro falava mostra bem como, apesar de não haver crises no horizonte, o vazio se não preenche.”

(Luís Miguel Viana, *Público*, 03.09.01)

“Seis longos dias ao relento no Índico. São mais de 400 pessoas, a maioria refugiados do Afeganistão. A Austrália não os deixa entrar. A única mão que receberam foi do país mais pobre do mundo, Timor. Num mundo global, a cidadania parece ser cada vez mais de lugar-rejo.”

(Helena Garrido, *Diário Económico*, 01.09.01)



Reabilitar a vida da cidade

A vida não é fácil no bairro de Alfama. A população está envelhecida e muitas das casas não sofrem intervenções há várias décadas. Virgílio Teixeira, actual presidente da Junta de Freguesia de São Miguel, conta que, um dia, acordou com o tecto em cima.

A resolução, todos concordam, não é fácil, pois existem impedimentos de várias ordens. Virgílio afirma que, «se por um lado haverão alguns métodos da CML – e da administração pública em geral – que deverão ser repensados, por outro há um problema que nem todos os meios do mundo conseguem resolver: se um proprietário quiser deixar cair o seu prédio, não há legislação que o impeça».

Ainda assim, o autarca espera que, com o fim das barracas em Lisboa, os meios municipais e públicos – conduzidos actualmente para o PER – passem a ser canalizados para a reabilitação das zonas históricas e, nomeadamente, do bairro de Alfama. Para isso, afirma, é necessário que se estipulem prazos claros.

O presidente da Junta de Freguesia de São Miguel tem a convicção de que a manutenção do pelouro nas mãos do PCP é indispensável neste processo de reabilitação, pois

será um garante de que este será feito a pensar nos seus habitantes e não na especulação imobiliária e turística. «É indispensável que se mantenha aqui a mesma cultura, que se preserve o mesmo espírito de bairro», afirma.

Contribuir para o bem-estar

«O trabalho que tem sido feito na reabilitação urbana é um trabalho bastante positivo», mas há quem pegue em «meia dúzia de casos e os empole», afirmou o autarca, dando o exemplo de «um edifício cujas obras pararam há cerca de 12 anos por falência do empreiteiro; as pessoas falam desse edifício, mas nem reparam que, na mesma rua, já foram reabilitados outros três». Sobre o estado dos planos de intervenção no bairro, Virgílio afirma que, «neste momento, estão identificados todos os problemas» e alguns dos projectos já foram iniciados.

Quanto às juntas, trabalham para minorar os problemas sentidos pelos inquilinos nas suas casas. Lurdes Pinheiro conta que em várias reuniões com o vereador responsável pelo pelouro da reabilitação urbana, António Abreu, ficou decidido que

qualquer obra de custo inferior a 500 contos, realizada nas habitações, não precisa de autorização do município. A Câmara atribui uma verba anual e, mediante a apresentação do relatório do que foi feito, a Câmara pode, segundo o protocolo assinado entre Câmara e juntas, ceder mais cinquenta por cento do valor combinado. Só neste ano, e até ao fim do mês de Agosto, já foram gastos mais de dois mil contos em pequenas intervenções nas ruas e em mais de trinta habitações particulares.



Os autarcas e candidatos do PCP nas duas freguesias de Alfama têm desempenhado um importante papel no minorar dos problemas sentidos pelos moradores do bairro

Comunistas de Alfama reforçam o Partido e trabalham com as populações

Mais perto das pessoas

Alfama, um dos históricos bairros de Lisboa, famoso pelos fados, marchas e sardinhas, é palco de uma experiência autárquica que importa divulgar. O Avante! foi ao encontro de alguns eleitos e candidatos do PCP das freguesias de São Miguel e Santo Estêvão, protagonistas maiores dessa experiência, que falaram sobre como conseguiram pôr as pessoas a intervir para resolver os seus problemas e de como o reforço do Partido ajudou a dinamizar este trabalho.

As grandes figuras desta experiência, levada a cabo pelo PCP, são as comissões locais, nascidas a partir de um desafio lançado pelo vereador comunista da Câmara de Lisboa, António Abreu, às populações, para que se juntassem e trabalhassem – numa reunião com habitantes do bairro para discutir a questão da reabilitação urbana e dos problemas nas habitações. Dessa reunião saíram oito grupos formados por cerca de cinquenta pessoas – das setenta que estiveram presentes na reunião – das várias áreas das duas freguesias, que ficaram responsáveis por, nas suas zonas, levantarem os problemas existentes.

Lurdes Pinheiro, tesoureira da Junta de Freguesia de Santo Estêvão e cabeça de lista às próximas eleições, afirma que «é mais fácil as pessoas dizerem-nos quais os problemas que enfrentam do que nós estarmos em todo o lado».

Assim, «se falta uma lâmpada ou há um telhado a cair, nós sabemos e agimos», afirma, concluindo que «toda a gente tem que estar vigilante».

Quando veio para o bairro como eleita, há cerca de qua-

tro anos, Lurdes reparou que as pessoas não se envolviam na resolução dos seus problemas: «Iam à Junta, queixavam-se dos seus problemas e pronto, iam-se embora. Não estavam habituadas a participar.»

Depois da reunião com o vereador António Abreu – de onde saiu o compromisso, cumprido, de que estas reuniões se realizassem periodicamente – e da formação das comissões locais, passou a haver outra forma de participação. Lurdes conta que, numa reunião para discutir a segurança e o ordenamento do trânsito, voltaram a aparecer outras setenta pessoas, que fizeram propostas concretas, levando-a a concluir que, «quando se trata de discutir assuntos concretos e problemas sentidos, as pessoas aderem».

Para além das comissões locais, as juntas das duas freguesias reforçaram a sua ligação às colectividades, realizando actividades conjuntas, nomeadamente excursões para idosos, festas e várias iniciativas para as crianças.

●Gustavo Carneiro
texto
●Jorge Cabral
fotos

Mas nem sempre foi assim. Ambas as freguesias, dirigidas por autarcas comunistas desde a fundação do poder local democrático, atravessaram, durante anos, outra realidade. A diminuição da influência do Partido no bairro acarretou uma baixa da produtividade das autarquias.

Reforçar o Partido

Manuel Inácio, o mais velho dos presentes, explica o sucedido. O fim do sector portuário provocou o enfraquecimento do Partido em Alfama, considera este antigo trabalhador do porto, de 61 anos. «Tínhamos uma grande célula no sector portuário, com muita gente oriunda de outras regiões que aqui se habituaram a participar connosco e a votar em nós.» Com o fim do sector, afirma Manuel Inácio, candidato nas listas

«Se falta uma lâmpada ou há um telhado a cair, nós sabemos e agimos»

da coligação à freguesia de São Miguel, acabou muita da força do Partido no bairro de Alfama, «até porque muita dessa gente regressou às suas terras de origem», lembrou outro dos candidatos presentes, Vasco Joel Pereira, candidato em Santo Estêvão.

Também a ausência de um Centro de Trabalho na zona – o antigo foi transformado na «Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa» – contribuiu para desmobilizar as hostes comunistas. «Os militantes envelheceram e não vão até à Graça ou ao Vitória para reunir», queixa-se Manuel Inácio.

Desde há quatro anos que a situação se tem vindo a alterar, afirmam os candidatos, que realçam o papel indispensável da cabeça de lista à freguesia de Santo Estêvão, Lurdes Pinheiro, no reforço da organização partidária. A candidata, igualmente responsável pela organização do PCP no bairro, rejeita os louros e lembra que «havia comunistas no bairro, só que não eram contactados». Depois, a partir dos membros mais activos, os eleitos, começaram-se a fazer os esforços para se chegar aos militantes. Hoje, «e não é de mais dizê-lo, temos um núcleo de cerca de 12 camaradas em cada freguesia que reúne periodicamente», lembra Lurdes. «Não falando dos outros», remata.



CDU anuncia candidatos

Reunida a 29 de Agosto, a Coordenadora Concelhia da CDU decidiu por unanimidade apresentar João Oliveira como candidato da CDU à presidência da Câmara de Almodôvar, de maioria PS.

De 42 anos, João Oliveira é engenheiro agrónomo e ocupa a tempo inteiro desde 1989 o lugar de vereador na Câmara Municipal de Serpa, tendo sido responsável por diversos pelouros e diferentes áreas, entre as quais a das candidaturas aos Programas Operacionais e a do sistema de abastecimento público de água aos concelhos de Serpa e Mértola a partir da Barragem de Enxóe.

Como autarca, é membro do Conselho de Administração da Associação de Municípios do Alentejo para a Gestão do Ambiente (AMALGA), da Associação de Municípios da Margem Esquerda do Guadiana

(AMMEG), do Conselho de Bacia Hidrográfica do Guadiana e da Comissão Técnica de Acompanhamento do Plano de Ordenamento das Albufeiras de Alqueva e Pedrógão.

No plano partidário, João Oliveira é membro do PCP e da sua direcção regional de Beja, bem como da Comissão Nacional para as Questões da Água e, no plano regional, do grupo de trabalho para as questões da Agricultura.

Em Loures, a CDU apresentou Maria Eugénia Coelho como candidata à Assembleia Municipal. Professora do Ensino Básico em Fanhões, a candidata da CDU foi presidente da Associação de Pais da Escola Bartolomeu Dias, em Sacavém, e da Assembleia de Freguesia da Apelação e foi também dirigente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

Belmonte Uma gestão ocasional

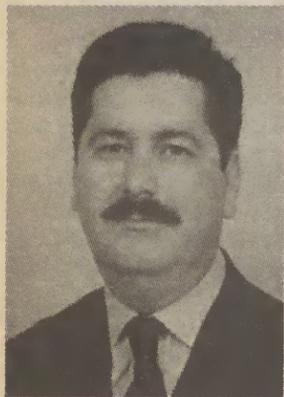
A CDU apresentou, no passado sábado, Carlos Duarte Afonso e Maria Dulce Pinheiro como candidatos aos órgãos municipais do concelho serrano de Belmonte. Funcionário público e militante do PCP desde 1974, o candidato à Câmara fez uma caracterização da situação política do concelho, lembrando a dança de cadeiras existente nos dois maiores partidos do concelho – em que actual presidente, eleito pelo PSD, já anunciou a sua candidatura pelas listas do PS – e afir-

nadamente sem se vislumbrar a sua execução». Esta situação, na opinião de Carlos Duarte, deve-se à fraca capacidade de reivindicação e de realização dos dois partidos com responsabilidade de gestão no município.

A única política que produziu resultados terá sido a da projecção turística do concelho, visto que mais gente visita Belmonte. Contudo, «nada se fez para aproveitar este afluxo de turistas ao nível comercial; nada se fez para cativar esse potencial financeiro».

Às promessas feitas pelo actual presidente, que assumiu as funções há pouco mais de um ano, o candidato da CDU considera-as puro eleitoralismo, pois o presidente encontra-se há «oito anos na gestão municipal a tempo inteiro e não resolveu aquilo que agora promete resolver».

A busca de investimentos «que fortifiquem e deixem raízes para o futuro» e a criação das condições para a instalação no concelho da indústria de confecções são apenas algumas das propostas apresentadas pelo candidato, que é membro da direcção distrital do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública e antigo vereador da autarquia.



Carlos Duarte

mou a certeza da CDU de que «a firmeza de princípios e de convicções é um valor e não um obstáculo». Quanto à gestão, é «ocasional sem qualquer tipo de estratégia de desenvolvimento, onde os grandes projectos se adiam indetermi-

Governo e autarquia partilham responsabilidades pela degradação da segurança no concelho da Amadora

Combater as causas proteger as populações

Uma delegação da CDU, integrando o candidato António Filipe, encontrou-se com o comandante da divisão da PSP da Amadora no passado dia 31 de Agosto para discutir as questões da segurança no concelho.

Depois da reunião com o responsável pela força de segurança do concelho, o candidato, num encontro com jornalistas, acusou o PS de usar da «mais despidorada demago-

Joaquim Raposo para liderar a autarquia, o «actual presidente da Câmara depositava o cumprimento das suas promessas nas mãos do governo PS, onde pontificava o seu “amigo”

problemas de insegurança no concelho e a pretender «sacudir a água do capote quanto às responsabilidades que tinha prometido assumir e a culpar o Governo e o Ministério da Administração Interna pela intranquilidade em que vivem as populações».

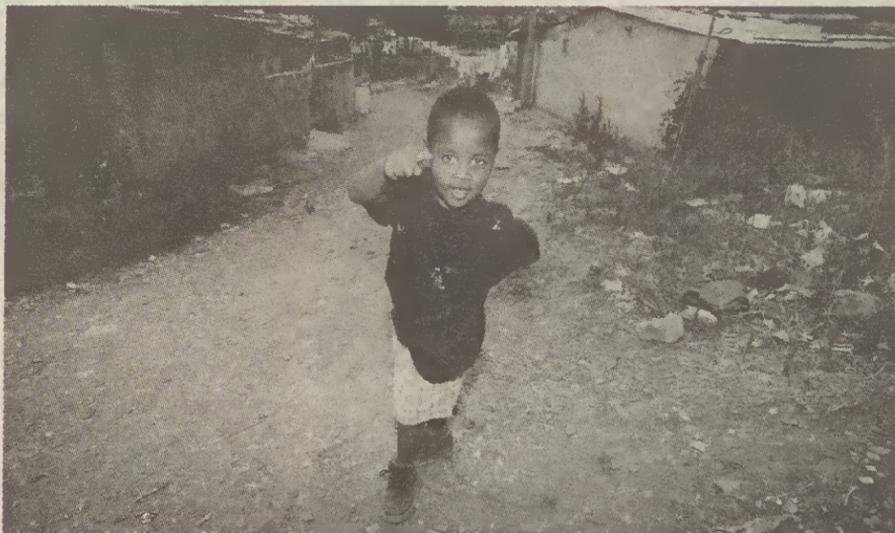
Propostas adequadas

Apesar destas responsabilidades e das promessas da autarquia e do PS, vive-se actualmente um agravamento da situação que faz com que, nos últimos anos, «a Amadora apareça mais na comunicação social por proble-

O PS na CMA empurra para o Governo as responsabilidades dos seus erros

mas de criminalidade do que por realizações positivas da sua Câmara Municipal, que escasseiam», afirmou António Filipe.

Acompanhado na visita por Carlos Chaparro, do Comité Central do PCP, e pelos vereadores João Bernardino e Fernando Pereira, o cabeça de lista da CDU prometeu que se baterá pelo avanço decisivo dos programas de realojamento «que permitam eliminar os guetos urbanos que são hoje responsáveis por perigosos focos de criminalidade». Outras propostas da coligação prendem-se com a necessidade de se conter os índices de construção habitacional no concelho, dando prioridade à construção de equipamentos de utilização colectiva e à criação de espaços de convívio e lazer e com a melhoria do ambiente urbano e da iluminação pública. Dinamizar o funcionamento do Conselho Municipal de Segurança – promovendo a participação das comunidades locais –, fiscalizar o funcionamento dos locais de diversão nocturna e promover políticas de integração social das populações imigrantes foram também propostas apresentadas por António Filipe.



As autarquias têm a obrigação de criar condições para a requalificação urbana, impedindo a criação de guetos, bem como de promover a ocupação de tempos livres dos jovens

gia» nesta questão. Há quatro anos, pouco antes das eleições, os candidatos do PS «não hesitavam em atribuir à Câmara, então de maioria CDU, a responsabilidade pela falta de segurança no concelho, que entretanto se encarregavam de pintar em tons carregados». Após a eleição do PS e de

Jorge Coelho e manifestava-se confiante na resolução dos problemas de segurança no concelho».

Hoje, quase no fim do mandato, verifica-se que, «perante novos agravamentos da situação de segurança na Amadora», apareceu Joaquim Raposo a reconhecer o aumento dos

Para a CDU, ambos têm responsabilidade. Ao governo exige-se uma política de policiamento de proximidade, capaz de assegurar melhores condições de segurança e de tranquilidade das populações e, à Câmara Municipal, mais firmeza na reivindicação de um policiamento adequado. Para além disso, a autarquia deve criar condições de requalificação urbana que impeçam a criação de guetos e de promover uma acção social, educativa e de ocupação de tempos livres dos jovens, que contribuam para a prevenção da criminalidade e da delinquência».

Amares Uma força prestigiada

José Antunes, membro do Comité Central do PCP, é o cabeça de lista da CDU à presidência da Câmara Municipal de Amares, no distrito de Braga. Anunciada na segunda-feira, a candidatura da coligação propõe-se a eleger

divergem das nossas propostas e ideias, a coordenadora concelhia da coligação lembrou que, mesmo com um só eleito na Assembleia Municipal, somos proponentes e intervimos sempre na defesa dos interesses do concelho».

A coordenadora concelhia da CDU considera fundamental «dar particular atenção à revisão em curso do PDM, para que em todas as freguesias sejam libertados terrenos para a construção de habitações», com uma definição rigorosa das zonas urbanas e industriais, de forma a impedir as actuais misturas de implantação de habitações junto a indústrias.

Propor a candidatura à construção de habitações para renda social nos principais núcleos do concelho é outra das prioridades, a par da exigência de ligação rodoviária à A3 e da modernização das vias municipais. A CDU considera também importante que se construam ETAR's e que se fomente o desenvolvimento cultural e económico de Amares e dos amarenses.



José Antunes

um vereador para ao Executivo Municipal, com a convicção que, «uma vez eleito um vereador da CDU, a Câmara Municipal de Amares será inevitavelmente diferente».

Considerando que a CDU é «indiscutivelmente uma força política prestigiada e reconhecida, mesmo por aqueles que

Góis Servir o povo e o concelho

José Barata, de 45 anos e membro do PCP desde 1974, é o candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Góis, no distrito de Coimbra.

Apresentado no passado dia 28 de Agosto juntamente com José Barata Fernandes, candidato à Assembleia Municipal, José Barata afirmou que é necessário lembrar a população que, nas eleições autárquicas, se elegem no concelho 59 candidatos e não apenas presidentes. «A população deve saber que todos os votos são úteis e que a democracia é a vontade do povo, ou seja, a vontade de todos» e, como as eleições em Góis se têm disputado apenas entre o PS e o PSD, a CDU «apresenta-se nestas eleições com o objectivo claro de lutar contra este

estado de coisas, ou seja, para que tenha representantes na Assembleia Municipal, assembleias de freguesia e, se possível, na Câmara Municipal».

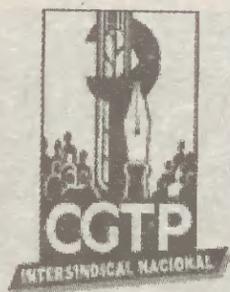
Para atingir este ambicioso objectivo, o candidato afirmou que a CDU escolheu «candidatos naturais ou descendentes do nosso concelho, com provas dadas e ligados profundamente ao grande movimento regionalista, grande baluarte no desenvolvimento do nosso concelho ao longo do século XX», candidatos que «não procuram qualquer tipo de benefícios ou promoções pessoais».

Servir o povo e o concelho foi a única promessa apresentada, sendo que o programa eleitoral será apresentado mais tarde.

Preparar um ano que não é fácil

Conferência dia 20

A conferência nacional de 20 de Setembro, para definir os conteúdos reivindicativos e a estratégia de acção para 2001-2002, destaca-se na agenda da CGTP-IN para os próximos meses.



Na segunda-feira, reuniu a Comissão Executiva, para preparar o Conselho Nacional de ontem. A CGTP iniciou assim a apreciação do ano sindical que terminou em Agosto e a definição dos conteúdos reivindicativos e das orientações para o período que se inicia agora. Os dirigentes da central definiram propostas e reivindicações relativamente a salários, emprego, formação e qualificação profissionais, horários de trabalho, férias, efectividade das leis laborais, igualdade no trabalho, trabalho por turnos, saúde e segurança no trabalho, negociação colectiva, reforma fiscal, regulamentação da lei de bases da Segurança Social e sustentabilidade financeira do sistema, bem como as políticas de ensino e saúde – de acordo com a nota que anunciava a reunião de ontem.

A Conferência Nacional extraordinária, a 20 de Setembro, deverá contar com a participação de cerca de mil activistas e dirigentes sindicais, e será voltada para a dinamização da acção rei-

vindicativa. Amável Alves, que na direcção da Inter é responsável por esta área, considerou, em declarações prestadas à Agência Lusa, que a realização da conferência é já um sinal de que o próximo ano sindical «não vai ser fácil» e explicou que a CGTP decidiu fazer um particular esforço de mobilização dos activistas envolvidos em processos reivindicativos, para discutir a estratégia a desenvolver e para preparar a resposta às dificuldades com que, ao que tudo indica, os trabalhadores se vão defrontar.

Para a CGTP, no ano sindical que terminou os **trabalhadores perderam poder de compra**, porque os aumentos negociados não previam a derrapagem da inflação. Os aumentos conseguidos através da contratação colectiva foram, em média, de quatro por cento, no sector privado, e de 3,8 por cento, na Administração Pública. Mas, segundo a central sindical, esta evolução corresponde a uma diminuição do poder de compra, porque a inflação

média deste ano deverá situar-se entre os 4,2 e os 4,6 por cento.

A CGTP vai continuar a bater-se por «aumentos salariais justos, adequados à situação económica», que tenham em conta a inflação, a produtividade e as perdas de 2001. A introdução física do euro, em Janeiro, «já está a agravar a pressão inflacionista», alertou Amável Alves, referindo ainda o comportamento do patronato em Portugal e as 50 medidas de «contenção da despesa pública» como outras preocupações para os próximos tempos. «Este ano foi duro, mas prevemos que em 2002 a adversidade seja maior, por isso temos de nos preparar convenientemente», disse o sindicalista.

Na agenda para os próximos meses incluem-se ainda o 31.º aniversário da CGTP-IN, a 1 de Outubro; a conferência da Interjovem, em 12 e 13 de Outubro; e uma conferência sindical nacional sobre a política de saúde, em Novembro.

A derrapagem da inflação anulou os aumentos salariais

Greve no Aeroporto

Os trabalhadores encarregados de recolher e arrumar os carrinhos porta-bagagens no Aeroporto de Lisboa estiveram em greve na semana passada, por 48 horas, registando-se uma adesão bastante elevada, como referiu uma dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Agências de Viagem, Transitários e Pesca (Simamevi-pe/CGTP). Em declarações à Lusa, Inês Marques salientou que esta não foi «uma greve para reivindicar um aumento», mas apenas para exigir «um direito previsto na lei e que ao longo dos anos tanto a entidade patronal, como a ANA, não mostraram a mínima disponibilidade para resolver».

O sindicato informou, na véspera da greve, que os trabalhadores protestam contra os baixos salários e exigem ser remunerados segundo o Acordo de Empresa da ANA. A decisão de paralisar foi tomada porque, «ao longo de oito anos», nem a ANA, nem o Serviço Português de Contentores (empresa a que os trabalhadores estão vinculados e que, por sua vez, tem um contrato com a gestora do



Parar por 48 horas foi a resposta a 8 anos de intransigência (aeroporto), «não mostraram a mínima disponibilidade» para responder a problemas como a elevada precariedade de emprego e os «baixíssimos salários».

Lutas a percorrer

● Paulo Maurício

Ao longo dos anos surge, com uma marca cada vez mais distinta, a identificação dos interesses do País com os interesses dos trabalhadores e do povo português.

Esta é a marca, o princípio e a determinante essencial das formulações das políticas necessárias para o País. É a marca que o PCP tem veiculado nas suas propostas e nas suas lutas.

estará, cada vez mais, em concordância com as aspirações dos trabalhadores e do povo português. Esta é uma perspectiva que não nos traz respostas imediatas, em termos institucionais, e que é susceptível de aparentar bloqueios e isolamentos, quando, de facto, aponta para uma grande abertura do Partido na busca de caminhos, não isolado mas, ao contrário, com os trabalhadores e o povo português.



Resposta necessária

Os meses de Setembro e seguintes reivindicam dos trabalhadores e da classe operária uma resposta e uma posição política e sindical que estejam à altura das gravosas medidas de carácter anti-social do Governo PS. A amplitude das lutas determinará no fundamental a predisposição do Governo para avançar ou recuar em algumas das medidas mais gravosas. Requer-se dos trabalhadores – membros de CTs, delegados sindicais, dirigentes sindicais e dos restantes trabalhadores – o acompanhamento constante dos problemas, o reforço

das estruturas unitárias, a par do reforço do Partido nos locais de trabalho, na sua intervenção a nível institucional e do reforço geral da CDU nas eleições autárquicas de 16 de Dezembro. Também nestas eleições, os trabalhadores estão em condições de dar um duro golpe nas pretensões da direita – PS, PSD e PP – e de dar à CDU uma oportunidade de em mais freguesias e em mais concelhos desenvolver o seu trabalho sob a consigna fundamental e provada de «Trabalho, Honestidade e Competência».

Num prazo indeterminado

É longa a lista de acções concretas do PS e dos seus governos na implementação inabalável destas políticas. A assumida responsabilidade do PS na sua vinculação a interesses antipopulares e a prolongada e intensa adesão às necessidades do grande capital financeiro, especulativo e industrial, levam-nos a que, num prazo não possível de determinar, os trabalhadores, as suas organizações de classe e o seu Partido não possam contar com o PS para levar a cabo uma política de esquerda para Portugal. Ao contrário do pensamento de alguns, estes factos não significam isolamento ou bloqueio de uma alternativa política. Na profunda afinidade entre o Partido, os trabalhadores e o povo português, no conhecimento detalhado dos seus problemas e aspirações, no trabalho dos comunistas com a classe operária, no desenvolvimento das lutas pelo que é justo e na proposição de medidas, na Assembleia da República e a outros níveis institucionais, a alternativa política irá encontrando o seu caminho, e a política alternativa

de esquerda para Portugal. O contrário vem sendo desenvolvido pelas sucessivas políticas e governos de direita, em particular com os governos PS, a deterem pesadas responsabilidades na sua concretização.

A revisão dos Planos Directores Municipais (PDM), que vai estar em discussão pública no próximo mandato em muitos municípios, deve constituir uma oportunidade para que os trabalhadores recusem mais desmantelamento do tecido produtivo, reivindiquem mais transportes e articulações entre os diversos transportes públicos, reivindiquem mais espaços verdes, creches e jardins de infância, instalações que permitam o desenvolvimento de projectos culturais e desportivos, escolas, centros de saúde condignos, etc. Os trabalhadores e o povo português perderam muito com as sucessivas políticas de direita. A mudança não será imediata, não sairá de nenhum golpe de magia, de alterações de discurso ao sabor dos ventos ou de iniciativas mediáticas e demagógicas. O trabalho, a honestidade e a competência, a par com o acerto das orientações políticas, levar-nos-ão certamente por um caminho onde as expectativas serão cumpridas.

CDU denuncia destruição do valioso património levada a cabo pela gestão do PS

Urge travar atentados em Sintra

A política neoliberal do PS, no Governo e na Câmara de Sintra, é responsável pela destruição em curso do valioso património daquele concelho. A denúncia, feita em conferência de imprensa, é de Baptista Alves, vereador e cabeça de lista da CDU às próximas eleições autárquicas.

No encontro com os jornalistas, realizado hoje oito dias, no Parque dos Castanheiros na Volta do Duche naquela Vila, com a presença do Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, e de Deolinda Santos, do C.C. e responsável pela Organização Concelhia de Sintra, bem como de autarcas e

Importantes peças do magnífico património de Sintra vão desaparecendo de forma irreparável

activistas locais da CDU, Baptista Alves foi peremptório ao afirmar que as «entidades primeiramente responsáveis pelo estado do Património e pela lentidão na implementação de medidas para a sua defesa, conservação e gestão correcta» são o Executivo do PS e a «gestão socialista aliada ao PSD na Câmara de Sintra», bem como a administração do Parque Natural Sintra-Cascais e a Empresa de Parques de Sintra - Monte da Lua.

Baptista Alves disse ainda que «o Governo já nos habituou aos seus planos ambiciosos onde são sempre previstos milhões e milhões de contos e cuja realização se queda, a maioria das vezes, por modestas e arrastadas soluções de remedeio», dando como exemplos as acessibilidades (I.C.'s) previstas para Sintra, o alargamento do IC-19, a

construção do Novo Hospital, o mesmo acontecendo com o respeitante ao Património de Sintra.

Neste caso, arrastando no tempo intervenções mais que urgentes ao nível da recuperação do edificado, da replantação das zonas ardidas da floresta, da limpeza das matas, o repovoamento com eliminação das espécies infestantes e a conservação das entradas de acesso à Serra.

«Importantes peças deste magnífico património vão desaparecendo de forma irreparável, como o chamado «Chalrecta» são o Executivo do PS e a «gestão socialista aliada ao PSD na Câmara de Sintra», bem como a administração do Parque Natural Sintra-Cascais e a Empresa de Parques de Sintra - Monte da Lua.

«Importantes peças deste magnífico património vão desaparecendo de forma irreparável, como o chamado «Chalrecta» são o Executivo do PS e a «gestão socialista aliada ao PSD na Câmara de Sintra», bem como a administração do Parque Natural Sintra-Cascais e a Empresa de Parques de Sintra - Monte da Lua.

Let da Condessa», que é apenas um exemplo bem doloroso», observou o candidato da CDU à presidência da Câmara, antes de chamar a atenção para os resultados desastrosos da gestão da Empresa de Parques de Sintra, os quais, disse, «logo na estreia», estão bem à vista: «o abate de árvores centenárias para construção de um parque de estacionamento provisório para 200 viaturas junto ao Palácio da Pena; a proibição do tradicional *pic-nic* junto ao Convento dos Capuchos, a autêntica expropriação de direitos adquiridos aos cidadãos, vedando-lhes o

usufruto livre e gratuito dos Parques de Sintra».

Após a Conferência de Imprensa, seguiu-se uma visita ao Parque de Monserrate, marcada por um episódio que causou a indignação geral: a administração da Empresa Monte da Lua proibiu a entrada aos jornalistas portadores de câmaras de televisão. Perante esta atitude, os representantes da CDU deram um prazo de cinco minutos para a situação ser revista, o que viria a acontecer, com o levantamento da proibição, apesar de todas as entradas serem pagas.

No final da visita, e tendo como cenário o Palácio de Monserrate vedado por tapumes de obras, paradas há cerca de 3 anos, Carlos Carvalhas proferiu uma breve declaração política,



CDU de Sintra alerta para massificação de construções que agridem a paisagem e a qualidade de vida da população (foto de Sílvia Padrão)

na qual criticou a política do PS para as questões do Património, de acordo com os exemplos dados e a experiência vivida.

Por si criticada foi também a política imposta do «pagamento de entradas» naquele belo rincão da natureza, modificada pelo

homem ao longo de séculos, que é a serra de Sintra, e até há bem pouco tempo usufruído livremente pela população.

Gestão ruinosa

Referindo-se à actuação da Câmara de Sintra nos variados domínios sob sua responsabilidade directa, Baptista Alves manifestou-se convicto de que o comportamento da autarquia é em tudo semelhante ao da Empresa de Parques de Sintra - Monte da Lua.

É disso testemunho, exemplificou, «o arrastamento na execução de obras municipais previstas para durarem meses e que se arrastam por vários anos; a obra de recuperação do Carlos Manuel; da casa Mantero (futura biblioteca municipal) e as obras de pavimentação da Zona da Estefânia».

Mas também, prosseguiu, pelo favorecimento de atentados à paisagem cultural, «com o alargamento dos perímetros urbanos em áreas apetecíveis, pelo novo-riquismo reinante no interior do Parque Natural

Sintra-Cascais, através da aprovação do Plano Director Municipal (PDM) mesmo sobre a arriba da Praia Grande, onde ministros, ex-ministros e outros notáveis socialistas ou seus aparentados vão construindo as suas mansões, algumas mesmo, como é de conhecimento público, licenciadas em desrespeito pela classificação da área protegida, ainda antes da desactivação ou seja, antes do PDM estar aprovado e eficaz» nos termos da Lei.

Realçado no decorrer da conferência de imprensa foi ainda o caso do «atentado premeditado e qualificado à integridade do coração da paisagem cultural que a Presidente da Câmara e o PS se propõe levar a cabo», com a construção do Parque de estacionamento da Volta do Duche, para 350 viaturas, ou seja, descontando os lugares previstos à superfície, um

acréscimo de pouco mais de 200 lugares.

«Para além da criminosa destruição necessária para levar a cabo esta obra megalómana», como lhe chamou Baptista Alves, trata-se, em sua opinião, de um «contra-senso absurdo», uma vez que ao mesmo tempo que se «apregoa e comemora o dia sem carros na Vila, pretende-se favorecer e incentivar o uso do carro no coração da Vila com estacionamento de curta duração».

«Esconder os automóveis no parque subterrâneo não evita, muito pelo contrário, a poluição nem reduz nenhum dos inconvenientes e efeitos associados, com a agravante do custo elevadíssimo que comporta: um milhão e quatrocentos mil contos, ou seja, sete mil contos por lugar de estacionamento», sublinhou o candidato da CDU.

II Fórum Mundial das Cidades

A convite da Prefeitura de Porto Alegre, Jorge Cordeiro, membro da Comissão Política, participou nos trabalhos da Conferência Preparatória do II Fórum Mundial das Cidades pela Inclusão Social a realizar naquela cidade em Janeiro próximo.

Para além de fixar os termos da convocação, mobilização e organização dos trabalhos do Fórum, a Conferência Preparatória, que contou com a participação de cerca de 40 representantes de autoridades locais e forças políticas, debruçou-se sobre o papel dos

poderes locais na luta contra a exclusão e enquanto factor de mobilização e participação popular.

Num quadro diversificado de opiniões, que reflectem desde logo experiências e situações concretas diferenciadas, são de sublinhar os seguintes aspectos: a apreciação e reconhecimento do papel, das possibilidades e limites que as autoridades locais podem desempenhar nas políticas de inclusão; a confirmação de que nesta acção local, para além de medidas que contribuam para

combater a exclusão, se assume da maior importância potenciar a proximidade às populações para as mobilizar na luta pelos seus direitos e para elevar a sua consciência social e política; a consciência do papel que as políticas nacionais jogam não apenas pelos efeitos e consequências na exclusão mas também pela razão de que os poderes, meios e competências do poder local resultam de opções e orientações assumidas no quadro das políticas nacionais.

O que significa prosseguir a luta por uma efectiva descentralização capaz de ampliar as possibilidades de intervenção das autarquias e de assegurar o exercício das suas competências, num quadro de reforço dos meios e recursos que garantam uma resposta às necessidades e não a transferência das insatisfações e incumprimentos da administração central.

Conselho das Comunidades Portuguesas

Governo mantém boicote

A cerca de 15 dias do início do prazo para apresentação das listas concorrentes ao Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP), marcadas para 25 de Novembro deste ano, continua sem se saber quais os círculos eleitorais e o número de mandatos a eleger em cada um destes círculos. Isto porque, como refere a Direcção da Organização na Emigração do PCP, em nota aos órgãos de comunicação social, o Governo tarda em publicar a Portaria relacionada com esta matéria.

Trata-se de uma situação «inadmissível», no entender daquela organização do PCP, que não aceita que o Executivo invoque atrasos na feitura dos cadernos eleitorais em diversos consulados para justificar a

demora da publicação da referida Portaria. É que, recorda, esta é não só «uma responsabilidade que cabe por inteiro ao Governo» como é sabido que as eleições para o CCP realizam-se de quatro em quatro anos, tendo as últimas, que também foram as primeiras, decorrido em Abril de 1997. A que acresce o facto de a data para estas eleições ter sido marcada na reunião Mundial do CCP, em Março deste ano, tendo na ocasião o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas assumido o compromisso de «tudo fazer para que o processo decorresse dentro da normalidade».

«O que está longe de acontecer», como sublinha o PCP, para quem a responsabilidade por esta situação cabe por

inteiro ao Governo, que, desta forma, «continua a insistir numa prática de boicote ao normal funcionamento deste importante órgão representativo da nossa diáspora e de consulta do Governo em matéria de políticas para as Comunidades Portuguesas».

«Esta é uma atitude que não deixará de ter consequências no empenhamento das comunidades e consequentemente em todo o processo relativo à eleição do futuro Conselho», adverte ainda o PCP, que reafirma, «independentemente do desfecho de todo este imbróglio causado pelo Governo e na senda daquela que tem sido a sua prática ao longo dos anos, continuar a pugnar na defesa dos direitos e dignificação das comunidades portuguesas».

▼ CAMARADA FALECIDO

José Vale

Faleceu recentemente, com 30 anos, o camarada José António Vale, vítima de acidente de viação. Pertenceu à célula da Indelma, trabalhando, actualmente, na S. N. Longos.



Aos familiares e amigos do camarada falecido, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.



LISBOA Divulgar a Festa

Muitas têm sido as formas e meios utilizados para divulgar a Festa do «Avante!». Uma delas, com reconhecido êxito, foi a de recorrer a uma banca montada expressamente para o efeito junto à entrada principal do Centro Comercial Colombo. A iniciativa, levada a cabo já em anos anteriores, partiu dos jovens comunistas de Lisboa. Durante o mês de Agosto, tem sido vê-los, pela tarde, a distribuir o suplemento da Festa e outros materiais de propaganda da JCP e do PCP. E com grande aceitação por parte das pessoas, garantem.

PORTO PCP solidário com ferroviários

A linha ferroviária que liga o Porto à Póvoa tem um elevado interesse social e, por isso, deve ser mantida. Quem o afirma é o Sector Ferroviário do Porto do PCP, em nota pública em que reitera a sua posição de firme defesa daquela linha suburbana, cuja manutenção, sublinha, importa garantir até à estação da Senhora da Hora. Defendido pelos ferroviários comunistas é igualmente o eixo de ligação da Senhora da Hora a Trofa, local onde deve ser criado um interface para os vários módulos de transporte.

Esta tomada de posição surge na sequência de uma informação dos Caminhos-de-Ferro Portugueses sobre o futuro dos trabalhadores da linha Porto/Póvoa. Acompanhando com preocupação a situação daqueles trabalhadores, o Sector Ferroviário do PCP considera que a forma como a administração da empresa quer resolver a questão — «uma distribuição matemática de 158 trabalhadores», diz — confirma só por si a «irresponsabilidade da gestão da CP e dos governos nos últimos anos, particularmente no que se refere àquela linha suburbana».

MOITA Carvalhas visita festas

O Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, visita as Festas da Moita na próxima terça-feira, dia 11 de Setembro. Após participar num jantar-convívio no Restaurante «O Veleiro», às 20 horas, o dirigente comunista passará, cerca das 21.30, pelo Pavilhão do PCP no recinto das Festas.

A Festa

Falar da Festa do Avante é, desde há vinte e cinco festas, uma inevitabilidade: quer para os que a constroem, visitam e amam quer para os que se situam nos antípodas dessa visão.



José Casanova
Membro
da Comissão
Política

Razões têm, muitas e fortes, para a amar — os que a amam; motivos têm, muitos e fortes, para não a amar — os que a não amam. Tal é a força da Festa!

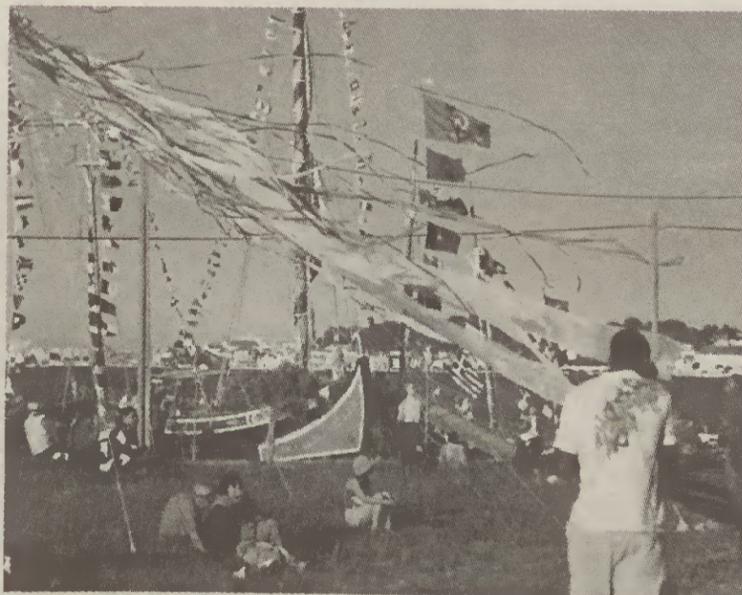
Uma velha pécépóloga — velha da idade dos métodos a que recorre e das fontes onde mata a sua sede de nem ela sabe o quê; velha da idade do anticomunismo primário, patético e pateta que, por vocação e hábito copia, grava e traduz; velha de nascença, em suma — escreveu, um dia destes, sobre o PCP e a Festa do Avante. O escrito produzido constitui um acto de abjeção e confirma, exuberantemente, a essência da idade profissional, intelectual e política da autora. Escreveu sobre a Festa: podia ter escrito (e escreverá, amanhã, depois de amanhã...) sobre qualquer outra faceta da actividade do colectivo partidário comunista, em geral, ou de

qualquer militante comunista, em particular. Em qualquer dos casos, fá-lo-á sempre trilhando o mesmo caminho: conta o que vê escrevendo o que não viu, escreve o que ouviu em público ou em privado, bebendo em fontes de espúrias procedências mas todas nascidas na mesma nascente — e, como não podia deixar de ser, para além da fonte mestra, a mãe de todas as fontes em que matam a sede todos os seus gémeos, dá prioridade, sempre, às fontes feitas de traições de camaradagens, de sonhos, de amizades — políticas, partidárias, pessoais. A escriba não escreve: copia; não pensa: compra feito; não vive: vegeta. Assim sendo, cada escrito seu sobre os comunistas é, mais do que um vômito, uma amostra de tudo o que de mais negativo existe na condição humana.

Segundo a supra-referida pécépóloga, a Festa do Avante é várias

coisas más e uma coisa «boa», uma e só uma, a saber: «a música» — vá lá, não é mau, sabendo-se — sabe quem sabe, obviamente — que a música, quem a faz e quem a executa, são companheiros dos homens, amigos nos bons e nos maus

///A alegria,
a amizade
e a camaradagem
são o ar que
se respira///



momentos das nossas vidas. À parte isso, a melancólica escriba — que, estou em crer, odeia música — diz que as dezenas de milhar de pessoas que fazem a Festa do Avante não passam de uma cambada de ignorantes boçais, abúlicos, acéfalos, tristes, infelizes, que levantam os punhos por levantar, sem saber porquê nem o que tal coisa significa, que levantam os punhos por não saberem fazer mais nada e, assim e por isso, «deliram ao ouvir Carvalhas». Além deste ignaro, irresponsável e inconsciente levantar de punhos, essas dezenas de milhar de pessoas que são a Festa, dedicam-se, ainda — garante a pécépóloga — às «drogas», ao «sexo» e a «muito álcool». Trata-se, evidentemente, de uma visão da Festa a voo de pássara cega e com lugar cativo no rebanho de cegos por natureza e profissão — espera-os o bíblico barranco, o conseqüente e inevitável mergulho e o eterno descanso em paz.

Adiante. A festa vai começar — já começou: como tudo o que é fruto do trabalho, a festa tem um tempo de concepção e de construção, um tempo de esforços, dedicações, camaradagens e amizades que a modelam e lhe dão a essência primeira. A abertura das portas é um segundo tempo: o tempo de abrir os braços aos encontros marcados, de a percorrermos ao lado de velhos amigos, nossos e da Festa, de porventura descobriremos

amizades novas — em cada rosto um amigo: se não é exactamente assim, anda lá perto, além de que, para construir amizades e camaradagens, nenhum tempo e nenhum espaço são melhores do que este tempo e este espaço da Festa: onde sonhos comuns se encontram e convivem; onde a confiança e a esperança crescem e se solidificam; onde a presença das lutas comuns de todos os dias, dá força e engrandece as lutas do futuro e pelo futuro; onde a confraternização, a alegria, a amizade e a camaradagem são o ar que se respira.

A Festa é do Avante, do PCP, dos comunistas, logo é a Festa de todos e todas que não desistem de sonhar e lutar por um mundo novo, livre, fraterno, solidário, justo; logo é a Festa de todos e todas que vêm no convívio aberto e são um espaço de alegria e de felicidade; logo é a Festa do debate plural sobre o País e o mundo; logo é a Festa do desporto, da gastronomia, da arte, da cultura — da música, naturalmente: aí vem Beethoven, um amigo da Festa, com a sua 9.ª, uma amiga da Festa: a onda forte de fraternidade universal, hino à alegria, à liberdade, à amizade, à luta: a Festa.



Polícias municipais

● José Martins

A criação de Polícias Municipais (PM), com funções de segurança, continua a constituir, para o Governo do PS/Guterres, um objectivo estratégico a alcançar, no quadro da sua titubeante e conservadora política de segurança interna. As PM têm sido apresentadas à sociedade, pelo Governo, como a panaceia para resolver o grave problema da criminalidade local e reduzir o «sentimento de insegurança» das populações e, desta forma, tentar desviar as atenções da sua total incapacidade para corporizar uma verdadeira e consistente política de segurança pública e da sua responsabilidade na manutenção de forças de segurança (PSP e GNR), com baixos níveis de patrulhamento e de operacionalidade. O Governo e o MAI, para não beliscarem interesses instalados nas forças de segurança, não as reestruturaram nem as modernizam, mantendo-as, como corporações fechadas ao relacionamento com os cidadãos e desligadas das comunidades, com modelos de organização, gestão e funcionamento anquilosados e militaristas, com reflexos visíveis na reduzida disponibilização dos efectivos para as missões de segurança de pessoas e bens. Perante a exigência das populações, de mais segurança e de uma maior visibilidade no serviço policial, começa a ser corriqueiro ouvir da boca de responsáveis das forças de segurança que o «policimento de proximidade» é da responsabilidade das Polícias Municipais. Assim, compreende-se melhor o interesse que este Governo, dito socialista, tem na criação das PM, e da forma astuciosa e enganosa como emprega as palavras «contractualização e territorialização» para impor a municipalização da segurança e passar o odioso da sua política para as Autarquias.

Perigos e pontos obscuros

Não é exagero afirmar-se que a criação e implementação das PM, tal como são apresentadas pelo Governo, poderá ter como consequências a formação de zonas cinzentas e ambíguas, onde as competências das várias polícias se confundem e diluem, a passagem de responsabilidades pelas questões de segurança para os municípios, a transferência de encargos financeiros insuportáveis com o funcionamento e manutenção desta «polícia», perigos

para as garantias, direitos e liberdades dos cidadãos, o comprometimento da imagem, relações e confiança dos eleitos com as populações. Existem manifestos pontos obscuros e perigos quanto à criação destas Polícias Municipais.

É um facto que, do ponto vista jurídico-constitucional, é vedado às PM o exercício de actividades previstas na Lei de Segurança Interna e nas leis orgânicas das forças e serviços de segurança.

Mas como será encarada pelas populações e como se comportará na prática uma força uniformizada e armada, enquadrada por graduados da PSP ou da GNR, com passagem pela Escola Prática de Polícia (EPP), e de serviço permanente? E como serão interpretadas as suas competências nos domínios da vigilância dos transportes, escolas e espaços públicos, na utilização de meios coercivos, na detenção de indivíduos, na elaboração de auto de notícias e de contra-ordenações por infracções, etc.? Não haverá aqui o propósito de identificar as PM, como se de verdadeiras forças de segurança se tratasse?

Os perigos de tal situação vir a acontecer é por de mais evidente! E com os direitos e liberdades dos cidadãos não se brinca.

A resposta das Autarquias, às legítimas preocupações das populações em matéria de segurança, deve ser, em primeiro lugar, dada exigindo do Governo e do MAI, a existência de forças de segurança civilistas e próximas do cidadão, o seu reforço em meios, equipamentos e instalações em função das necessidades e reais interesses dos cidadãos em matéria de segurança pública.

Entretanto, deverão ser os Conselhos Municipais de Segurança a protagonizar a iniciativa mais séria e importante do Poder Local Democrático no que toca à exigência de mais segurança por parte das populações. O funcionamento destes órgãos tem vindo a revelar enormes potencialidades como estrutura adequada à participação das comunidades locais, das Autarquias e das Forças de Segurança, na prevenção dos factores geradores de insegurança ao nível dos municípios.

Em política é importante saber aproveitar as boas soluções e recusar as más. As Polícias Municipais, se extravasarem os limites das suas competências, da lei e da Constituição, serão indubitavelmente uma má solução para o Poder Local Democrático e para as suas populações.

PCP denuncia prática de boicote ao Conselho das Comunidades Pela dignificação das comunidades portuguesas

A duas semanas do prazo para apresentação das listas concorrentes ao Conselho das Comunidades Portuguesas – CPPC, marcadas para o próximo 25 de Novembro, ainda eram desconhecidos os círculos eleitorais e o número de mandatos a eleger para cada um dos círculos. Uma situação que o PCP denuncia como inadmissível.

Em comunicado de imprensa, a Direcção da Organização na Emigração do PCP sublinha que as eleições para o CCP se realizam de quatro em quatro anos (as últimas, que também foram as primeiras, decorreram em Abril de 1997) e lembra que a data para estas eleições foi marcada em Março, na reunião mundial do CPPC.

Responsabilizando o Governo pelos atrasos que se estão a verificar neste processo, o PCP denuncia uma «prática de boicote ao normal funcionamento deste importante órgão representativo da nossa diáspora e de consulta ao Governo em matéria de políticas para as Comunidades Portuguesas» e afirma que «continuará a pugnar na defesa dos direitos e dignificação das comunidades portuguesas».

Os números do INE

Foram entretanto divulgados os mais recentes dados do Instituto Nacional de Estatística – INE que indicam que os portugueses estão a emigrar menos desde 1992 e, aqueles que saem de Portugal, fazem-no por menos tempo.

Entre 1992 e 1999, a quebra na emigração é da ordem dos 29 por cento, o que reflecte, em particular, o decréscimo dos emigrantes permanentes (aqueles que deixam o país para ficarem no estrangeiro por mais de um ano).

O número de emigrantes permanentes que saíram de Portugal em 1992 foi de 22.324, enquanto em 1999 foi de 4.077, o que representa uma queda de 82 por cento.

Já os emigrantes temporários (residem no estrangeiro por períodos até um ano)

apresentaram uma tendência crescente, no mesmo período. Em 1992 saíram 16.998 indivíduos, enquanto em 1999 abandonaram o país 24.003.

Os emigrantes permanentes representavam, em 1999, cerca de 15 por cento do conjunto dos emigrantes que deixaram Portugal nesse ano. Sete anos antes, o peso era de 57 por cento.

O destino preferido dos emigrantes portugueses continua a ser a Europa, com principal destaque para França, Alemanha e Suíça. Em 1999, cerca de 91 por cento dos indivíduos que saíram de Portugal ficaram Europa, dos quais 28 por cento rumaram a França.

No mesmo período, os portugueses com destino ao continente americano foram apenas 1.446, cerca de 5,0 por cento do acréscimo de emigrantes desse ano.

O perfil de um emigrante português, baseado nos indicadores do INE de 1999, corresponde a um homem entre os 15 e os 44 anos, oriundo do Norte e Centro/Lisboa – Vale do Tejo, que possui o ensino básico até ao terceiro ciclo (nono ano de escolaridade).



O perfil do emigrante português tem vindo a registar algumas mudanças

Vitivinicultores reclamam medidas de emergência

A Associação dos Vitivinicultores Independentes do Douro (Avidouro) defendeu a classificação de calamidade pública para algumas freguesias da Região Demarcada do Douro.

Esta reivindicação surge na sequência da violenta queda de granizo em vários concelhos da região, provocando «elevados prejuízos na vinha, olival, pomares e hortícolas». Uma situação que se soma aos prejuízos registados no final do ano, «consequência da excessiva queda de água que se abateu por toda a região, criando uma situação dramática, trazendo a dor e o luto a milhares de agricultores da região».

Em comunicado, a Avidouro reclama do Governo medidas urgentes. Antes do mais, o levantamento, em colaboração com as estruturas associativas, dos prejuízos verificados. O accionamento dos mecanismos legais, respeitantes ao Seguro de Colheitas, de forma a que os agricultores sejam indemnizados pelo montante das perdas sofridas. E ainda, a tomada de medidas de excepção, nomeadamente a prorrogação de crédito e antecipação do pagamento das ajudas comunitárias. Por último, a Avidouro sublinha a necessidade de um apoio diferenciado aos agricultores que não tenham efectuado seguros, «compro-

metendo-se estes a efectuá-los no próximo ano».

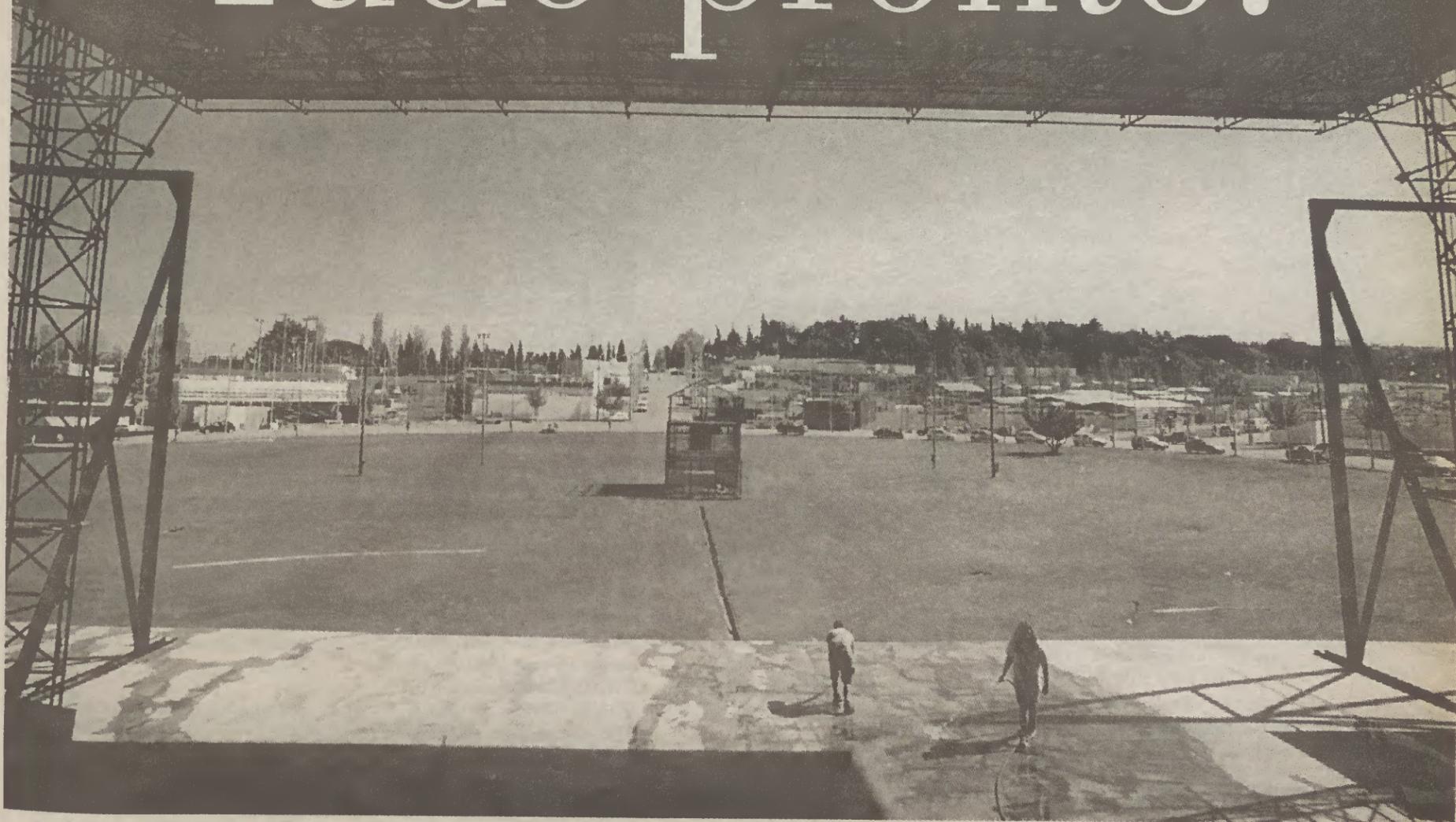
Os vitivinicultores lembram, a propósito, a decisão recente do Ministro da Agricultura, de contemplar os interesses de um grupo de proprietários do Sul, «ao prorrogar por mais um ano a aplicação do sistema de modulação, que o mesmo é dizer, não transferir para a agricultura familiar, no quadro do desenvolvimento rural, cerca de dois milhões de contos». E sublinham que a Região Demarcada do Douro é «a mais marginalizada na aplicação dos instrumentos financeiros, criados para o apoio ao rendimento dos agricultores».

Avante! festa!

FESTADO Avante! 2001

7, 8, 9 SETEMBRO • ATALAIJA • AMORA • SEIXAL

Tudo pronto!



Os artistas da Festa

A Festa começa amanhã! E há música para todos os gostos a todas as horas. Pela primeira vez em Portugal, é apresentada ao ar livre a versão integral da 9.ª Sinfonia de Beethoven, com 170 intérpretes entre solistas, orquestra e coro. Mas a 25.ª Festa tem muito mais, com os aclamados Zeca Baleiro e Martinho da Vila a visitar a

Atalaia vindos directamente do Brasil, o sempre ansiado Sérgio Godinho, os inovadores The Gift e os fadistas António Chainho, Marta Dias, Kátia Guerreiro e Ana Sofia Varela. Muitos outros artistas marcam presença, como os Xutos e Pontapés, Laurent Filipe e Jacinta, Jorge Palma, Marisa Santos e os Belle Chase Hotel.

- Abertura e Comício
- Os debates
- Delegações estrangeiras
- Como chegar à Festa



Horários, percursos recomendados e parqueamentos

Ir e regressar da Festa

Deixar o carro em casa e utilizar a variada rede de transportes públicos é uma alternativa rápida e económica para ir e regressar da Festa «Avante!». Mas para os que mesmo assim preferem o automóvel, aqui ficam os percursos e os locais de parqueamento que a organização recomenda.

Transportes rodoviários

Cacilhas-Festa-Cacilhas

Bilhete de bordo: 350\$00; pré-comprado: 190\$00 (M4); 100\$00 (M2) Passe L 123.

Sexta, Sábado e Domingo: carreiras n.º 112-113 (Medeideira) e 149 (Quinta da Princesa) da TST, asseguram transportes de ligação entre Cacilhas e a Festa entre as 06.50 horas e as 00.30 horas. O regresso efectua-se até às 2 horas da madrugada.

Baixa de Banheira-Festa-Baixa da Banheira

Bilhete de bordo: 540\$00; pré-comprado: 355\$00 (M8); 190\$00 (M4) Carreiras TST.

Esta carreira efectua-se na sexta-feira, de hora/hora entre 18.00 às 21.00, sendo a última às 21.30 horas. No sábado e domingo: das 10.30 às 13.30 e das 15.00 às 18.00, de hora/hora; das 18 às 20 horas, 30/30 minutos, sendo a última às 21.00.

Em sentido inverso, os autocarros na sexta-feira são às 23.00 e às 24.00, circulando entre as 00.30 e as 2 horas de 30/30 minutos. No sábado, das 18 às 21, de hora/hora; das 22 às 2 horas, de 30/30 minutos. No domingo, das 18 às 21, de hora/hora. Das 22 às 24 horas, de 30/30 minutos.

Fluviais

Cacilhas/Cais do Sodré

(em articulação com o transporte rodoviário)

Bilhete máquina: 100\$00; bilhete: 110\$00; pré-comprado: 850\$00 (10 viagens); Passe L 123.

Diariamente as ligações efectua-se até às 24 horas, de 20/20 minutos. Das 00.40 às 2 horas, de 40/40 minutos. O último barco parte às 05.20 horas. Seixal/Lisboa (com ligação rodoviária até à Festa)

Bilhete: 225\$00; pré-comprado: 1.800\$00 (10 viagens); Passe L 123.

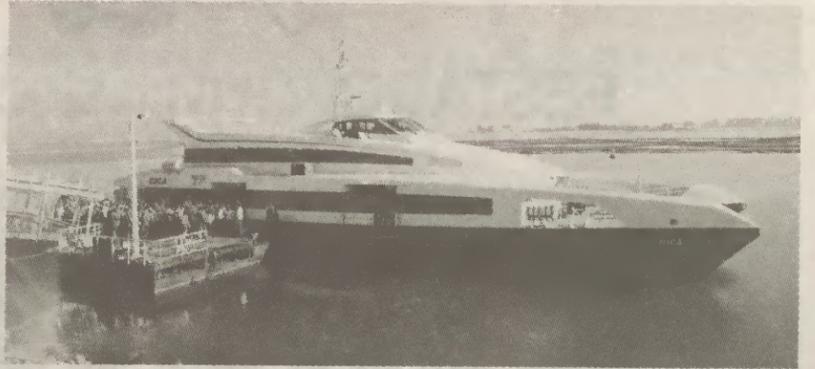
Sexta-feira: Até às 23, de hora/hora. Sábado e domingo, até às 21, de hora/hora.

Transportes para deficientes (carrinha)

Os visitantes com deficiência têm à disposição transportes especiais para a Festa, segundo os horários que abaixo se indicam, que podem ser tomados no terminal dos barcos pequenos em Cacilhas e no terminal fluvial do Seixal. No interior da Festa, o terminal é na Praça da Paz. Em Lisboa, na Praça de Londres.

Sexta-feira: 19 horas, Cacilhas-Festa e Lisboa-Festa; 20 horas, Seixal-Festa; 22 horas, Festa-Seixal; 23 horas, Festa-Lisboa; 24 horas Festa-Cacilhas.

Sábado: 10 horas, Cacilhas-Festa; 10.30 horas, Lisboa-Festa; 11 horas, Seixal-Festa; 13 horas, Cacilhas-Festa; 15 horas, Seixal-Festa; 19.30 horas, Cacilhas-Festa; 20 horas, Seixal-Festa; 23.30 horas, Festa-Cacilhas e Festa-Lisboa.



Domingo: 10 horas, Cacilhas-Festa; 10.30 horas Lisboa-Festa; 11 horas, Seixal-Festa; 19 horas, Festa-Cacilhas; 23 horas, Festa-Cacilhas; 23.30 horas, Festa-Lisboa.

de autocarro gratuitos entre a estação dos Foros de Amora e a Quinta da Atalaia, (paragem na Quinta do Batateiro) e Quinta da Atalaia-Foros de Amora. Os bilhetes servem nos dois sentidos durante os três dias da Festa, nos autocarros da Sulfertagus. Estes bilhetes serão distribuídos na estação de Foros da Amora e na Festa (saídas e postos de informação).

Haverá autocarros que asseguram a ligação até ao último comboio (sexta e sábado às 3 horas e domingo às 0.35 horas).

Transportes ferroviários

Bilhete normal: 390\$00; ida e volta: 780\$00; bilhete criança até aos 12 anos, reformados, pensionista, idosos com mais de 65 anos: 190\$00; ida e volta: 380\$00; pré-comprado: 3.100\$00 (10 viagens, 5 idas + 5 voltas).

Entre Campos-Foros da Amora
Sexta-feira: Até às 20.50, transportes de 15/15 minutos. Até às 00.50, de 30/30 minutos. Até às 3.00, de hora/hora.
Sábado: Até às 19.50, de 15/15 minutos. Até às 0.50, de 30/30 minutos. Até às 3.00, de hora/hora. Domingo: Até às 19.50, de 15/15 minutos. Até às 00.50, de 30/30 minutos.

Na sexta-feira e sábado, estão previstos comboios extraordinários com partida do Fogueteiro-Lisboa, à 1.50 e às 3.00 horas. No domingo, o último comboio entre o Fogueteiro e Lisboa parte às 0.35 horas.

Atenção automobilistas!

Se vem do sul ou nó do Fogueteiro, deixe o carro no parque Maria Pires a seguir à escola Paulo da Gama, após a Ponte da Fraternidade. E está a 300 metros da Festa.

Se vem do norte tem agora duas alternativas: Ponte Vasco da Gama, apanhando a auto-estrada para Almada, com saída no Nó do Fogueteiro. Estacione no Parque acima referido.

Pela Ponte 25 de Abril e nesse caso, como alternativa à AE-Sul (com saída no Nó do Fogueteiro) e à EN-10, sugerimos que tome a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada e prossiga até Corroios. Estacione no Parque da Fertagus da Cruz de Pau (grátis), usando o vaivém da Sulfertagus (grátis).

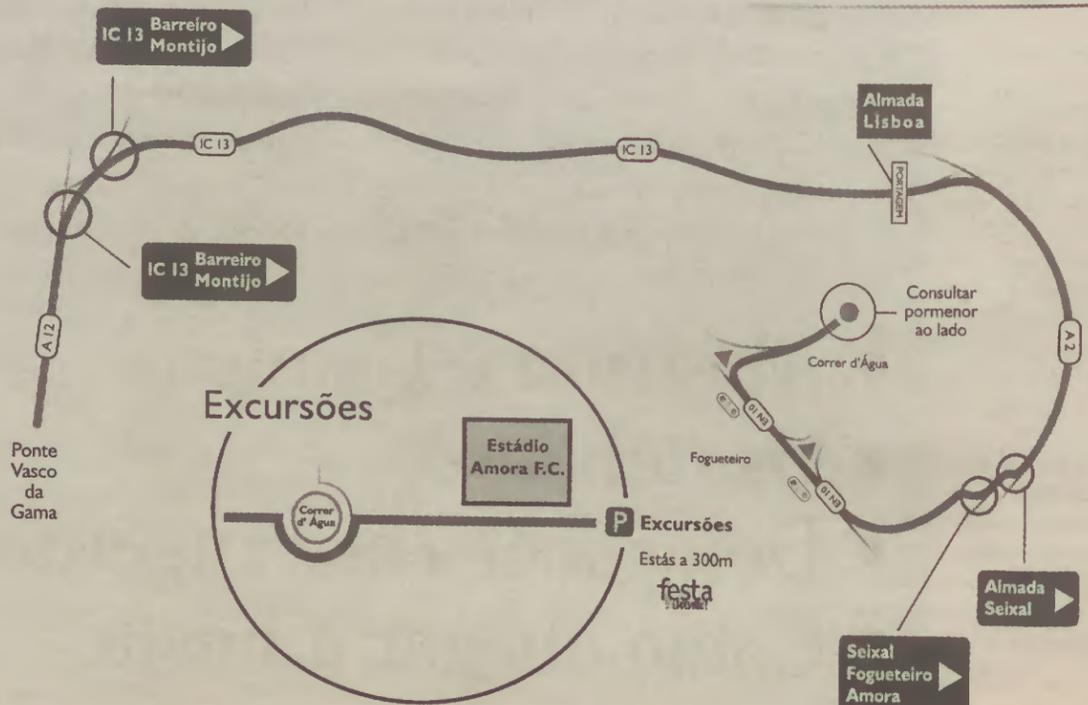
Vaivém gratuito (Foros da Amora/Festa)

Aos visitantes da Festa que utilizem o comboio, serão assegurados bilhetes

Vindo pela Ponte 25 de Abril



Vindo pela Ponte Vasco da Gama



Abertura e comício

O futuro com confiança

Amanhã, sexta-feira, as portas abrem-se aos visitantes pelas 18.30 horas e pouco depois, na Praça da Paz, a 25.ª Festa do «Avante!» será oficialmente declarada aberta pelo secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, que fará a primeira intervenção política do evento. O ponto alto do programa político da Festa terá lugar no domingo, pelas 18 horas, com o grande comício no palco 25 de Abril, onde se encontrarão todos os membros do Comité Central do PCP e os representantes das delegações estrangeiras presentes. Momento de análise e reflexão sobre os temas da actualidade política e as principais linhas de intervenção do PCP, este será igualmente um espaço de grande afirmação e mobilização dos militantes e simpatizantes comunistas que encaram com confiança as próximas batalhas políticas. Antes de Carlos Carvalhas, usam da palavra Miguel Madeira, membro do Secretariado e da Comissão Política da JCP, e o director do «Avante!» e membro da Comissão Política, José Casanova.



Os debates na Festa

Fórum

Sexta-feira

21.30 horas – **Migrações: problemas sociais e diálogo de culturas**, com Fernanda Mateus, da Comissão Política, António Filipe e João Armando, do Comité Central do PCP, Manuel Correia, da Frente Anti-Racista.

Sábado

14.30 horas – **Bento de Jesus Caraça - Uma homenagem à vida**, com José Casanova, da Comissão Política e director do *Avante!*; Alberto Vilaça e Regina Marques.

17.30 horas – **Alqueva, uma alavanca para o desenvolvimento**, com José Soeiro, da Comissão Política, Lino de Carvalho, deputado na Assembleia da República, e Carlos Amaro.

21.30 horas – **Os novos desafios do poder local democrático, descentralização, participação e reforço do poder autárquico**, com Jorge Cordeiro, da Comissão Política, Adão Barata, presidente da CM de Loures; Maria Emília de Sousa, presidente da CM de Almada; Rui Sá, vereador da CDU e candidato à CM do Porto.

Domingo

14.30 horas – **Situação económica e social - Respostas necessárias dos trabalhadores**, com Jerónimo de Sousa, da Comissão Política, Amável Alves, da CGTP e do Comité Central, Paulo Trindade, da CGTP, e Célia Lopes, da Interjovem.

Sábado

15 horas – **O Partido na Internet**, com Vítor Dias.

20.30 horas – **A Internet e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação**, com Francisco Silva.

Domingo

15.00 horas – **Liberdade de expressão na Internet**, com Paulo Robalo.

Internet

«O Militante»

«À Conversa com...»

Sexta-feira

21.00 horas – **Autarquias, uma frente de luta**, com Abílio Fernandes e Carlos de Sousa.

Sábado

15.00 horas – **80 anos - o PCP e as lutas de massas**, com Américo Nunes.

18.00 horas – **80 anos - aspectos da história do PCP**, com José Vitoriano.

21.00 horas – **80 anos - a informação do PCP**, com Aurélio Santos.

Domingo

15.00 horas – **80 anos - o PCP e a unidade democrática**, com Dias Lourenço

Internacional

Sábado

16 horas – **Solidários com o Povo da Colômbia**, com Miguel Urbano Rodrigues e representante das FARC/EP.

19 horas – **Solidários com o Povo da Palestina**, com Domingos Lopes, do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, e representantes das diferentes delegações palestinas.

21.30 horas – **Contra a globalização imperialista, solidariedade internacionalista**, com Ângelo Alves, do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, Ilda Figueiredo, do Comité Central, Florival Lança, membro da comissão executiva da CGTP, e João Vieira, dirigente da Confederação Nacional de Agricultura e da Coordenadora Agrícola Europeia.

Domingo

14.30 horas – **Solidários com o Povo Sahauri**, com Manuela Bernardino, do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, e representante da Frente Polisário.

16.30 horas – **Solidários com o Povo Cubano**, José Casanova, da Comissão Política, e um representante do PC de Cuba.

Juventude

Sábado

17.00 horas – **As lutas da Juventude**, com Elsa Paixão, Paulo Marques, Joel Vasconcelos, Margarida Botelho, Célia Lopes.

Domingo

15.00 horas – **Os Oitenta Anos das Juventudes Comunistas**, com Ana Pato, Luísa Araújo e Pedro Silva.

Café-Concerto

Sábado

15.30 horas – **A Liberdade de criação e o Compromisso político**, com Manuel Gusmão, Urbano Tavares Rodrigues, Margarida Tengarrinha e José Robert.

19.00 horas – Lançamento do Caderno Vermelho n.º 10.

Domingo

15.30 horas – **Património Cultural e Globalização**, com Cláudio Torres, José Pessoa, José Vargas e Vítor Serrão.

Mulher

Sábado

16 horas – **As mulheres na Comuna de Paris**, com José Casanova, Manuela Pires e Regina Marques.

19 horas – **Aspectos da realidade das mulheres no novo século**, com a participação de Aurélio Santos, Ilda Figueiredo, Graciete Cruz, Rosa Xisto e Fernanda Mateus.

Avanteatro

Domingo

15.00 horas – **A política autárquica para o Teatro**, com a participação de autarcas e profissionais do Teatro.

Desporto

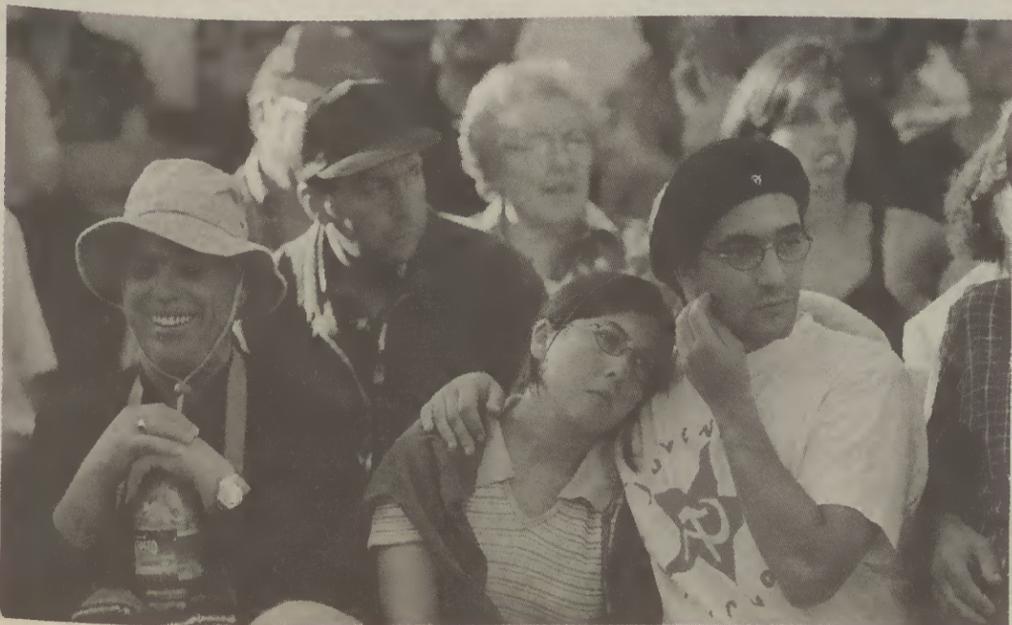
Sábado

17.30 horas – **Desporto nas Autarquias**, com a presença de Melo de Carvalho, Carlos Rabaçal, Odete Graça e Galvão Correia.

Ciência

Sábado

16.30 horas – **A ciência ao serviço da humanidade?**, com a participação do astrónomo Máximo Ferreira, de Francisco Silva, engenheiro e especialista em telecomunicações, e Jorge Dias Deus, responsável pelo Departamento de Física do Instituto Superior Técnico de Lisboa.





Espaço Internacional

A festa da solidariedade

Dois temas centrais, «a luta do povo palestiano» e os «80 anos do PCP, partido solidário e internacionalista», sublinham a importância que os comunistas portugueses atribuem à solidariedade com os povos de todo o mundo em luta por uma sociedade mais justa e livre.

Informações úteis

Horários e serviços

Horário da Festa

Na sexta-feira, as portas abrem-se aos visitantes pelas 18.30 horas. A Festa estará a funcionar plenamente entre as 19 e 1.30 horas. No sábado, o horário é entre as 10 e 1.30 horas. No domingo, entre as 10 e 22.30 horas. **Os visitantes não podem permanecer no recinto após o encerramento da Festa.**

Bagageiras

Os visitantes podem utilizar o **serviço de bagageiras** para depositar volumes, que está situado junto às entradas da Festa. Através do pagamento de uma pequena taxa poderá af depositar até 20 kg de bagagem. Abre na sexta-feira às 17 horas e encerra às 2.30 horas; no sábado, abre às 10 horas e encerra às 2.30 horas e, no domingo, abre às 10 horas e encerra às 24 horas.

Bilheteiras

Nos dias da Festa podem ser adquiridas entradas / «títulos de solidariedade, nas **bilheteiras**, que encerram 30 minutos antes do fecho da Festa.

A EP, entrada permanente, custa 3.500 escudos; o bilhete de sábado 2.500 escudos e de domingo 2.300 escudos. As crianças até aos 14 anos não necessitam de Título de Entrada.

Quem pretender sair do recinto e voltar a entrar deve solicitar um comprovativo para a reentrada.

No recinto não é permitido

Montar tendas, venda ambulante; entrada de animais; circular entre as 2 e as 8.00 horas; entrar com vasilhame em vidro, armas de fogo e objectos cortantes, de acordo com a legislação em vigor.

Ponto de encontro

Se quer encontrar alguém durante a Festa, o melhor é marcar previamente a hora e o local. Senão, para o ajudar, temos o ponto de encontro, na Praça da Paz.

Multibanco

Existem no recinto várias caixas de multibanco.

Posto de saúde/emergências

Funciona no horário da Festa para prestação de primeiros socorros.

Instalações sanitárias

Existem diversos blocos sanitários no interior, distribuídos ao longo de todo o recinto, que encerram por pequenos períodos para manutenção e limpeza.

Telefone

Existem no recinto diversas cabinhas públicas para moedas e cartão (TLP card), à venda no posto de informações.

Posto de Informações

Serve para prestar as informações que necessita e, ainda, como **serviço de perdidos e achados**.

Segurança e tranquilidade

Em caso de necessidade, contacte a Direcção da Festa, directamente no posto de informações ou nos pavilhões das organizações regionais.

Local de convívio entre as numerosas delegações estrangeiras presentes na festa, o Espaço Internacional proporciona a troca de informação e experiências sobre as lutas desenvolvidas pelas forças comunistas e progressistas de outros países, sendo ainda o sítio certo para conhecer e provar outras culturas e sabores.

Face ao número de propostas, todas elas aliciadas, a única dificuldade é escolher entre os vários *stands* presentes, a saber: Partido Comunista Alemão e Partido do Socialismo Democrático (Alemanha), MPLA (Angola), Partido do Trabalho da Bélgica, Partido Comunista da Bolívia, Partido dos Trabalhadores e Movimento dos Sem Terra (Brasil), Partido Comunista do Brasil, PAICV de Cabo Verde, Partido Comunista da China, AKEL do Chipre, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, Partido do Trabalho da RPD da Coreia, Partido Comunista de Cuba, Bloco Nacionalista Galego, Partido Comunista de Espanha, Partido dos Comunistas da Catalunha, Partido Comunista da Federação Russa, Partido Comunista Francês, Partido Comunista da Grécia, Partido dos Trabalhadores da Hungria, Partido Comunista da Índia (Marxista), Partido Comunista



Iraquiano, Partido da Refundação Comunista de Itália, Partido Popular Revolucionário do Laos, PADS de Marrocos, Organização de Libertação da Palestina, Partido do Povo Palestino, Partido Comunista Peruano, Frente Polisário do Sahara Ocidental, Partido Baas Sírio, Partido Comunista Sírio, FRETILIN de Timor-Leste, Partido do Poder Socialista (Turquia), Partido do Trabalho da Turquia (EMEP) e Partido Comunista do Vietname.

Um postal pela Palestina

Num espaço próprio, estará patente uma exposição sobre a luta do povo da Palestina, em torno da qual o Conselho Português para a Paz e Cooperação tem em curso uma campanha de solidariedade com presença na Festa. Para participar, o visitante apenas tem de assinar os postais que encontrará em vários *stands* e depositá-los nas «caixas do correio» espalhadas pela Quinta da Atalaia. Esses postais serão enviados ao secretário-geral da Organização das Nações Unidas.

Debate e animação

A programação do Palco Internacional é vasta e variada, combinando o debate político com a actuação de artistas de diversas áreas e cantos do globo.

Na sexta-feira, vem da Galiza um grupo de danças e cantares típicos, e mais tarde é tempo para a música chilena de Lautauro Valde.

É com a música portuguesa de raiz popular, de Vítor Sarmiento, que este palco abre no sábado, dia em que têm lugar três importantes debates: «**Solidários com o Povo da Colômbia**», com Miguel Urbano Rodrigues e um representante das FARC/EP; «**Solidários com o Povo da Palestina**», com Domingos Lopes, do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, e representantes das diferentes delegações palestinas; «**Contra a globalização imperialista, solidariedade internacionalista**», com Ângelo Alves, do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, Ilda Figueiredo, do Comité Central do PCP, Florival Lança, da Comissão Executiva da CGTP, e João Vieira, da Confederação Nacional de

Agricultura e da Coordenadora Agrícola Europeia.

A programação musical conta com uma actuação dos Tocá Rufar, a música tradicional de Timor, com José «Camarada»; o som da Argentina com Marisa Santos e no encerramento as músicas da Revolução, com João Queirós.

No domingo, estão previstos mais dois momentos de solidariedade **com o Povo Saharai**, com Manuela Bernardino, do Comité Central e da Secção Internacional do PCP, e um representante da Frente Polisário; e **com o Povo Cubano**, com José Casanova, da Comissão Política do PCP, e com um representante do PC de Cuba.

A animação está a cargo de Gordillo, que interpreta temas da música popular portuguesa, de Solange Galvão & Alejandro Laguna, com os Milongueros de Lisboa, que dançam o tango argentino. Antes do encerramento com a música portuguesa de Zé Neto, tem ainda lugar uma sessão de poesia intitulada «A poesia é uma arma carregada de futuro», com Odete Santos, Catarina Pereira, Joana Peixoto e Olinda Peixoto.

Acampamento Exterior

O Acampamento Exterior destina-se a credenciados pelas organizações regionais, sectores e visitantes da Festa.

O Acampamento pode ser utilizado entre os dias 5 (quarta-feira anterior à Festa) e 10 de Setembro. Nos dias 5 e 6 de Setembro, terá um

funcionamento reduzido. A entrada e recepção das credenciais é feita pela Rua do Cacheu.

O Acampamento encerra no dia 10 de Setembro (2.ª-feira) às 18.00 horas.

As taxas de utilização diária:

Por pessoa - 120\$00/dia

Tenda pequena até 4 pessoas - 340\$00/dia

Tenda Grande/Autocaravana/Caravana/Atrelado - 450\$00/dia

Por ser limitado, a gestão do espaço de estacionamento cabe à recepção, que em caso algum poderá conceder entrada a mais de um carro por cada credencial. O estacionamento durante toda a estadia tem o preço único de 1100 escudos, que é pago à entrada do acampamento.





Uma festa feita à mão

Hoje, que vamos à Festa pela 25.ª vez, recordemos um pouco como era antes. Andámos de terra em terra, com a Festa às costas – trazíamos-na no coração – e, de cada vez, lançávamos alicerces, aplanávamos terrenos,

Pausa, entre sorrisos e concentração. O poeta como que imagina a Festa que vai ser. A actriz a alegria das palavras que dirá. O actor confere as deixas, para que a «entrada» não falhe. Fernanda Lapa sorri. José Gomes Ferreira e Mário Viegas já se foram. Mas continuam na nossa memória

construíamos. À mão. E todos davam as suas. As mãos carregavam e afeiçoavam materiais, transformavam, erguiam a Festa. Como hoje se faz. Mãos que escrevem ou pintam ou que, com os seus gestos, transfiguram e projectam. Mãos que ajudam, mãos fraternas, mãos de trabalho. E vozes. E palavras. E as imagens que ficam. Muitos dos que há 25 anos «partiram pedra» para erguer a Festa continuam entre nós. Outros, desaparecidos, continuam ao nosso lado. E deixaram-nos a memória da obra que fica. As fotos que publicamos hoje nesta página, e que nos foram oferecidas gentilmente por um dos muitos fotógrafos anónimos que sempre nos acompanham, datam da segunda Festa – a primeira realizada no Jamor. Em 1977...

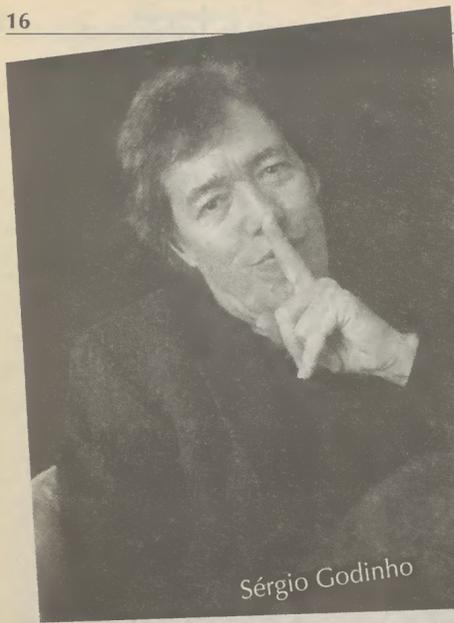
O Nobel vinha longe, mas o escritor já se levantara do chão e dava, com outros camaradas, a sua ajuda na construção do pavilhão. Era no tempo em que uma placa de madeira era tão leve como uma folha de papel. Nas mãos, as pedras não eram sete, nem de arremesso. Eram pedras de construção

Foi o ano da primeira Bienal, a primeira vez em que a arte se expôs a centenas de milhares de visitantes. E, para muitos, a primeira vez que demoradamente se confrontavam com a pintura e com os artistas. Aqui, ao lado de um seu quadro, onde Bento Gonçalves é lembrado, o pintor Júlio Pereira, o «Caldeireiro», como os amigos lhe chamavam



Já não ouvimos a voz convicta do poeta Armindo Rodrigues que então falava com outros poetas «à espera de vez». A sua voz calou-se, mas ficaram as palavras escritas dos poemas ou a sua prosa contundente e vigorosa





Sérgio Godinho



Zeca Baleiro



Jorge Palma



Xutos & Pontapés



Company Eléctrica Dharma



Orquestra Metropolitana de Lisboa

Os Artistas da Festa

Na Festa há música para todos! Do erudito Beethoven (que promete hipnotizar todos os que se aproximarem do Paço 25 de Abril, na sexta-feira) aos aclamados The Gift, do brasileiro Zeca Baleiro ao espírito do fado, do rock dos Xutos e Pontapés aos espanhóis da Company Eléctrica Dharma. E muito mais!



Coro da Associação de Amigos do Teatro da Maestranza



Miguel Graça Moura



Juan Luis Perez



Rosana Lamosa



Guillermo Orozco



Liliana Bizineche



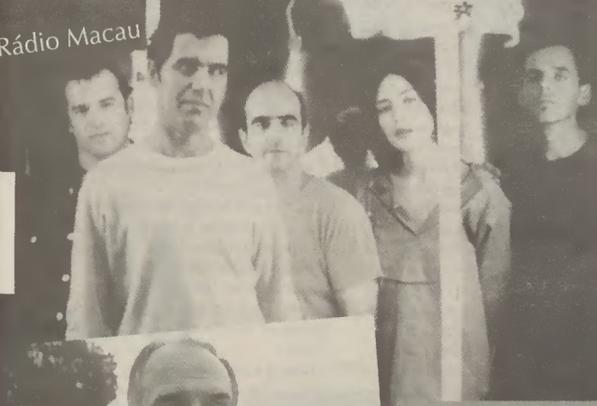
José Julian Frontal



The Gift



Pedro Jóia e os Ciganos d'Ouro



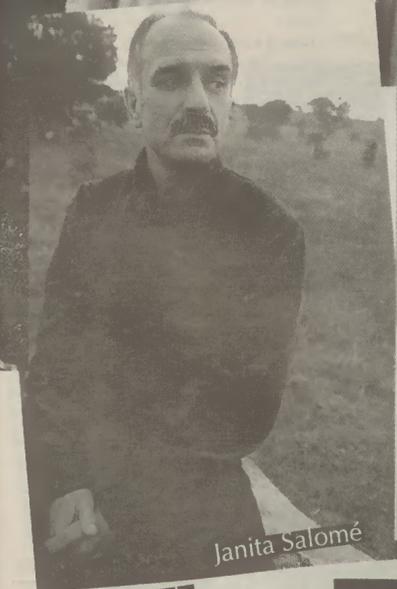
Rádio Macau



Ana Firmino



Marisa Santos



Janita Salomé



Martinho da Vila



Filipe Mukenga



Jabanka Djaz



Telectu



Barry Altschul



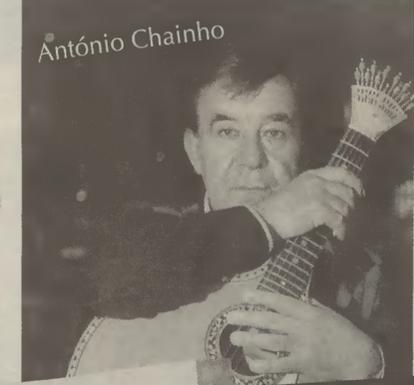
Giancarlo Schiaffini



Belle Chase Hotel



Ana Sofia Varela



António Chainho



Katia Guerreiro



Les Elephants terribles



Ex Votos



Mind da Gap



The Guests



Marta Dias



Laurent Filipe e Jacinta



Carlos Barreto Trio



DJAMBOONDA

Espaço do Livro

José Saramago na Festa do Livro



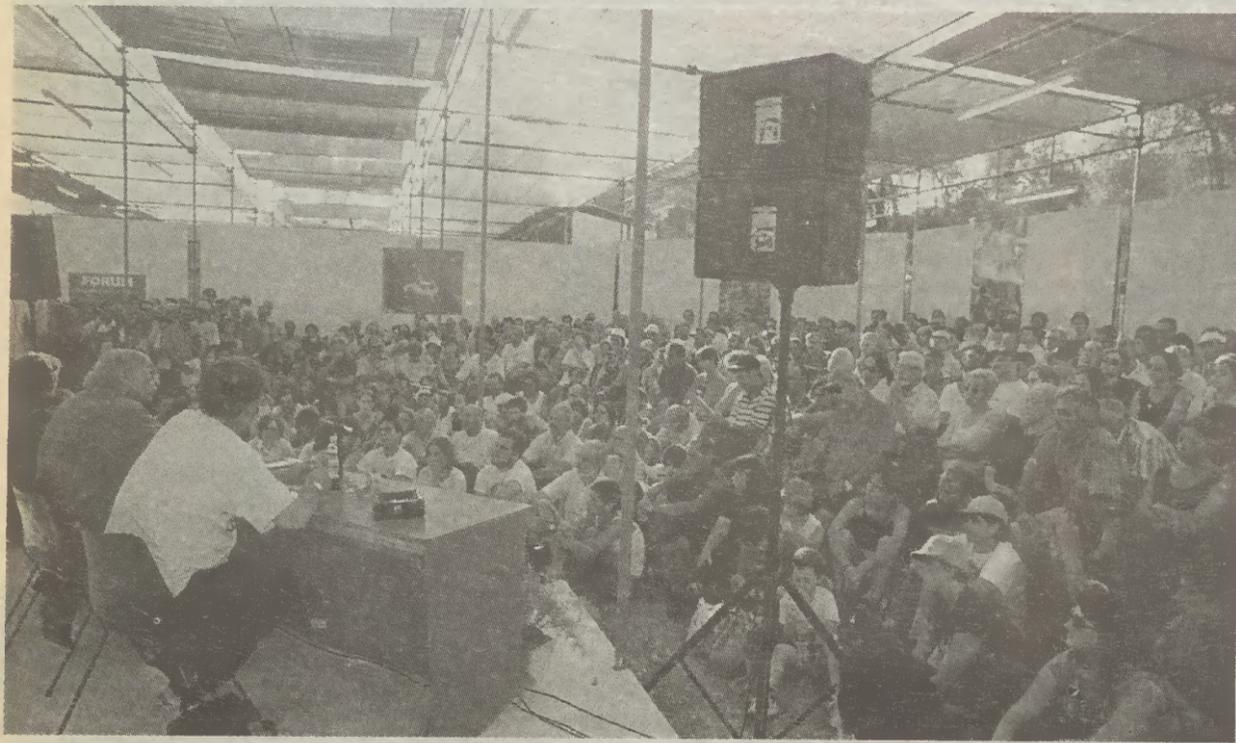
O escritor laureado com o Nobel da Literatura, José Saramago, confirmou a sua presença no Espaço do Livro da Festa do «Avante!», onde, sábado e domingo, estará em contacto com os visitantes para sessões de autógrafos.

Neste verdadeiro ponto de encontro de escritores e leitores, vão estar igualmente Alice Vieira, Ana Maria Magalhães, António Dias Lourenço, António Torrado, Carvalho da Silva, Fernando Correia, Jaime Serra, José António Gomes, Manuel Gusmão, João Pedro Mésseder, Modesto Navarro, Sofia Vilarigues e Vergílio Alberto Vieira.

XVI Congresso em livro

Outro grande atractivo do Espaço do Livro são as sessões de lançamento de novidades editoriais de que salientamos a apresentação do livro do XVI Congresso do PCP *Democracia e Socialismo – Um projecto para o Século XXI*, sábado, às 15 horas, com Domingos Abrantes, Fernanda Mateus, ambos membros da Comissão Política do PCP, e Francisco Melo, do Comité Central. No mesmo dia, pelas 18 horas, é lançado o livro de Joaquim Gomes, *Estórias e Emoções de Uma Vida de Luta*, com apresentação de Fernando Correia; às 19 horas, tem lugar uma sessão sobre *A Rua Direita e a Canilha do Lado da Praia – Barreiro Uma História de trabalho, Resistência*

e *Luta, III Parte*, de Armando Sousa Teixeira; e, às 21 horas, é a vez de *Alva*, de Miguel Urbano Rodrigues. Do prelo sai ainda a reedição há muito esperada de *Rumo à Vitória*, de Álvaro Cunhal. Entre outras recentes publicações destacam-se ainda o livro de Jaime Serra, *O Abalo do Poder*; Seis serigrafias de Rogério Ribeiro, reproduzindo outras tantas ilustrações da sua autoria para romance de Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*; *A Caverna*, último romance de José Saramago; *Na Berma de Nenhuma Estrada*, de Mia Couto, e o segundo volume da série de quatro livros póstumos de Manuel da Fonseca, intitulado *O Vagabundo na Cidade*. A esta lista, juntam-se ainda as recentes edições de Mário de Carvalho, Daniel Sampaio e Sophia de Mello Breyner. Com cerca de 50 editoras presentes, a oferta é vastíssima, sendo de aproveitar os descontos até aos 40 por cento sobre o preço de capa normal. Mas quem procura verdadeiras pechinchas deve passar pela Feira de Saldos, onde se podem adquirir livros a partir de 350 escudos. Crianças e jovens não ficaram esquecidos. À sua disposição existem álbuns de grande qualidade, novas colecções, novidades editoriais, prevendo-se ainda sessões de autógrafos com alguns dos escritores preferidos.



Da FIL à Atalaia em bicicleta

A ligação entre a antiga FIL – Feira Internacional das Indústrias e a Quinta da Atalaia foi cumprida no passado domingo de bicicleta, numa iniciativa promovida pela Festa do «Avante!» para assinalar a sua 25.ª Edição. Praticantes da modalidade, oriundos de várias colectividades e associações, compareceram no local de partida e desfilaram pelas avenidas da capital em direcção a Vila Franca de Xira. Atravessado o Tejo seguiram até ao Montijo, alcançando depois a Quinta da Atalaia onde os esperava um almoço-convívio durante o qual foram entregues lembranças aos participantes. Foi uma festa.



Animação de rua Teatro, dança e música

À animação de rua tem vindo a conquistar o seu espaço na Festa e é cada vez mais um elemento fundamental da sua programação. O teatro de rua, com o grupo Cazun, estará junto ao Ponto de Encontro, a contar a sua «Fantasy Story». O projecto «Percussão», com um atelier sobre estes instrumentos, animará a área dos Pioneiros e a zona junto ao lago.

Os Tocá Rufar exibem os seus dotes no último dia da Festa em vários locais, onde apresentam um espectáculo em que surgem acompanhados por gigantones.

Para além destas actuações, um pouco por toda a Festa estará presente a animação de rua, nomeadamente com as actuações dos grupos corais alentejanos no Palco Alentejo, com os desfiles dos ranchos folclóricos que actuam no Palco Arraial e muitos outros espectáculos sem hora marcada, sempre prontos a surpreendê-lo. Em qualquer lugar.

Os Tocá Rufar voltam a animar as praças e avenidas da Festa



ÁLVARO CUNHAL

Visite a Festa do Livro

Um mundo à sua espera

Milhares de livros * Meia centena de editoras

* Sessões de autógrafos * Preços excepcionais **Novidades**

edições
Avante!



PROJECTOS
—Eu gostaria de saber pintar—

Projectos

“Eu gostaria de saber pintar”

Reprodução de oito pinturas inéditas de
Álvaro Cunhal



Rumo à Vitória

Álvaro Cunhal

De novo à venda a reedição há muito esperada.



O Abalo do Poder

Jaime Serra

O autor passa em revista os principais acontecimentos do passado recente, opondo os factos às tentativas de deturpação da verdade histórica.



Estórias e Emoções de Uma Vida de Luta

Joaquim Gomes

Páginas de recordações umas vezes comoventes, outras dramáticas, outras ainda eivadas de fina ironia, mas sempre plenas de sensibilidade e humanismo.

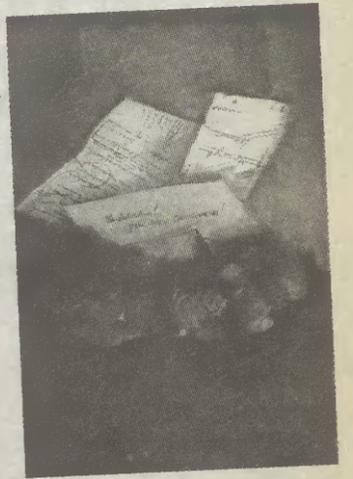


A Rua Direita e a Ganilha do Lado da Praia

Armando de Sousa

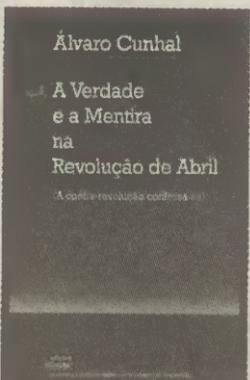
Teixeira

Um pesadelo de lagartas metálicas de tanques e carros de assalto rasgando a estrada, deixando fundas marcas no alcatrão ainda recente, e nas almas.



6 Serigrafias para o romance de Manuel Tiago Até Amanhã Camaradas

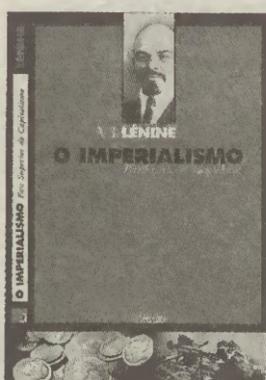
Edição muito limitada, numerada e assinada pelo autor. Estas serigrafias reproduzem as mais representativas ilustrações de **Rogério Ribeiro** para este romance.



A Verdade e a Mentira na Revolução de Abril

Álvaro Cunhal

Na acção política, a verdade constitui um valor identificador de uns e a mentira uma prática viciosa e sistemática de outros. Dos partidos e fora dos partidos. Revelaram-se, na Revolução de Abril e na contra-revolução, como elementos característicos da identidade de cada partido e das suas diferenças. (...)



O Imperialismo Fase Superior do Capitalismo

V. I. Lénine

Edição comemorativa do 130.º aniversário do nascimento do autor. Por toda esta obra de Lénine perpassa um sentido de urgência e de responsabilidade histórica perante as exigências duma luta de classes que desembocou na Revolução Socialista de Outubro.



1969: Um Marco no Caminho da Liberdade

Lino de Carvalho

O presente trabalho tem desde logo o mérito de representar uma importante contribuição para situar e identificar as questões-chave da orientação e das formas de intervenção política que assumiram uma decisiva relevância em todo esse período crucial.



Jornalismo e Sociedade

Fernando Correia

Uma coisa são as novas tecnologias e as suas extraordinárias potencialidades para o bem dos homens, outra coisa é o manto dissimulador e anestésico de uma «era da informação» encarada como uma espécie de «desígnio global da humanidade».



O Capital (Livro Primeiro - Tomo III)

Karl Marx

Marx descobriu o segredo da exploração capitalista e formulou uma teoria verdadeiramente científica da mais-valia que, segundo a expressão de Engels, provocou a mesma impressão que «um trovão num céu sereno».

Um Risco na Areia

Manuel Tiago

O seu mais recente romance. A luta pela derrota da ofensiva contra-revolucionária de 28 de Setembro de 1974, em que se entrecruzam personagens que nos mostram toda a complexidade do ser humano.

Obras de Manuel Tiago pseudónimo de Álvaro Cunhal

Até Amanhã, Camaradas

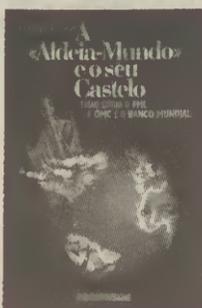
Cinco Dias, Cinco Noites

A Estrela de Seis Pontas

A Casa de Eulália

Fronteiras

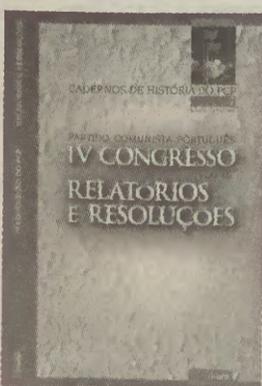
Um Risco na Areia



A «Aldeia-Mundo» e o seu Castelo

Philippe Paraire

Ensaio contra o FMI, a OMC e o Banco Mundial. Até onde irá a globalização? O que se vê por toda a parte é o aumento da dívida, o recuo dos direitos sociais, conflitos étnicos, degradação do meio natural, desenvolvimento selvagem e desigualdades em único benefício de um Capital que se tornou global.



IV Congresso Relatórios e Conclusões (II Volume)

Neste Volume II e último, relativo ao IV Congresso (2.º ilegal) do PCP, publicam-se os Relatórios, Resoluções e Anexos, resultantes dos trabalhos.

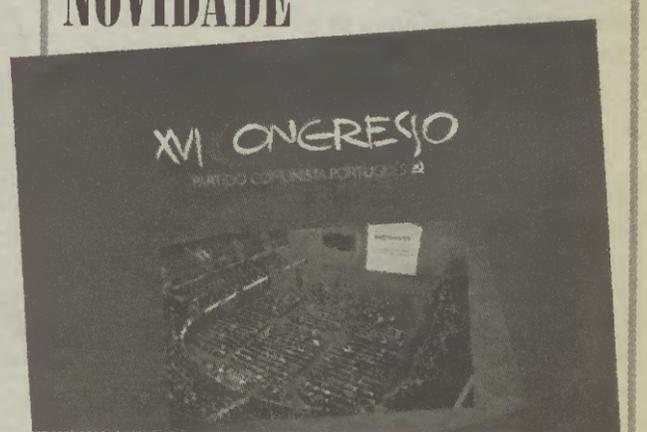


Relatório sobre o Algarve

Carlos Costa

Quem ler o relatório não poderá deixar de o constatar – trata-se de uma obra de um revolucionário profissional, na autêntica acepção leninista, e de um exemplo vivo do estilo e do método de trabalho caracterizadores do Partido Comunista Português.

NOVIDADE



Lançamento na Festa

Sábado, 8 de Setembro, às 15.00 h

Na sessão de apresentação estarão presentes Domingos Abrantes, do Secretariado da C. Política, Fernanda Mateus, da C. Política e, Francisco Melo, do Comité Central do PCP

democracia e socialismo
um projecto para o século XXI

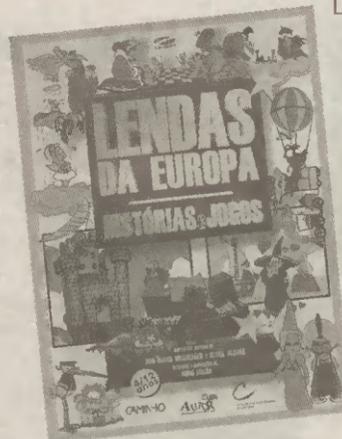
Uma Aventura

Com o seu talento muito especial, criando enredos trepidantes e cheios de emoção, **Ana Maria Magalhães** e **Isabel Alçada** ganharam para a leitura uma geração inteira de jovens. A colecção vendeu já mais de seis milhões de exemplares, um sucesso ímpar em Portugal.

Para os mais novos



Uma Aventura no Castelo dos Ventos
O que é o Galopador? Quem roubou as preciosas imagens de S.Tiago? Que misteriosos segredos encerra o castelo batido pelos ventos? Mais emocionante do que nunca, uma nova aventura das gémeas e dos seus amigos, desta vez na região de Palmela.



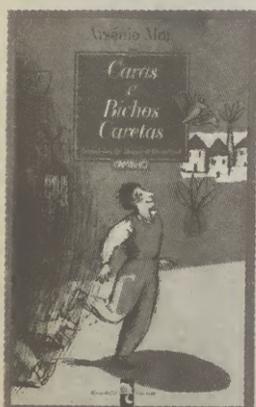
CD-rom
Lendas da Europa
Histórias e Jogos

Este CD-rom contém lendas dos 15 países da União Europeia destinada aos mais novos, e também informação sobre a Europa, a par de jogos de computador para todas as idades.

Colecção Livros do Dia e da Noite

A variedade caracteriza esta colecção de autores portugueses para crianças e jovens. Abrangendo géneros e temas diversos, o critério de publicação

é a qualidade dos textos. Entre os autores encontram-se nomes já bem estabelecidos, mas está também aberta a novos valores.



Novidade



Novidades

Volumes publicados

Cinco Tempos, Quatro intervalos
Ana Saldanha
O Saco de Mentiras
Vergílio Alberto Vieira
Diário Secreto de Camila
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Versos com Reversos
João Pedro Méseder
Os Doze de Inglaterra seguido de O Guarda Vento
António Torrado
Segredos e Brinquedos

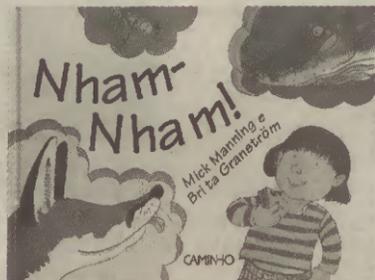
Máilde Rosa Araújo
O Peixinho Folha-de-Água
Vergílio Alberto Vieira
Diário Cruzado de João e Joana
Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Para o Meio da Rua
Ana Saldanha
A Guerra dos Sinais
Natércia Rocha
Do Alto do Cavalão Azul
Vergílio Alberto Vieira
De que Cor é o Desejo?
João Pedro Méseder

Colecção Mil Descobertas

Pequenos álbuns ilustrados a cores, que oferecem com bom humor uma abordagem original de informações e conceitos básicos. Imagens e assuntos familiares são o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos.

Colecção Livros do Arco-Íris

Ilustrações que enchem a página, textos curtos, os melhores autores e ilustradores. Pequenos álbuns cartonados, ilustrados a cores. Livros feitos a pensar nos pequenos «leitores» que ainda não sabem ler.



Nham-Nham!

Nham-Nham! é um livro que fala de mastigar e engolir – ou seja, é um livro que fala de alimentação. E também fala de uma cadeia: a cadeia alimentar em que cada ser vivo desempenha o seu papel.

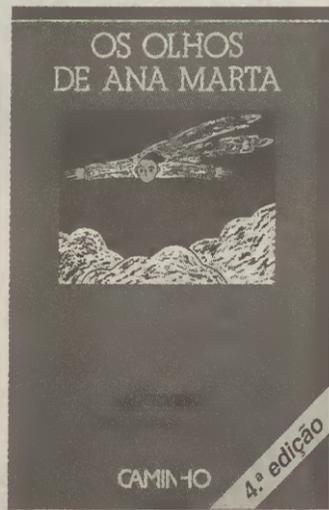


Chape Chape Chape!

Chape Chape Chape! é uma viagem de descoberta da água. Acompanhamos as aventuras de um rapaz e do seu cão, flutuamos nas ondas, pairamos nas nuvens, descemos rios caudalosos até onde toda a água vai parar... e recomeçar.

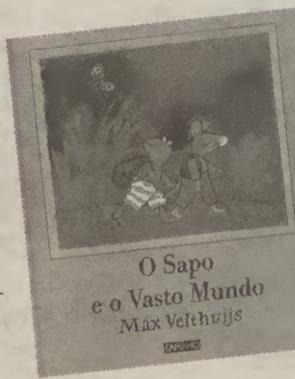


A superior qualidade de uma das maiores escritoras para jovens

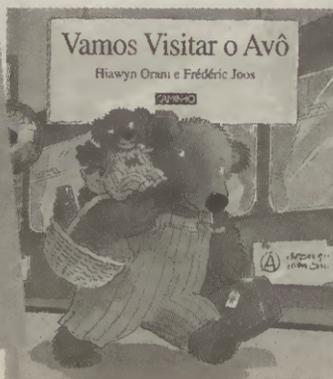


Talvez o melhor romance de **Alice Vieira**. Traduzido em várias línguas.

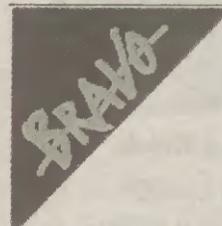
Premio Octogones 2001



O Sapo e o Vasto Mundo
Cheio de entusiasmo, o Sapo acompanha o Rato nas suas viagens em busca de aventuras. Mas o Sapo em breve sente saudades do Porco, da Pata e da Lebre e descobre que o vasto mundo é muito longe de casa...



Vamos Visitar o Avô
A Ursina e o Ursino apanham o comboio para ir visitar o Avô. Mas o comboio nunca mais chega. Então a Ursina tem uma ideia para chegar mais depressa...



Histórias Para Ir Dormir

Margaret Mayo

Estas *Histórias* têm as suas raízes em contos tradicionais célebres, com origens tão diversas como os índios Hopi, o Japão, ou a Hungria. Contadas de novo e adaptadas para deliciar as crianças de hoje. Um magnífico álbum, com ilustrações em todas as páginas.

O Bojador

Sophia de Mello Breyner Andresen

O Bojador

Sophia de Mello Breyner Andresen

Este livro foi escrito por Sophia quando as filhas Maria e Isabel eram pequenas, e destinava-se a ser representado numa festa de escola. Mas, por ironia do destino, acabou por ficar esquecido numa gaveta, até hoje. É um texto magnífico.

Colecção Bravo

Ao longo de 124 páginas integralmente ilustradas a cores, os livros oferecem um panorama aprofundado dos mais variados temas históricos e científicos. Uma colecção de vocação enciclopédica destinada a jovens e a adultos curiosos.

Volumes publicados:

Os Egípcios

História da Tecnologia

Três Mestres do Renascimento

– Leonardo, Miguel Ângelo, Rafael

Ecologia

História da Economia

A Pré-História do Homem

O Universo



Fiz das Pernas Coração
Contos tradicionais portugueses

José António Gomes

Os catorze contos reunidos neste livro provêm da tradição oral portuguesa. Na selecção dos textos, procurou o organizador contemplar diferentes tipos de narrativas, nomeadamente os contos de encantamento, as histórias de animais, as lendas e as facécias.



Contos da Terra do Dragão

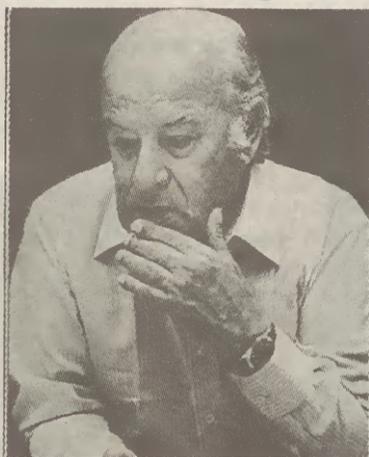
Contos tradicionais e populares da China

Este conjunto de histórias e anedotas baseia-se nas lendas e contos tradicionais chineses transmitidos de geração em geração. São importantes para um melhor conhecimento da mentalidade e cultura chinesas.

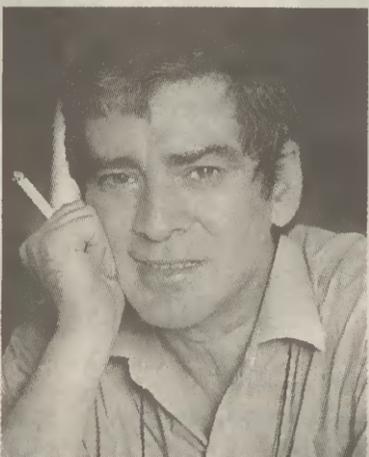
Literatura portuguesa e ficção



O Vagabundo na Cidade
Manuel da Fonseca
Um novo livro que espelha a sua imortal arte de contador de histórias.



Contos Vagabundos
Mário de Carvalho
Um dos mestres da literatura portuguesa contemporânea.



Tudo o Que Temos Cá Dentro
Daniel Sampaio
Um novo livro que se lê como um romance.

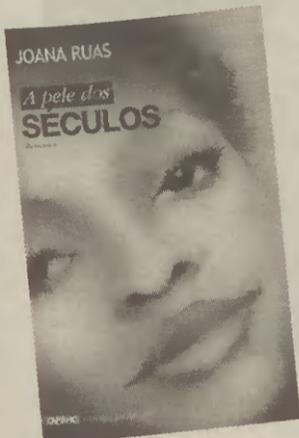


José Saramago
O primeiro romance após o Prémio Nobel.

A Caverna
Romance

Um perturbador e actualíssimo livro.

Três novos livros que comprovam a qualidade da literatura portuguesa contemporânea.



Ficção
A Pele dos Séculos
Joana Ruas



Poesia
Todas as Cores do Azul
Isabel Cristina Pires



Teatros do Tempo
Manuel Gusmão

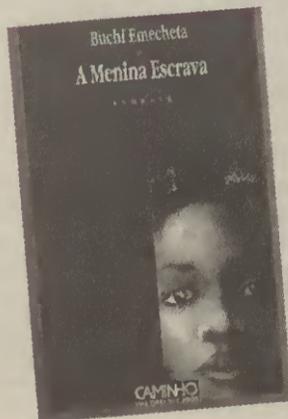
Colecção Uma Terra sem Amos o melhor da ficção estrangeira



Off-side
Gonzalo Torrente Ballester

A Menina Escrava
Buchi Emecheta

Prémio Jock Campbell



Sophia de Melo Breyner Andresen

MAR

Antologia constituída pelos poemas de Sophia em que o elemento marítimo é a principal ou única referência.



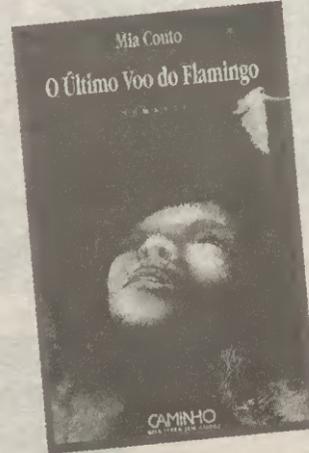
Temas africanos – literatura

Mia Couto: um dos mais talentosos escritores da actualidade

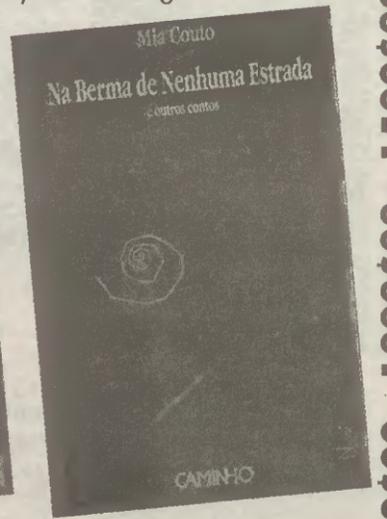
Prémio Mário António 2000 (Fund. Cal. Gulbenkian), Prémio Vergílio Ferreira 1999.
As três mais recentes obras do autor:



Mar Me Quer
4.ª edição
16 000 exemplares



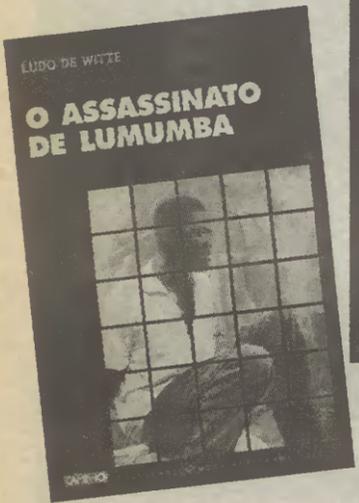
O Último Voo do Flamingo
2.ª edição
16 000 exemplares



Na Berma de Nenhuma Estrada

Colecção Estudos Africanos

Uma nova colecção que dá voz aos problemas de África



O Assassinato de Lumumba
O assassinato de Patrice Lumumba em 1961 foi certamente um dos mais importantes acontecimentos na história do continente africano na segunda metade do século XX. As suas repercussões foram imensas, e ainda hoje o mundo sofre os seus efeitos.
Ludo de Witte



A França contra África
Regresso aos Camarões
Mongo Beti



A Destruição de Um País
A Política dos Estados Unidos para Angola desde 1945
George Wright

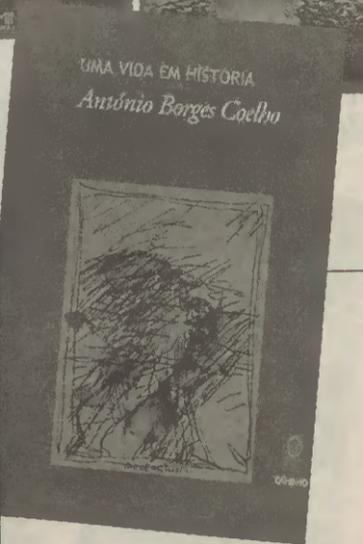
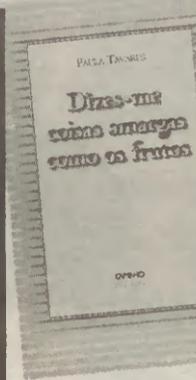
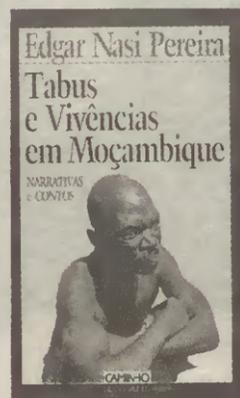
Novos títulos, outros autores

Ensaio Poesia Ficção

Tabus e Vivências em Moçambique
Edgar Nasi Pereira
Narrativas e Contos.

Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos
Paula Tavares

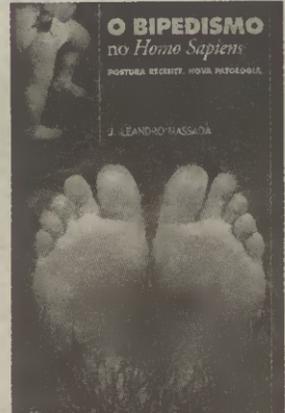
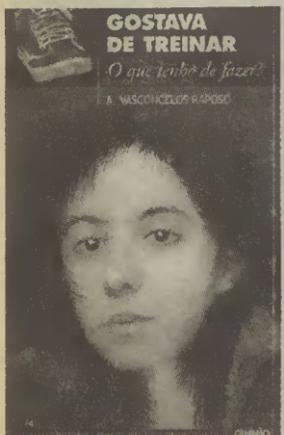
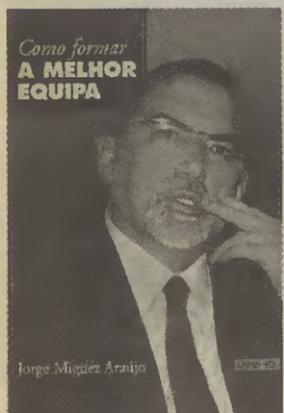
Momentos de Aqui
Ondjkjaki
No Inferno
Arménio Vieira



Uma Vida em História
Estudos em homenagem a António Borges Coelho.
Reúne-se neste volume um vasto número de estudos de alguns dos mais conceituados nomes da historiografia contemporânea que assim não quiseram deixar de se associar a esta homenagem.

Ensaio

Três novos livros para quem gosta de desporto



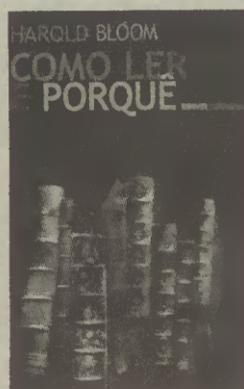
O Bipedismo no Homo Sapiens
Postura recente. Nova patologia
Leandro Massada

Como Formar a Melhor Equipa
Jorge Miguez Araújo

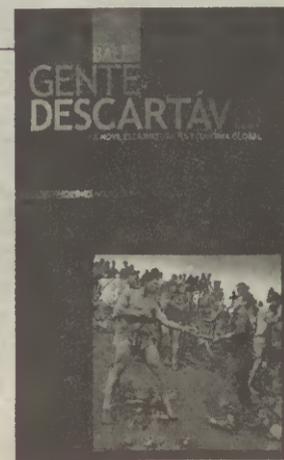
Gostava de Treinar. O que tenho que fazer?
A. Vasconcelos Raposo

Colecção Nosso Mundo

Temas variados e muito actuais

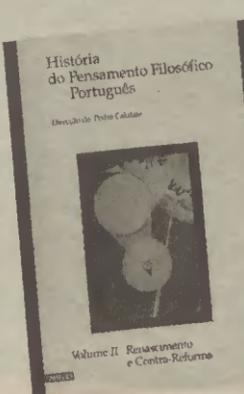


Como Ler e Porquê
Harold Bloom
Este livro ensina como e porque ler, procedendo através de uma variedade de exemplos e de casos: poemas curtos e longos, contos, romances e textos dramáticos.



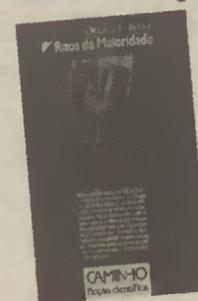
Gente Descartável
Kevin Bales
A nova escravatura na economia global.

História do Pensamento Filosófico Português

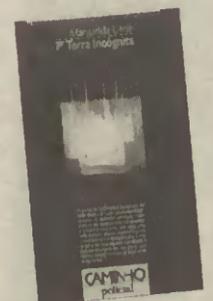


Renascimento e Contra-Reforma
A História do Pensamento Filosófico Português é composta por 5 volumes.
Volume I: A Idade Média
Volume II: Renascimento e Contra-Reforma
Volume III: As Luzes (a publicar)
Volume IV: O Século XIX (a publicar)
Volume V: O Século XX (Tomos I e II)

Provavelmente a melhor colecção de literatura policial e de ficção científica editada em Portugal



Ritos da Maioridade
Octavia E. Butler



Terra Incógnita
Margarida Utne

Saldos de Fins de Edição desconto mínimo de 50% ★ Bons livros a preços excepcionais! 350\$00 • 500\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

Protestos na Macedónia

Centenas de pessoas manifestaram-se quinta-feira em frente ao Parlamento da Macedónia para denunciar a intervenção da NATO e exprimir a sua posição contra o processo de paz. Os manifestantes criticaram a NATO e a sua alegada cumplicidade com «a mafia albanesa» e os «terroristas» e pediram a demissão do presidente macedónio, Boris Traykovski, por não defender os interesses da Macedónia perante as grandes pressões dos países ocidentais.

Dois mortos na Cisjordânia

Dois palestinianos foram segunda-feira mortos e 28 ficaram feridos num tiroteio com soldados israelitas em Hebron, na Cisjordânia, anunciaram fontes hospitalares palestinianas. Imad al-Batch, 19 anos, gravemente ferido, acabou por morrer num hospital de Hebron. Antes, Amjad al-Jamal, 23 anos, morreu durante os confrontos, atingido por duas balas na cabeça. Vinte e oito palestinianos ficaram feridos nos tumultos, assim como dois soldados israelitas. Estas duas novas vítimas elevam para 765 o número de pessoas mortas desde o início da Intifada, a 28 de Setembro, das quais 587 palestinianos e 156 israelitas.

Emboscada no Cuanza Sul

Uma emboscada contra três viaturas civis, atribuída à UNITA, numa estrada da província angolana do Cuanza Sul, fez no passado fim-de-semana 32 mortos e mais de 50 feridos. Cerca de 20 homens armados terão atacado um mini-autocarro e dois autocarros de transporte de passageiros, sacando os bens pessoais às vítimas. Na passada semana, uma emboscada também atribuída à UNITA, provocou a morte de 12 militares do exército angolano na estrada Sumbe/Gabela, tendo no dia anterior outro ataque provocado a morte de mais três militares governamentais na mesma via.

Ulster discute reforma policial

O primeiro-ministro demissionário da Irlanda do Norte, David Trimble, e o líder unionista radical Ian Paisley, reuniram-se segunda-feira pela primeira vez, na sede da Assembleia do Ulster, para discutir a reforma da polícia. Os partidos têm agora de decidir se aceitam, ou não, participar no Conselho da Polícia da Irlanda do Norte, que visa equilibrar a presença de católicos e protestantes no corpo de segurança.

Em Durban discute-se o racismo e os direitos das minorias

Cimeira anti-racismo

A escravatura e o conflito no Médio Oriente são dois dos temas que atravessam a Cimeira Mundial Contra o Racismo que decorre em Durban, África do Sul, até ao dia 7 de Setembro.

O grande objectivo da Cimeira é elaborar uma declaração e um plano de acção para os vários países, com o objectivo de eliminar o racismo e outras formas de discriminação.

Na abertura da Cimeira o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, afirmou que a «abominação» de que foram vítimas os judeus não pode desculpar os «males» causados aos palestinianos e que «acusações mútuas» não têm cabimento na conferência contra o racismo.

«O povo judeu foi vítima do anti-semitismo em muitas partes do mundo e, na Europa, foi alvo do Holocausto, a derradeira abominação. Esse facto nunca deve ser esquecido ou minimizado», disse Annan no seu discurso de abertura.

«Nesse sentido, é compreensível que muitos judeus reajam mal a qualquer acusação de racismo contra o Estado de Israel, mais ainda quando ela coincide com ataques cegos e totalmente ina-

ceitáveis contra civis inocentes», prosseguiu.

«Por essa razão, não podemos esperar que os palestinianos o aceitem como razão para ignorar os males que lhes são infligidos - ocupação, bloqueio e, actualmente, execuções extrajudiciais -, seja qual for o termo utilizado para os descrever», continuou, desencadeando uma torrente de aplausos dos delegados dos 166 países presentes.

«Mas, meus caros amigos, as acusações mútuas não são o objecto desta conferência. O nosso principal objectivo deve ser o de melhorar o destino das vítimas», concluiu.

O ponto fulcral da intervenção do secretário-geral aos delegados foi, precisamente, um apelo para que todos vejam mais além das suas disputas individuais e desenvolvessem um plano internacional para combater o preconceito.

Entre os chefes de Estado que assistiram ao discurso do secretário-geral das Nações Unidas contavam-se Fidel Castro, de Cuba, Joseph

Kabila, do Congo, e Paul Kagame, do Ruanda.

Paralelamente à Conferência realizou-se, na quinta e sexta-feira, uma greve geral de quatro milhões de trabalhadores sul-africanos que lutam contra a intenção governamental de privatizar serviços públicos básicos como a água, electricidade, esgotos e segurança social entre outros.

Polémica em Durban

O Fórum das Organizações não Governamentais (ONG) de Durban adoptou uma resolução final condenando Israel por acções de «genocídio» do povo palestiniano, disseram fontes concordantes.

A resolução final, adoptada no sábado e ainda não oficialmente publicada, apela no seu artigo 80 «à paragem imediata dos crimes racistas sistémicos perpetrados por Israel, como os crimes de guerra, actos de genocídio e de limpeza étnica e de terrorismo de Estado contra o povo palestiniano».

No seu artigo 82, a resolução «declara Israel um Estado Racista (e) de «apartheid» e denuncia no seu artigo 83 os «actos desumanos perpetrados para manter esta nova forma de apartheid (ataques

militares, torturas, detenções arbitrarias, restrições de movimento e punições colectivas sistémicas)».

O Fórum das ONG decorreu à margem da Conferência Mundial contra o Racismo. A sua resolução será transmitida à margem da conferência, mas não têm qualquer carácter vinculativo.

Israel e EUA abandonam Cimeira

Um responsável palestiniano felicitou-se esta semana com a decisão do governo israelita de abandonar os trabalhos na Cimeira da ONU contra o racismo.

«Trata-se de um golpe do governo israelita de Ariel Sharon, que não acredita na paz», disse Ahmad Abdelrahmane, acrescentando que «a comunidade internacional deve fazer pressão sobre Israel e impor sanções de forma a pôr fim à ocupação e à colonização dos territórios palestinianos», acrescentou.

O responsável criticou igualmente a decisão norteamericana de abandonar os trabalhos em Durban, considerando que «ao agirem assim, os EUA defenderam a política israelita e caucionaram as agressões contra o povo palestiniano».



Determinar uma estratégia global de combate à xenofobia e à intolerância, é um dos pontos em agenda

Milosevic nega legitimidade ao TPI

O ex-presidente jugoslavo Slobodan Milosevic compareceu quinta-feira perante o Tribunal Penal Internacional, TPI, pela segunda vez desde a sua transferência de Belgrado para Haia em finais de Junho.

Milosevic, que não aceita a legitimidade do TPI, voltou a recusar nomear um advogado insistindo em assumir a sua própria defesa e declarando-se vítima de uma «violação maciça dos direitos humanos». Milosevic disse ainda estar perante «um falso tribunal respondendo a falsas acusações». O ex-líder jugoslavo recusou também fazer qualquer declaração de culpa ou de inocência. Quando tentou continuar a argumentar contra o estatuto legal do TPI, o

seu microfone foi desligado. Entretanto, um dos seus conselheiros jurídicos, Dragan Ognjanovic, declarou que Milosevic não tenciona implicar-se no processo e, nesta conformidade, ainda não leu a acta da acusação nem os documentos que a defesa lhe fez chegar às mãos.

A primeira vez que Milosevic compareceu perante o TPI foi em 3 de Julho último, altura em que denunciou a «ilegalidade» do tribunal. O juiz britânico Richard May observou, então, que a atitude do ex-líder jugoslavo equivalia a uma declaração de não-culpabilidade.

O Tribunal Penal Internacional de Haia decidiu designar um advogado oficioso para o ex-presidente jugoslavo, não

para apresentar a sua defesa mas para lhe dar assistência durante o julgamento. «O papel do advogado não será de defender o acusado mas dar-lhe assistência» durante os procedimentos em tribunal», declarou Richard May.

Uma nova audiência foi marcada para 29 de Outubro.

SPS contra Carla del Ponte

O Partido Socialista (SPS) do antigo presidente jugoslavo Slobodan Milosevic convocou segunda-feira uma manifestação contra a ida a Belgrado da procuradora do Tribunal Penal Internacional (TPI), Carla del Ponte.

O SPS apelou aos seus simpatizantes para se reunirem no centro da capital em protesto contra «possíveis manobras que visam extraditar outros cidadãos jugoslavos» acusados de crimes de guerra pelo TPI.

Os manifestantes consideram que «a extradição de qualquer cidadão para esta monstruosa instituição política representa uma grande humilhação para o povo sérvio e um insulto imperdoável para toda a Sérvia».

O partido radical sérvio (oposição) condenou também a visita de Del Ponte e acusou os reformistas no poder de «visarem a prisão e entrega ao tribunal de Haia de todos os sérvios acusados de crimes de guerra».

Repressão na Turquia

Milhares de pessoas foram presas e numerosas ficaram feridas em consequência da repressão policial no último fim-de-semana na Turquia.

A intervenção das forças policiais e militarizadas visou impedir uma grande manifestação pela paz e de protesto contra a guerra movida pelo exército turco no Curdistão. A manifestação, que fora convocada pelo HADEP e que deveria levar a Ancara cerca de trezentas mil pessoas de várias cidades do Curdistão em mais de cinco mil autocarros, fora proibida nas vésperas pelo governo. A polícia confiscou autocarros que se preparavam para sair das cidades de Diyarbakir, Urfa, Bongol, Mus, Sirtak, Siirt e de outras localidades. Helicópteros, tanques, forças policiais e militares cortaram a circulação em todas as grandes cidades do Curdistão. Em Diyarbakir, o governador militar impediu uma conferência de imprensa do HADEP, um partido legal, destinada a denunciar a repressão. Mesmo assim, sempre que os manifestantes conseguiram romper o bloqueio policial organizaram-se manifestações.

Simultaneamente decorreu na Alemanha, no estádio de Colónia, o Festival do Curdistão onde cerca de cem mil pessoas reclamavam liberdade e paz para o Curdistão e onde interveio a vice-presidente do HADEP, Nur Hayat Altun.

O balanço da repressão conduzida na Turquia e no Curdistão pelo exército e pelo regime de Ancara no serviço da NATO é impressionante: milhares de mortos, centenas de milhares de feridos, 500 desaparecidos nas prisões incommunicáveis, uma centena de mortos a tiro nas celebrações do ano novo curdo Newros, 430 pessoas assassinadas debaixo da tortura, dez mil presos políticos, 4000 localidades destruídas, 60 mil hectares de terras de cultivo incendiadas e cinco milhões de curdos expulsos das suas terras ou fugindo do exército turco e da repressão.

O regime militar de fachada parlamentar no Turquia além de membro da NATO é também membro do Conselho da Europa. Os EUA, a Inglaterra, a Alemanha e a França são os principais fornecedores das armas com que os generais do Bósforo aterrorizam as forças democráticas na Turquia e no Curdistão.

Condições de trabalho Que evolução?

• Fátima Garcia

Estudos sobre os mais variados temas é coisa que não falta nas instituições europeias. Inundam-nos as secretárias a um ritmo tal que, devido à falta de tempo, muitas vezes não lhes damos a devida atenção. Porém, quando temos a possibilidade de nos debruçarmos sobre o seu conteúdo, deparamos muitas vezes com informação que nos deixa abismados – ou talvez não – e que mereceria a sua utilização prática. A questão coloca-se, então, sobre o destino a dar a todo esse trabalho que, na maior parte dos casos, parece que ou só é encomendado para justificar o pagamento de uns milhares de euros aos seus autores ou é o resultado de alguém com espírito masoquista que os encomenda para mostrar que tudo vai mal.

prazo estão mais expostos a estas condições de trabalho do que os trabalhadores com contrato por tempo indeterminado. Se tomarmos por comparação as categorias que mais se afastam – trabalhadores por conta de outrem e trabalhadores com contrato por tempo indeterminado – verificamos que a exposição a posições dolorosas é de 51% para o primeiro caso e de 45% para o segundo, a exposição a vibrações é de 29% e 23% respectivamente e ao barulho de 35% e 30%.

Quanto aos horários de trabalho flexíveis, 24% dos trabalhadores declaram ter um horário semanal irregular e 41% têm horários diários irregulares.

A segregação sexual mantém-se uma triste realidade e se 26% das mulheres têm um fraco salário contra 9% dos homens, esta situação inverte-se nos salários mais elevados onde a proporção é de 10% e 22%, respectivamente. No que se refere ao trabalho doméstico, 41% das mulheres interrogadas ocupa-se das crianças e da sua educação contra 24% dos homens. A cozinha é feita por 64% e 13% respectivamente e apenas 12% dos homens se ocupa com a limpeza contra 63% das mulheres.

A violência e o assédio sexual no meio laboral continuam a constituir um grave problema. A percentagem mantém-se no que se refere ao assédio sexual e aumenta no que diz respeito ao assédio moral. Embora o estudo demonstre diferenças entre os Estados-membros (entre 4% e 15%) este resultado pode reflectir diferenças de sensibilidade para o problema ou subestimação do mesmo em relação à realidade.

Quando disse no início deste texto que talvez não fiquemos

abismados com estas informações, tinha como base o que se passa no nosso país e a permanente denúncia que o PCP faz das condições de trabalho em Portugal. É evidente que o aumento de acidentes na construção civil, os problemas de tendinites no sector do material eléctrico, a situação na indústria extractiva, entre outras, são bem a prova que a situação vai mal.

O facto de não ir melhor nos outros países da UE não nos serve de alívio. A constatação destes problemas a este nível, só serve para provar que as medidas de defesa dos trabalhadores não têm sido, muito longe disso, uma preocupação dos membros da Comissão Europeia, do Conselho de Ministros e, muito menos, dos diferentes Governos. É evidente que eles estão preocupados e se questionam até que ponto os trabalhadores poderão aguentar a presente situação, mas os lobbies do grande capital ainda continuam a falar mais alto.

Os deputados do PCP no Parlamento Europeu têm dedicado a estes problemas a maior atenção através de iniciativas diversas. Mas o essencial da luta está nas mãos dos trabalhadores, em Portugal e nos outros Estados-membros.

* Da autoria de Damien Merllie e Pascal Paoli,



Senão vejamos. Na UE existe a Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho que recentemente elaborou um estudo sobre «Dez anos de condições de trabalho na União Europeia»*.

Situação agrava-se

Neste documento podemos constatar que, apesar de toda a evolução tecnológica que se vem verificando – e que deveria ser utilizada ao serviço dos trabalhadores – a situação tem vindo a agravar-se na última década. O estudo elaborado mostra-nos que uma crescente proporção de trabalhadores na UE sofre de problemas de saúde de origem profissional. As perturbações musculares aumentaram de 30% em 1995 para 33% em 2000, o estado de fadiga passou de 20% para 23% no mesmo período e as situações de stress mantêm-se estáveis em 28% dos casos. A exposição de trabalhadores a riscos físicos aumentou entre 1990 e 2000. Em situação de barulho intenso passou de 27% para 29% neste período, aumentou de 43% para 47% o trabalho em posições dolorosas e de 31% para 37% o carregamento de pesos excessivos. Os autores dizem-nos, igualmente, que os trabalhadores por conta de outrem ou com contratos a

A Fretilin lidera a contagem dos votos nacionais nas constituintes timorenses

Eleições em Timor-Leste

Os eleitores em Timor-Leste compareceram em massa para participar nas primeiras eleições livres no país nascente, depois de quatro séculos de colonização portuguesa e 25 anos de controlo indonésio.

Logo pela manhã de quinta-feira, formaram-se longas filas

em frente aos centros de votação. «A atmosfera é excelente», disse Wolfgang Kreissl-Doerfler, chefe de uma missão de observadores da União Europeia. «A votação está a decorrer muito bem e de uma forma muito disciplinada.»

As 248 secções eleitorais, divididas em 13 distritos, abriram exactamente às sete horas da manhã, horário local, sob vigilância de 1500 polícias da ONU e de 850 membros das forças de segurança de Timor-Leste, além da presença de mais de 500 observadores estrangeiros.

A Assembleia Constituinte que for escolhida pela população terá como tarefa elaborar, num prazo de 90 dias, a Carta Magna e definir a maneira como o primeiro presidente timorense será escolhido em 2002. Os resultados, segundo as autoridades eleitorais, devem ser divulgados no próximo dia 10 de Setembro.

Dezasseis partidos disputaram as eleições. A Frente Revolucionária para a Independência de Timor-Leste (Fretilin), de José Alexandre Xanana Gusmão, que liderou a luta pela autodeterminação, têm uma confortável maioria nas pesquisas de opinião.

Mari Alkartiri, que chefia a Fretilin, previu que o seu parti-

do conquistará 80 por cento dos votos. «As pessoas que votam pela paz e a estabilidade votarão com confiança num partido com uma história», declarou.

Entretanto, os eleitores entrevistados nas filas pareciam concordar com Alkartiri. «A Fretilin lutou contra os indonésios. É claro que vou votar neles.»

«Carrascalão como Savimbi»

José Ramos-Horta condenou segunda-feira as críticas da UDT ao processo eleitoral em Timor-Leste, considerando-se «profundamente triste» com os comentários «infelizes», «lamentáveis» e «incendiários» de João Carrascalão que demonstrou uma atitude comparável à de Jonas Savimbi.

«Fico profundamente entristecido com as declarações do senhor João Carrascalão», disse Ramos-Horta em entrevista à agência Lusa em Dili.

«Foi o próprio João Carrascalão que mais uma vez comparou Timor-Leste com Angola. Não há comparação possível, mas só lembro que Jonas Savimbi também recusou aceitar o resultado eleitoral das eleições em Angola», referiu.

«É triste e constrangedor que mesmo antes de se apurar o resultado imediatamente se diga que não vai aceitar e não vai participar em nenhum governo de inclusão e faz daí insultos gravosos a membros de outros partidos», disse.

Ramos-Horta dirigiu as críticas ao líder da UDT referindo que a posição daquele partido é tanto mais «triste por questionar a análise feita pela comunidade internacional, que através de centenas de observadores», garantiu que o acto foi «livre e justo».

As críticas de José Ramos-Horta surgem na sequência das afirmações de João Carrascalão, que, no fim-de-semana, anunciou que a UDT vai contestar os resultados das eleições.

Fretilin a caminho da maioria absoluta

Com 74 por cento dos votos apurados, a Fretilin continua a consolidar a maioria absoluta e o PD e o PSD confirmam-se como segundo e terceiro partidos em Timor-Leste, apurou terça-feira a Agência Lusa.

Quando estavam escrutinados 74 por cento dos votos, a Fretilin liderava a contagem com 142 239 votos (53,13 por cento) dos 267 702 boletins válidos depositados nas urnas.

Cálculos feitos com base nos resultados já apurados – e quando ainda faltavam apurar metade dos votos em Baucau e todo o sufrágio em Dili (os maiores centros) – sugerem que a Fretilin terá já garantido 44 lugares dos 88 da futura Assembleia Constituinte, o correspondente a 50 por cento.



Os resultados, segundo as autoridades eleitorais, devem ser divulgados no próximo dia 10 de Setembro

Europa contra Microsoft

A Comissão Europeia anunciou na passada semana ter instaurado um segundo processo contra a Microsoft por procedimento monopolista no mercado dos computadores pessoais.

A Comissão acusa a companhia norte-americana de uma infracção à regulação antimonopolista europeia, por vincular os sistemas ope-

rativos para servidores de gama baixa à Microsoft e, assim, tentar o reforço da sua posição no mercado.

Estes sistemas são mais baratos e são mais utilizados como servidores de gestão de ficheiros e como servidores Web.

Esta é a segunda acusação das autoridades europeias à Microsoft por quebrar as regras da concorrência,

depois de um primeiro processo, movido depois da queixa da Sun Microsystems, apresentada em 1998.

Sobre o assunto, o presidente da Microsoft para a Europa, Oriente e Ásia, Jean Philippe Courtois, afirma que a investigação da comissão concluirá que a empresa respeita as regras europeias da concorrência.

• Manoel
de
Lencastre

No império do sol nascente ...

O império do desemprego

O resvalar monótono da economia nipónica para o desconhecido continua a preocupar os outros grandes centros do imperialismo. Com o «Nikkei» (índice da Bolsa de Tóquio) já na casa dos 10 000 pontos, não pode deixar de recordar-se que aqueles centros esperavam a falência do sistema bancário japonês assim que o referido índice tivesse descido dos 14 000 pontos. Mas isso não aconteceu.

Em vez da falência dos bancos, que pode, evidentemente, vir a dar-se, mas, segundo, o Bank of Japan, «de maneira organizada e ordeira», assistimos à rejeição por parte dos gigantes industriais daquilo que se tinha como uma das «vacas sagradas» do sistema: o pleno emprego. Como se sabe, após a derrota e o desastre sofridos na 2.ª Guerra Mundial, a reconstituição dos grandes monopólios do capitalismo nipónico fez-se com a garantia de que um emprego para os trabalhadores do país do

Konosuke Matsushita respondeu que os trabalhadores eram a sua família e não autorizaria, portanto, quaisquer despedimentos. Agora, porém, a famosa empresa vai pela primeira vez despedir – 5000. Escreveu a revista «Shukan Gendai»: «Os despedimentos na Matsushita representam a queda do último bastião que defendia o princípio do pleno emprego.» Um repórter esperou durante 48 horas à porta do actual patrão do referido conglomerado, Kunio Matsushita, para perguntar-lhe: «Então a vossa companhia renunciou ao princípio de família estabelecido por Konosuke?» Mais despedimentos entre os grandes nomes: «Fujitsu», 16 400; «Mitsubishi Motors», 9500.

O desemprego está a desmoralizar a sociedade. No momento em que escrevemos, afirma-se que atinge números nunca vistos desde que começaram a fazer-se registos, em 1953. Só em Julho último, confirmaram-se mais 230 000 desempregados, elevando-se o total oficial para 3,3 milhões. Mas supõe-se que o número de trabalhadores postos de parte pelas empresas em todo o país é muito superior, vista a relutância das pessoas em aparecer nos postos de apresentação dizendo: «Perdi o meu trabalho. Venho registar-me como desempregado.» A lista, como vemos, é já muito longa. Mas vai continuar a aumentar e, obviamente, anuncia uma catástrofe.



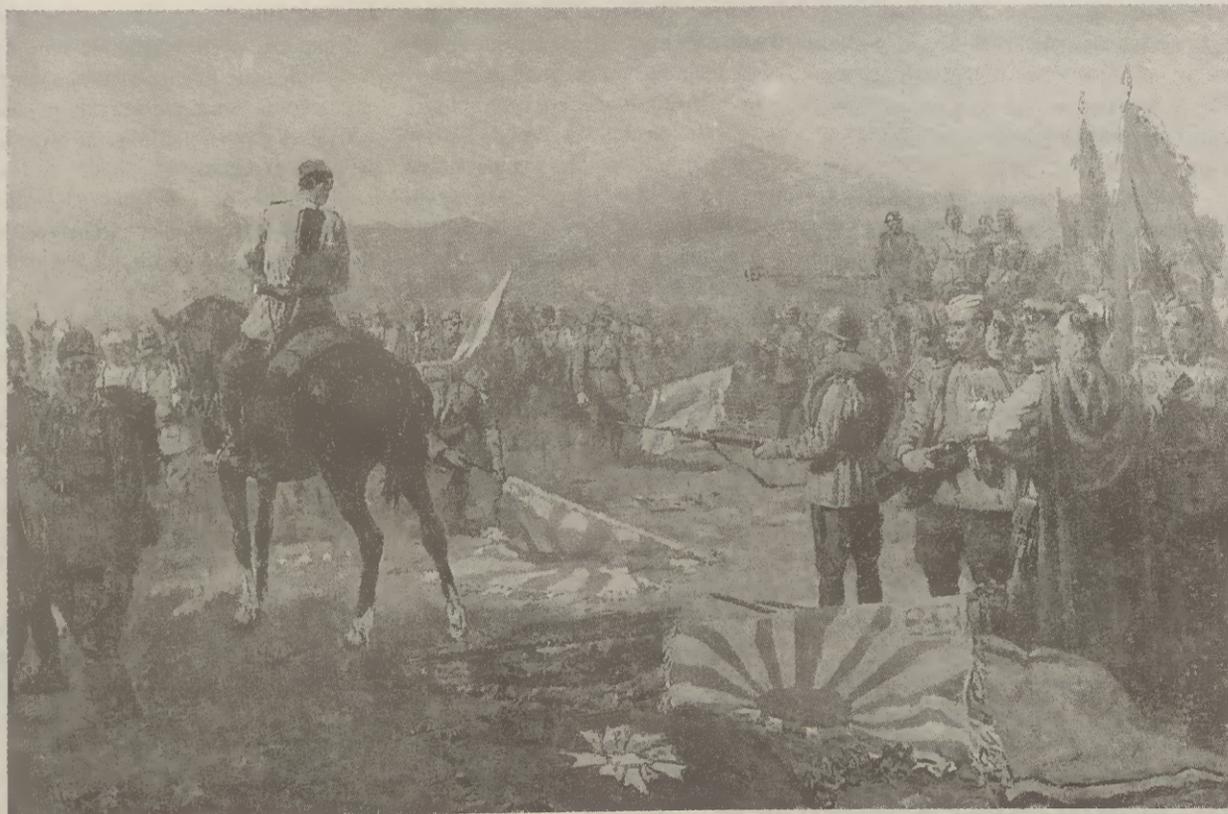
«Sayonara»...

A crise de Março passado deixou a Turquia de joelhos. A actual crise argentina já levou o Estado a um procedimento assustador: agora, paga ao funcionalismo público e aos reformados e pensionistas em vales. O que fazem as pessoas com esses títulos? Só podem utilizá-los junto das Companhias dos Telefones e da Electricidade. E, também, nos «MacDonalds»... Sem desejarmos abordar aqui a crise portuguesa, podemos assegurar que os bancos de Lisboa têm estado em quase permanente estado de «especial vigilância»...

Recordamos o dia vertiginoso em que o «Dow Jones» ultrapassou a fasquia dos 10 000 pontos pela primeira vez. As televisões americanas transmitiam, minuto a minuto, a subida do índice bolsista, aos poucos, quase ponto a ponto. Depois, quando a magia dos 10 000 pontos sucedeu, Wall Street entrou em total delírio e conheceu um carnaval «à brasileira». O tradicional sino badalou, vibrante, ameaçando não mais parar e toda a gente batia as palmas. Mais tarde, o «Dow Jones» subiria para os 11 000 pontos e andaria, assim, acima e abaixo.

Claro que todos sabemos que os índices bolsistas podem ser manipulados: «hoje, compras tu o meu papel... amanhã, comprarei o teu». Todavia, a verdade é que o «Dow Jones» já anda de novo na casa dos 9000 pontos. Para quê, então, toda aquela festa? As celebrações do capitalismo sempre tiveram qualquer coisa de sórdido resultante da mórbida convicção de que a inevitabilidade acabará por apresentar-lhe a factura dos povos.

A próxima «festa» será a do lançamento dos «euros». Não nasceram ainda. Mas nós dizemos-lhes: «SAYONARA!»



A rendição das tropas japonesas ao Exército Vermelho

sol nascente seria um emprego para toda a vida. E surgiu a cultura das grandes empresas – pertencer a uma ou a qualquer delas era, para os trabalhadores sem consciência de classe, o equivalente a ser-se, em Inglaterra, do Arsenal ou do Manchester United.

Dolorosamente, a garantia de emprego perpétuo acaba de dissipar-se. A sobrevivência dos negócios, grandes e pequenos, teve de colocar-se acima da sobrevivência dos empregos. E caiu, assim, uma das principais, talvez a maior, ilusões até agora sustentadas pelo povo do grande país insular do Extremo-Oriente. A «Toshiba» acaba de anunciar uma reestruturação drástica envolvendo o despedimento de 18 800 trabalhadores – os prejuízos declarados relativos ao ano 2000 são de 664 milhões de libras esterlinas (200 milhões de contos). Logo a seguir, a «Hitachi» revelou que vai despedir, também, 20 000 dos seus trabalhadores devido «à dramática desaceleração económica dos Estados Unidos a partir de fins do ano 2000».

Isto, enfim, tem a sua história: durante a depressão de 1929, um dos gerentes da «Matsushita» colocara o patrão perante a inevitabilidade de despedir metade do pessoal da companhia. Mas o «grande»

O principal problema da economia nipónica, de acordo com os pontos de vista do capitalismo, reside na situação do sistema bancário. Para que este seja regenerado, o Estado deveria absorver e eliminar a carteira de dívidas incobráveis dos bancos (crédito malparado), qualquer coisa como 800 000 milhões de dólares. Mas isto, ainda segundo os intelectuais da economia de mercado, corresponde a uns meros 17% do GDP (Produto Interno Bruto). Se o governo japonês «apenas» fizesse isto, então os bancos libertar-se-iam, ganhariam novas capacidades e os banqueiros partiriam, alegremente, para um país novo... Num documento intitulado «Bank of England Financial Stability Review» escreveu-se que «o pagamento pelo Estado da recapitalização dos bancos e das indemnizações aos depositantes custa 17% em países desenvolvidos; na Tailândia, custaria 42,3%; na Indonésia, 55%». Cabe, aqui, perguntar: e em Portugal?

Sucessivos governos nipónicos têm hesitado. Desviar os mencionados 800 mil milhões de dólares para «limpar» os bancos dos seus créditos incobráveis, quase todos resultantes de decisões financeiras corruptas, não seria uma decisão fácil. O país, certamente, não estaria de acordo. Poderiam surgir problemas. Talvez uma revolução. A menos que se nacionalizassem os bancos... Mas os leitos professores da escola imperialista anglo-saxónica, sempre tão dispostos a precever receitas aos outros, quando ouvem falar em nacionalizações de bancos, logo emudecem. E, não tendo a correcta noção do processo histórico, sugerem as clássicas medidas sempre sinistras, sempre assassinas.

Segundo eles, a recessão também poderia ter as suas vantagens. Por exemplo: possibilita «limpar o mercado» (liquidar todas as empresas em crise e esquecer os resultantes milhões de desempregados); permite reaplicar os recursos deixados disponí-

veis; dá lugar a uma reestruturação das empresas sobreviventes do cataclismo. Seria um outro recomeçar, aquilo, justamente, que o imperialismo anda a fazer desde o princípio sem que lhe interessassem as devastações que ficam pelo caminho...

É verdade dizer-se, porém, que a economia japonesa está num beco sem saída, ou de saídas julgadas impossíveis. Mesmo com as taxas de juro a zero, os projectos de investimento rareiam. A estagnação já faz parte da vida. Para estimular, o Estado financia a construção de novas linhas de caminhos-de-ferro, obras públicas diversas. Os bancos não emprestam. A sempre tão celebrada iniciativa privada está morta. A classe operária reflecte e faz as suas contas. Há um terrível medo do desemprego. Um estado de pusilanimidade assolou o país. Por outras palavras: no Japão, a crise do sistema de mercado que levará à sua própria desintegração, prossegue, lentamente. A nação nipónica foi atingida na alma. O capitalismo liquidou-a.

Respostas e receitas do capitalismo

• Miguel Urbano Rodrigues

El Salvador O FMLN faz cair a máscara dos falsos «renovadores»

O Encontro Internacional de Solidariedade e pela Paz na Colômbia e na América Latina permitiu-me em Julho p.p. rever San Salvador. Não foi sem emoção que reencontrei ali velhos amigos. A luta da guerrilha salvadorenha simbolizou durante uma década para milhões de latino-americanos aquilo que a resistência do Vietname à agressão imperial norte-americana significara antes para a esquerda europeia.

O combate da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional tornou-se capítulo da história profunda do continente. O seu desfecho não foi, contudo, como no Sudeste Asiático, uma vitória militar. A nova correlação de forças resultante do desaparecimento da URSS obrigou a FMLN a uma inflexão na sua estratégia de luta pelo poder. A guerra terminou com uma negociação política. A FMLN transformou-se em partido político empenhado em dar continuidade pela via institucional ao combate que iniciara pela via da insurreição armada.

El Salvador passou a ser desde então um laboratório social estudado pelos cientistas políticos de todo o mundo.

Tento neste artigo iluminar um pouco o quadro que ali encontrei num momento em que os *media* internacionais e a direita oligárquica salvadorenha se esforçam por apresentar a FMLN a imagem de um partido em crise, à beira da desagregação.

A campanha mediática em torno do «choque entre os ortodoxos e os renovadores» atingiu o auge nos dias da minha permanência no país.

Eu, como outros visitantes, sabia que o FMLN obtivera nas últimas eleições, pela primeira vez, a maioria relativa no Parlamento e nas municipais conquistara as prefeituras das principais cidades, incluindo a da capital.

Não era difícil perceber que os jornais, as rádios e os canais de televisão (uma dúzia) mentiam descaradamente ao povo e aos participantes no Encontro Internacional de Solidariedade que atraía ao país centenas de personalidades estrangeiras.

Um país colonizado

Dispus de pouco tempo para estudar e observar. Aparentemente, San Salvador não mudou muito desde que ali estive em 97. Na capital não são identificáveis marcas dos terremotos do início do ano, que atingiram sobretudo pequenas cidades.

Nos bairros da grande burguesia são mais evidentes os sinais de riqueza. A americanização da vida ganha espaços com a dolarização. Nos grandes hotéis de luxo e o mau gosto impressionam. O pendor reaccionário nos jornais e na televisão acentuou-se.

A dolarização, em processo de anda-

mento, perturbou o povo. Nos supermercados os preços estão marcados em colones e dólares e as funcionárias das caixas procedem à conversão imediata de ambas as moedas. Mas nos pequenos restaurantes, por exemplo, o pessoal pediu-me que pagasse de preferência em colones. No campo, o dólar é, segundo me disseram, repudiado. Os colonistas não se cansam de enaltecer os benefícios miraculosos da sua adopção como moeda nacional. Mas a circulação do colon acaba de ser prorrogada para atender à pressão popular. Em muitos estabelecimentos, cartazes informam que não aceitam notas de 50 e 100 dólares. Um efeito da dolarização: não há táxímetros. As corridas são avaliadas pelo motorista e pelo cliente; se este não tem noção da topografia da cidade, é quase sempre roubado no preço.

Numa breve passagem por bairros degradados, os chamados tugúrios, tive a impressão de que a miséria e a imunidade alastraram. A criminalidade também. Segundo um estudo das Nações Unidas, San Salvador é hoje a capital mais violenta da América Latina, superando São Paulo e Bogotá.

Pude confirmar que a direita salvadorenha, comandada por um punhado de famílias oligárquicas, é, pela experiência acumulada durante a guerra contra a FMLN, mais hábil do que a maioria das suas congêneres latino-americanas. A sua impopularidade, apesar disso, aumenta. A atitude servil que adopta no diálogo com os EUA contribui para o seu desprestígio crescente. Em conversas de rua registei a adesão imediata a qualquer crítica feita à arrogância imperial dos EUA e à maneira como o governo Bush trata os imigrantes salvadorenhas cujas remessas constituem a primeira fonte de divisas do país.

No hotel Holiday Inn, onde fiquei instalado com a maioria das delegações estrangeiras, estavam hospedados *marines* dos EUA. Talvez uma dúzia. Enfiados nos seus uniformes de campanha, camuflados, lembravam personagens de filmes de Hollywood, falando muito alto, gesticulando, olhando de cima para os demais hóspedes. Com uma excepção: miravam os delegados ao Encontro de Solidariedade com a Colômbia como seres de outro planeta. Sorriam e quando viam nas nossas mãos livros sobre temas políticos e históricos indagavam de onde vínhamos...

A experiência do FMLN

Aproveitei a volta a San Salvador para manter prolongadas conversas com camaradas do Partido da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional.

Sob certos aspectos, a experiência salvadorenha é inédita, embora os processos utilizados na luta política pela

O povo é permanentemente vigiado pelas tropas governamentais

direita local (sob tutela de Washington) não difiram muito daqueles que se tornaram comuns na Europa e no Brasil. Na véspera do dia em que Schafik Handal — ex-secretário geral do Partido Comunista e legendário comandante guerrilheiro — me falou demoradamente da situação político-social existente no país, um grande jornal, *El Diario de Hoy*, dedicava a berrante manchete à suposta crise do FMLN.

Schafik começou por relembrar que o FMLN havia sido um movimento guerrilheiro constituído por três organizações principais que convergiam em torno de uma plataforma comum, imprescindível no desenvolvimento da guerra. Ao transformar-se, após a assinatura dos Acordos de Paz, num partido político legal, integrado no sistema institucional, todos os antigos combatentes se comprometeram a lutar na legalidade, em novos cenários, pelas metas que haviam sido estabelecidas na fase da clandestinidade.

Optando pela transformação da frente guerrilheira em Partido, os dirigentes estavam conscientes de que o FMLN iria integrar-se num sistema que sempre combatera, e que por isso mesmo teria de se manter intransigentemente fiel ao compromisso revolucionário de lutar, na legalidade, pela mudança ou abolição desse sistema.

Ocorreu então o que se tinha por inevitável. Em maior ou menor escala, as organizações políticas e os homens são submetidos a pressões muito diferentes na guerra e na paz. Isso verificou-se na Ásia e na África com muitos movimentos revolucionários. Na Nicarágua as consequências dessas pressões produziram efeitos devastadores.

Que acontece nessas circunstâncias? A acção da propaganda imperialista e do discurso da burguesia sobre os ex-guerrilheiros intensifica-se. A passagem do mata à cidade coloca problemas complexos aos quadros.

No tocante aos dirigentes, em El Salvador a ofensiva da sedução foi imediata e intensa. Atingiu o FMLN logo que as armas se calaram. Assumiu múltiplas formas a principiar pelo estabelecimento de relações de intimidade pessoal com personalidades da direita. Choveram convites sobre os principais dirigentes. Para iniciativas culturais,

festas, fins-de-semana, viagens ao estrangeiro, participação em reuniões académicas de prestígio internacional, etc. Depois vieram ofertas de nomeações para cargos públicos ou privados bem remunerados.

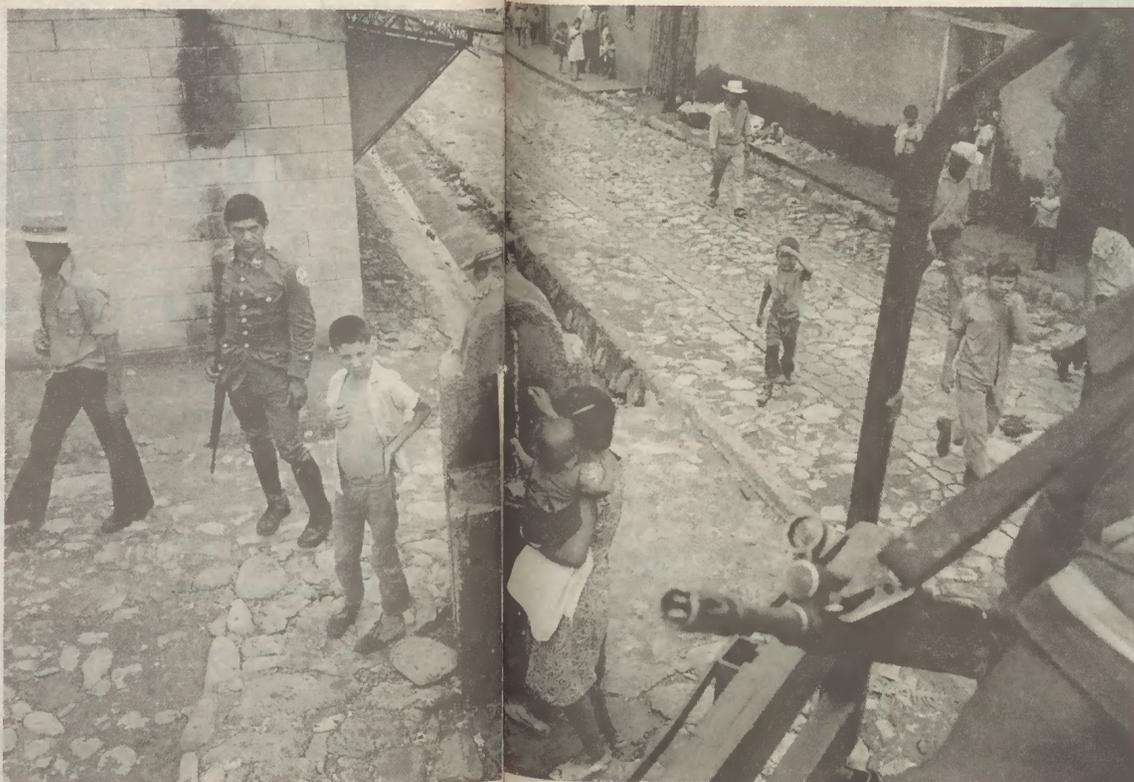
O objectivo era conseguir que os dirigentes mais frágeis ideologicamente se distanciassem do compromisso revolucionário.

O episódio que envolveu Joaquín Villalobos confirmou que era uma ingenuidade subestimar os efeitos de tal política. Esse intelectual, um sociólogo, fora um destacado comandante guerrilheiro. Convidado a concluir um doutoramento em Oxford, na Inglaterra, aceitou. E do distanciamento passou à ruptura ideológica. O FMLN tinha então 21 deputados na Assembleia Legislativa. Villalobos provocou uma cisão, arrastando consigo sete. Fundou um partido que passou a alinhar com a Arena, fundada pelo oficial que promovera o assassinio de monsenhor Romero.

A comunicação social festejou o gesto de Villalobos. Mas lançou foguetes antes de tempo. Nas eleições de 97, o partidinho do «dissidente» não elegeu um só deputado. Hoje, o ex-comandante desceu tão baixo que elogia a dolarização como «uma medida revolucionária» e faz do FMLN o alvo prioritário dos seus ataques.

Essa deserção foi o prólogo de tendências negativas que começaram a manifestar-se no Partido. Em reuniões da direcção principiarão a expressar-se ideias «estranhas» — assim lhes chamou Schafik Handal — incompatíveis com o programa e a história do FMLN.

O processo apresenta afinidades no tocante aos «argumentos e propostas» a outros que na Europa contribuíram para a social-democratização de alguns partidos comunistas. No discurso e na acção desenvolvida pelos elementos a que os *media* qualificaram de «renovadores» (colando o rótulo de «ortodoxos» aos que defendem a linha revolucionária) uma constante foi a exigência de «reformas» no FMLN que o transformassem num partido moderno ajustado aos «novos tempos». Segundo os líderes «renovadores», o Partido para chegar ao Poder deveria renunciar à sua rígida postura revolucionária, compreender o mundo actual e assimilar as



lições da revolução tecnocientífica, etc., etc. Um disco que os militantes do PC do B conhecem.

Relações particularmente íntimas dos dirigentes «renovadores» com a Embaixada dos EUA chamaram a atenção.

Entretanto, o grupo dito «renovador» conquistou inesperadamente a maioria na direcção do FMLN. O seu mais destacado elemento, Facundo Guardado, um jovem, foi o candidato do Partido à Presidência nas eleições de 1999.

O sonho de Facundo desfez-se, porém, em fumo. O seu discurso de campanha apresentou afinidades com o da direita. O programa, tímido, decepção ou eleitorado de esquerda. A sua abstenção foi maciça. O FMLN obteve apenas 30% dos votos emitidos e o candidato da Arena, o actual presidente Flores, um político medíocre, de uma subalternidade ostensiva a Washington, foi folgadoamente eleito.

Cabe perguntar: como foi possível que um político como Facundo Guardado mudasse a correlação de forças no Partido impondo a sua candidatura à Presidência e um programa que rompia com a tradição marxista e revolucionária do FMLN?

Obtive agora a resposta a essa questão. A ascensão fulgurante de Facundo e da sua facção foi viabilizada pela ausência de estruturação orgânica do FMLN ao transformar-se em partido político.

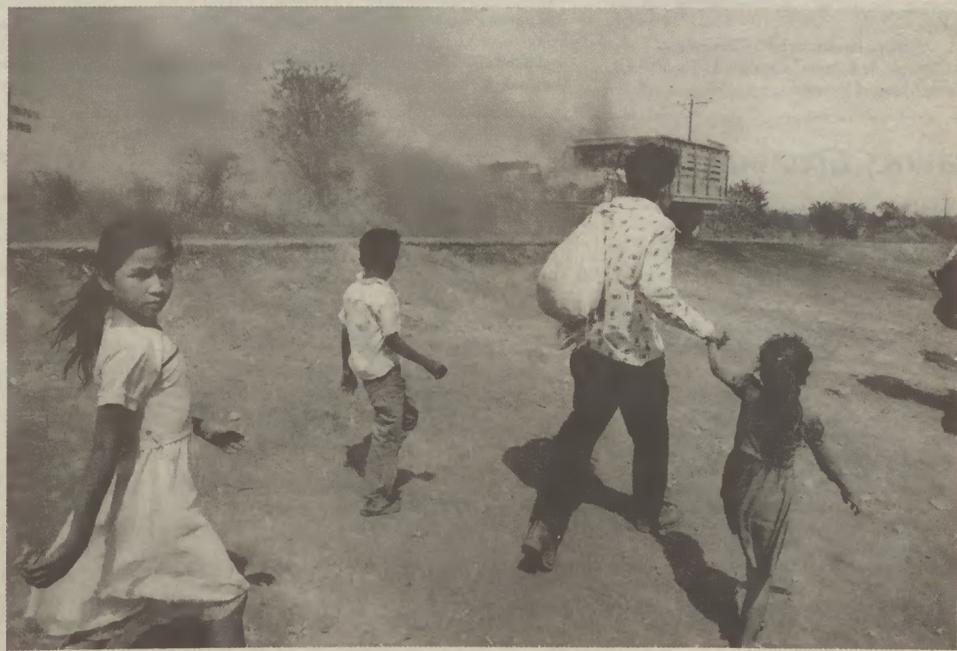
Na antiga Frente, saída da guerra, era suficiente assinar um boletim de inscrição para que qualquer cidadão, sem ligações com a direita, se tornasse membro. Quando começou a disputar eleições como partido político, o FMLN tinha oficialmente 130 mil filiados. Esse total ocultava uma realidade preocupante. Era ficcional. Isso ficou transparente quando se verificou que o partido em alguns municípios obteve menos votos do que o total de filiados que ali figuravam nos seus registos.

A derrota de Facundo assinalou o início de reacção das bases. O esquema montado desmoronou-se. Novos estatutos facilitaram uma rápida recuperação do Partido. O número de filiados não ultrapassa hoje os 50 mil, mas essa gente demonstra um espírito militante,

marcado por uma clara adesão ao compromisso revolucionário do antigo movimento guerrilheiro.

O isolamento dos «renovadores»

A reacção do grupo «renovador» à estrondosa derrota do seu líder nas Presidenciais e ao regresso do FMLN à sua linha histórica foi a criação de um Partido cuja tarefa seria, na perspectiva de Facundo, alcançar uma grande votação nas legislativas de Março de 2000. Mas nenhum dos 29 candidatos que apresentou foi eleito. O mesmo ocorreu nas municipais. O eleitorado de esquerda varreu os «renovadores» do cenário político. O seu partido não atingiu o tecto dos 3% fixado pela lei. Isso apesar de a campanha dessa gente ter sido dirigida por uma equipa de especialistas em *marketing* eleitoral vinda dos EUA. O PSOE também os ajudou financeiramente.



El Salvador, um país em guerra

Esta segunda e demolidora derrota eleitoral, por coincidir com uma grande vitória do FMLN, levou os «renovadores», agora desmascarados como grupo sem apoio das bases, a uma nova inflação táctica. O objectivo passou a ser golpear o mais possível o FMLN uma vez que não podem destruí-lo. A campanha é desenvolvida com o apoio financeiro de grupos económicos locais, sobretudo daqueles que controlam a comunicação social. É significativo que a algazarra em torno da suposta crise do FMLN tenha atingido o auge durante o Encontro de Solidariedade.

O descrédito do grupo de Facundo ficou transparente no resultado de uma sondagem promovida pelo canal 6, de tendência ultraconservadora. Perguntava-se aos telespectadores se eram favoráveis ou contrários à presença dos «renovadores» no FMLN. Mais de 70% pronunciaram-se pela sua saída do partido. Noutra sondagem, organizada por um diário, 60% dos leitores concluíram que o grupo de Facundo já não tem nada de comum com o FMLN.

Fortalecimento do FMLN

É hoje evidente que o projecto de Facundo Guardado foi a pique. A propalada crise do FMLN não passa de rótulo de uma campanha mistificadora que inverte a situação existente. O FMLN atravessa uma fase criadora, no qual a participação militante das bases no trabalho partidário e nas lutas sociais em curso expressa a sua fidelidade ao compromisso revolucionário. O FMLN está a sair fortalecido da tempestade provocada pelo grupo de Facundo Guardado.

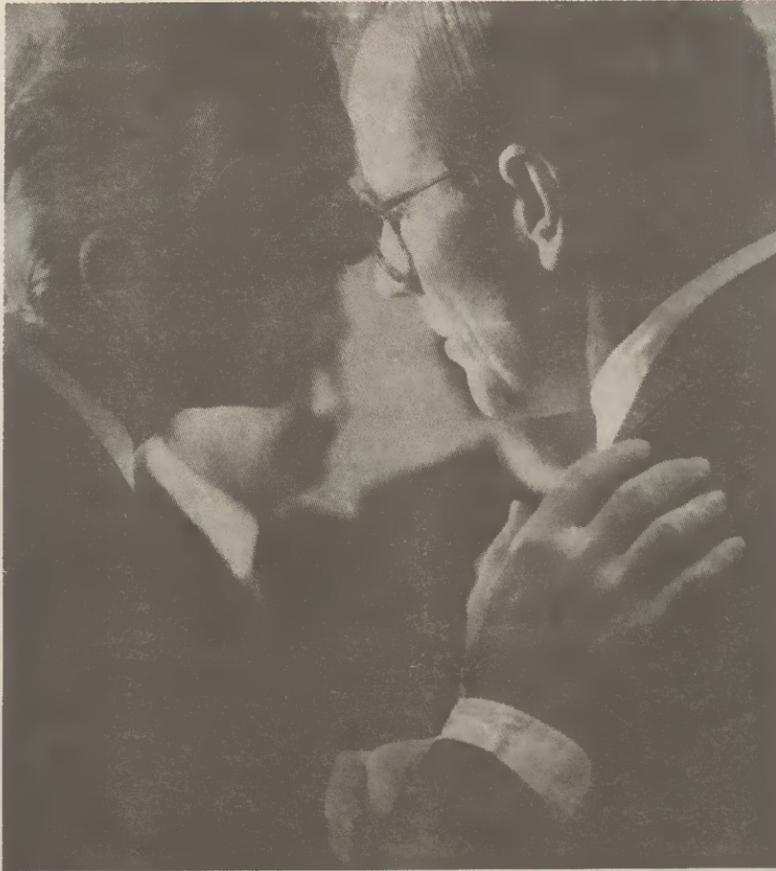
Schafik Handal, recordando o velho aforismo segundo o qual há males que vêm para bem, contou-me que nota um reforço do espírito de luta dos camponeses e dos trabalhadores em geral nas pequenas comunidades do interior que visita frequentemente como deputado. Aquilo que tem ouvido e sentido nesses encontros reflecte uma ascensão da consciência social e maior disponibilidade para o assumir de novos desafios.

A contribuição decisiva do FMLN para o êxito do Encontro de Solidariedade com a Colômbia confirmou, aliás, que o partido de Farabundo Martí, protagonista de uma maravilhosa página de história, está preparado para desempenhar um papel à altura das suas tradições na grande vaga de contestação ao neoliberalismo e ao imperialismo que mobiliza hoje os povos do continente.

Religiões

• Jorge Messias

Antes que falemos nos nomes de alguns dos *Homens de Bilderberg*, conviria referir o tipo de estruturas em que se enquadram. Por outras palavras, a que formas de organização se subordina este movimento e como estabelece e garante a relação entre os seus diferentes interesses. A resposta que obviamente se encontra a tais interrogações é extremamente simples: *Bilderberg* é uma superestrutura capitalista moderna enraizada no poder e que, como tal, se organiza em torno dos «lobbies» que representa. No complexo conjunto desses interesses



Os homens de Bilderberg (3)

esforça-se por reconciliar antagonismos internos e garantir as bases necessárias à elaboração das grandes estratégias globais do capitalismo. Trata-se, portanto, de uma poderosa sede de direcção política.

Os «clusters» de Bilderberg

A documentação oficial com mais fácil acesso permite situar algumas das principais áreas de actuação do *Grupo de Bilderberg* e parte das forças nelas presentes.

1. O «lobby» da Comunicação - A «Impresa» (Pinto Balsemão), o grupo francês «Les Echos», o grupo canadiano «The Telegraph», a «France Telecom», a alemã «Burda Verlag», a cadeia espanhola «Prisa», a «TV Broadcasting» e a «Sogecable», a norte-americana «Communications and Media Studies», «The Washington Post», «The International Journal», o «Die Zeit», «La Stampa», a «holding» dinamarquesa «Politiken», a «Times» de Londres, a finlandesa «Helsingin Sanomat», o «The National Post» canadiano, o «Financial Times», «The Economist», a «Telecom» de Itália, o grupo «Le Monde» (através do Editor-Chefe, Eric Le Boucher), a «Aftenposten», a «Die Zeit», o «Expresso», a «Portugal Telecom», o «New York Channel 13», etc., etc. Todas as representações que vão a *Bilderberg* incluem os presidentes das «holdings» da Comunicação Social, os editores-chefes ou outros altos funcionários executivos. Os grandes grupos fazem-se representar por delegações alargadas, compostas por chefias e por especialistas dos vários sectores.

2. O «lobby» empresarial e financeiro - a «Société Générale de Belgique», a «Xerox Corporation», o «Central Bank of Denmark», a «ABB», a «Confedera-

tion of Norwegian Business and Industry», o «World Economic Forum» e o «Peres Center for Peace» (através de Franco Barnabé, Representante Especial do Governo Italiano para os Balcãs), a «Lafarge», «Total Fina Elf Group», «Atco», «Allianz» e «Crédit Commercial de France», o «Asia of Goldman Sachs», o «Center for International and Strategic Studies» (Washington e Canadá), a «Coca Cola Hellenic Bottling Co.», o «Banco Central da Turquia», o «Merkez Bank», a «ENI» italiana, a «Svenska Handelsbanken», a «Volvo», a «Johnson Capital», a «Lazard Frères» (representando as norte-americanas «Strauss» e «Hauer & Field»), o «Deutsche Bank», o «Kohlberg Kravis Roberts» (USA), a «Paribas», o «Federal Reserve Bank of Chicago», a «Nokia Corporation» e a «Ford Motor Co.», a «União dos Bancos Suíços», o «Banco Central Europeu», o «Intenational Center for Monetary and Banking Studies», «The American Enterprise Institute for Public Policy Research», o «Economic Strategy Institute» (globalização do Continente Asiático), a «Bohler Uddeholm AG», o «Quadrangle Group», o «Chase Manhattan Bank» e o «Morgan's Bank» (representados por David Rockefeller, também fundador da *Trilateral*), o «Banco Santander Central Hispano», a «Daimler-Chrysler», a «Electrolux Group, AB», o «Banco de França», a «Novartis, AG» (grupo farmacêutico, Suíça), o «Banco da Escandinávia», o «Amalgamated Bank» (USA), a «Fianziaia di Partecipazioni, S.p.A.» (grupo Agnelli), a «Fiat S.p.A.», a «Kissinger Associates», o «Grupo José de Mello», o «Grupo Suez», a «Compagnie Lyonnaise des Eaux», o «Crédito Italiano», o «Banco Central da Áustria», o «Grupo Espírito Santo» (Ricardo Espírito Santo), o «TNT Post Group», o «Grupo BPI» (Artur Santos Silva), a «Monsanto Co.», o «Banco Nacional da Hungria», o «Banco Mundial», etc.

Pontos Cardeais

Facínoras

Mais um ataque da UNITA a autocarros civis provocaram pelo menos 30 mortos e dezenas de feridos na população angolana indefesa. Desta vez a «acção de guerrilha» da UNITA consistiu numa emboscada a uma coluna de viaturas civis e desarmadas, concentrando o fogo em dois autocarros apinhados de passageiros. A cobardia dos actos e a ignomínia da estratégia prosseguidos pelos criminosos de Savimbi há muito que dispensam qualificações, pois falam por si. Derrotados militarmente em toda a linha, desalojados de todos os territórios angolanos que ocupavam pelo terror, apertados pelas tímidas restrições internacionais aos seus movimentos e manobras, desacreditados em todo o lado, os bandos de Savimbi já nem se preocupam a disfarçar o carácter criminoso da sua acção e actuam como bandidos e assassinos que são.

Quantas vítimas mais são precisas, na martirizada Angola, para anular internacionalmente e de vez este bando de facínoras?

Racismos

A Conferência Mundial contra o Racismo, a decorrer na cidade sul-africana de Durban, trouxe à ordem do dia a actualização de Israel no Médio Oriente, que a maioria esmagadora dos países representados não hesitou em classificar de racista e xenófoba em relação ao povo palestino. Também aqui são os factos a falar, na sua brutal objectividade: territórios palestinos ocupados à força e ao arrepio dos compromissos assumidos pelo Estado israelita, guetização dos palestinos na sua própria terra, assassinatos de dirigentes palestinos como política de Estado, bombardeamen-

tos de povoações e civis indefesos. Israel e os EUA responderam a tudo isto retirando da Conferência as representações de segunda linha que para lá haviam enviado. Como virgens ofendidas. E numa arrogância perante as críticas do mundo inteiro que, ela própria, não andarão longe dos comportamentos racistas...

Vergonha

A democrática Austrália - actualmente governada por social-democratas - não hesitou em praticar o inadmissível e recusou, liminarmente, a entrada no país de 400 e tal refugiados esmagadamente afegãos, que haviam naufragado ao largo das suas costas e sido recolhidos por um barco norueguês. A tragédia destes refugiados teve desenvolvimentos chocantes. Primeiro, o navio norueguês que os recolheu teve ordem de expulsão das águas territoriais australianas, apesar de muitos dos refugiados - entre eles mulheres e crianças - estarem em estado crítico de saúde e sobrevivência. Valeu a firmeza do comandante do navio norueguês que, liminarmente, recusou partir com tanta desgraça a bordo. Cnicamente, o governo australiano enviou uma «equipa de médicos» que esteve a bordo 20 minutos para fazer coisa nenhuma, evidentemente. A vergonha chegou a um ponto que Timor-Leste, o mais jovem e mais pobre país do mundo, se oferecer para recolher os refugiados, caso a ONU achasse bem. Finalmente - e após uma semana imobilizados ao largo das costas australianas - os refugiados receberam «autorização» da Austrália para serem encaminhados para países que os queiram receber!

Extraordinário «mundo livre» e «democrático», cristão e ocidental...

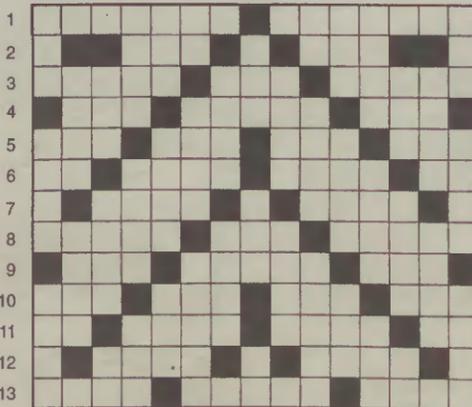
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Parte grossa do linho quando é assedado (pl.); natural. 2 - Afirmativa; suavidade (fig.). 3 - O pôr-do-sol; órgão que segrega a urina; variedade de café muito apreciada (pl.). 4 - Insignificância (fig.); apoquentar (fig.); o tio americano. 5 - Acolá; cento e dois romanos; grande porção; apologia. 6 - Isolado; mulher formosa (fig.); agasta-se sem dizer o motivo; graceja. 7 - Chão; o m. q. ácido. 8 - Funcionário agregado a outro, como auxiliar; enfermidade; planta herbácea, odorífera, utilizada em culinária (pl.). 9 - A barlavento (náut.); irmãos; àqueles. 10 - Antepassado; maior; a parte mais dura da madeira (pl.); arguido. 11 - Rádio (s.q.); barco de recreio; incentivo; sim (ant.). 12 - Porção da circunferência; condutor de palanquim, na Índia. 13 - Aversão; orar; inércia.

VERTICAIS: 1 - Anel de cadeia; suco vegetal concreto; apre. 2 - Experiência (fig.) o m. q. dadaísmo. 3 - Ajustei (ant.); reservatório, em forma de torre, destinado à armazenagem de cereais, cimento e outras substâncias sólidas; actíno (s.q.). 4 - Dificuldade (fig.); utensílio para puxar a cinza do forno; enguia. 5 - Caritativo; regaço; nome escocês. 6 - Antemeridiano (abrev.); escárnio; toda a potência ou força que imprime movimento a uma máquina. 7 - Fronteira; oportunidade (fig.). 8 - Muitos (fig.); universalidade (pref.); arraial. 9 - Lebre-das-pampas; pano forte e grosso de algodão. 10 - Preposição; capital italiana; moradia de família nobre e antiga. 11 - Também não; grelha; ruído. 12 - Gritos (bras.); cantiga; chefe etíope. 13 - Óxido de cálcio; impugnar; pão-doce. 14 - Paixão; nome genérico dos glícidos simples que não se desdobram por hidrólise (pl.). 15 - O sono das crianças (po.); camareiros; a voz do lobo.

SOLUÇÃO: HORIZONTAIS: 1 - Estopas; genuíno. 2 - Sim; mel. 3 - Ocaso; rim; moccas. 4 - Avo; ralat; Sarn. 5 - Ah; Cll; for; loa. 6 - S6; rosa; amua; r. 7 - Solo; agro. 8 - Adido; mal; atipos. 9 - A16; manos; aos. 10 - Ido; mor; nos; réu. 11 - Ra; late; alor; sí. 12 - Aro; amál. 13 - Aro; amál. 14 - Aro; amál. 15 - O6s; atos; nível. VERTICAIS: 1 - Flo; assa; itra. 2 - Cal; dada. 3 - Avi; silo; ac. 4 - Osso; rodo; itó. 5 - Pio; colo; Mac. 6 - Am; rto; motor. 7 - Rata; maré. 8 - Mll; pant; az. 9 - Mart; Iona. 10 - Em; Romat; solar. 11 - Nem; ruga; som. 12 - Ulos; ária; ras. 13 - Cal; opor; lo. 14 - Amor; oes. 15 - O6s; atos; nível.

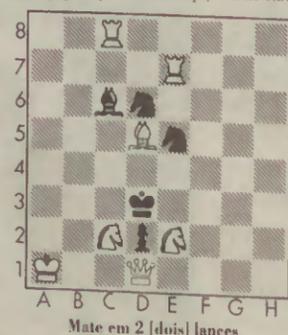
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



Xadrez

DCCCXII - 6 DE SETEMBRO DE 2001
PROPOSIÇÃO N.º 2001X30

Por: Albert Servais
1.º Prémio «2.º Concurso Temático, Volksgazet», 1954
Pr.: [5]; Pd2-Cs,d6, e5-B6-Rd3
Br.: [7]; Cs,ç2, e2-Bd5-Ts,ç8, e7-Dd1-Ral

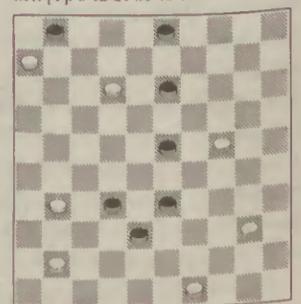


SOLUÇÃO DO N.º 2001X30 [A.S.]
Chave: 1. Dh1 [bloesus]
1. ... Rç2; 2. Db1 #; 1. ... Rç2; 2. Df3 #;
1. ... Cc6; 2. Dc4 #; 1. ... Cc5; 2. Cl4 #;
1. ... Bc; 2. Cd4 #; 1. ... d1=e7; 2. Dd1 #
A. de M. M.

Damas

DCCCXII - 6 DE SETEMBRO DE 2001
PROPOSIÇÃO N.º 2001D30

Por: A. Uvarov
[Moscou]
«L'Effort» n.º 137 / 1971
Pr.: [7]; 1-3-13-23-32-33-38
Br.: [7]; 6-12-24-31-40-41-49



SOLUÇÃO
DO N.º 2001D30 [A.U.]
1. 12-7, (1x12); 2. 49x43, (38x49=D); 3. 31-27,
(49x19); 4. 27x9, (-); 5. 6-1=D, (-); 6. 1x5 +
A. de M. M.

Comunicação

• Francisco Silva

Ou corporizados tecnologicamente em bens fabricados ou, através do emprego de técnicas de interação social, em serviços prestados, à medida que os efeitos da aplicação do conhecimento científico se têm tornado mais evidentes na vida de todos os dias, mais as preocupações com percebidas «fragilidades» da Ciência têm saltado para a ribalta comunicacional, visíveis nomeadamente nos escaparates da Comunicação Social.

Não se trata já das preocupações com as más aplicações dos poderes conferidos pela Ciência, de que as armas nucleares constituíram o exemplo mais expressivo, e que conduziram, logo na sua aparição, a um importante movimento dos próprios cientistas, alarmados com

«Fragilidades» que se expressam também por receios de efeitos negativos que certos alimentos possam ter sobre a nossa saúde, receios quase sempre difíceis de fundamentar sem margem para dúvidas – as vacas loucas, por exemplo, Como não se sabia antes?, afligem-se as pessoas; e a certeza ainda não se chegou.

Ou ainda por receios de efeitos negativos que os medicamentos tomados possam ter sobre a nossa saúde – desde a infamosa talidomida e as suas deformações até tantos outros medicamentos que são retirados do mercado quando os males já aconteceram. Ah, os efeitos colaterais e os males menores, e quantas vezes maiores! Vá-se lá saber o que fazer!

«Fragilidades» que se reflectem nas dificuldades em possuir conhecimentos com margens de confiança razoáveis sobre realidades tão complexas como as do meio ambiente e as questões ecológicas – nomeadamente poder prever os impactos dos OGMs⁽¹⁾ sobre os ecossistemas; ou ainda questões como as do clima, a começar pelas que emergem do puxar da ponta da meada do efeito de estufa – e todos os problemas que podem ser provocados pelas acti-

«Fragilidades» da Ciência?



os resultados das suas actividades – e isto, sempre que o impacto dessas actividades possa ultrapassar o «puro» objectivo do conhecer, se é que existem situações em que o conhecer possa não ter nada a ver com a vida para além da contemplação da verdade.

E as tais «fragilidades» vão aparecendo, em certas épocas às catadupas, as mais das vezes manipuladas pelos interesses dominantes e com frequência servindo de palco a guerras comerciais fratricidas.

«Fragilidades» que se expressam em acidentes ocorridos em instalações complexas, no projecto, construção e exploração das quais entra em alto grau o conhecimento científico. Instalações como centrais nucleares, fábricas químicas ou os petroleiros que sulcam os oceanos. Acidentes de gravidade variável, mas afectando sempre populações e áreas extensas. Por via de regra, os seus efeitos ultrapassam as fronteiras das instalações onde aconteceram – impactos ambientais – e atingem populações mais extensas do que os agentes a elas afectas – respeitam a toda a gente.

vidades humanas decorrentes do desenvolvimento industrial.

Mais, as «fragilidades» da Ciência não se confinam apenas aos seus resultados negativos. Porque foram imprevistos os efeitos positivos que levaram Bell, preocupado com os surdos-mudos, a inventar o telefone, que para nada lhes serviu... e, também imprevistos, os efeitos negativos associados a uma inovação tão marcante! Ou a descoberta accidental do

valor antidepressivo de já remédios existentes: o primeiro, sete décadas atrás, servia para o tratamento de alergias; outros, dez anos mais tarde, eram usados para tratar a doença de Parkinson ou a tuberculose.

Por tudo isto, as limitações do conhecimento – as suas «fragilidades» – têm levado tanta gente, que terá visto na Ciência uma espécie de nova religião com os seus dogmas, a desanimar e desconfiar dela. Afinal, numa primeira fase, tudo parecia fácil e seguro. Depois vieram as verdades «probabilísticas» e inseguras e a desesperança de pôr ordem no caos! Como tratar tanta complexidade quando para conhecer coisas mais simples foram necessários esforços gigantescos por parte dos génios científicos da Modernidade?

Contudo, os enormes progressos conseguidos em áreas tão díspares como a do clima ou a do código genético desatam não só os gigantescos desconhecidos mas também as possibilidades de avançar para níveis de conhecimento até hoje insuspeitados. Afinal, as «fragilidades» são o outro lado das potencialidades imensas de continuar a construir a Ciência sobre um edifício já de si revelador das conquistas enormes alcançadas pela Humanidade até ao presente.

(1) OGM – Organismo geneticamente modificado.

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Falando, falando...

Arte

Povo é aquela parte da população que faz a História. Podemos chamar a isto arte? Uma definição tirada da memória? Acho que não.

(Acho que sim – diz a História)

História

O exacto cuidado deste sindicalista! À vista quando se diz «Postura de Estado».

As famílias reais (e outras que tais) depois de Goya sei que são ventres e beiços, nada mais. Estão fora de lei.

Lei geral

Somos honrados cidadãos. Fulanos de amáveis aparatos. Porém, dentro dos nossos subterrâneos quantas feras, vampiros, monstros, ratos.

Há quem seja o que é. Só então é de nós que damos fé.

Não é a fé que nos move

Troças dos amanhã que cantam. Manhas que já não espantam ao estudo do sentido porque afinal é tudo uma questão de ouvido.

Ver, eis a questão

Este verso nasceu para se entristecer tal como quando, olhando para o céu, dizemos: vai chover.

Só que ele não contava, de repente, ver os putos a brincar aqui em frente.

Nada de brincadeiras!

Por que queres que eu mude? Qual a virtude de eu ser igual a ti na linha do horizonte?

Eu aqui, tu aí. Por que não uma ponte?

Ponte entre mim e mim

O valor do que escrevo não veste de mistério. A sério: eu nem me levo muito a sério. Dá gosto montar em cima de alguma dócil rima que, apenas por domá-la bem, mereço utilizar. Mas depois, tudo esqueço.

Quem é alguma coisa ao pé do mar?

O mar, onda por onda

Os que morreram anónimos. Os que nem a pegada quiseram que ficasse na areia.

Os que este verso recorda como quem acorda.

Cartoon

• Monginho



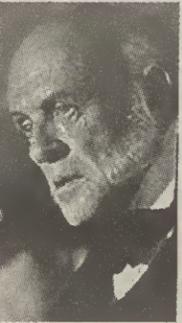
ATVer

O Pecado Mora ao Lado é um dos míticos filmes com Marilyn Monroe

O Homem da Máscara de Ferro é um sumptuoso regresso às aventuras dos quatro mosqueteiros de Alexandre Dumas



Mel Gibson



Anthony Hopkins



Inês de Portugal

(Sábado, 08.09.01, RTP2)

A trágica e imortal história de Pedro e Inês levada de novo ao cinema por José Carlos de Oliveira, num filme de 1997. Rodado com particulares cuidados de recriação histórica (inclusive com a utilização de vários castelos como cenário), o autor constrói um sinuoso, emotivo e violento drama palaciano. Com Cristina Homem de Mello, Heitor Lourenço, Carlos Cabral, Ruy de Carvalho, Afonso de Melo, Rogério Jacques.

Intriga ao Amanhecer

(Domingo, 09.09.01, SIC)

Mel Gibson (no papel de um ex-traficante que procura seguir uma vida honesta) e Kurt Russel (interpretando um polícia exemplar) são cabeça de cartaz deste policial de aventuras feito à medida dos dois actores, que se confrontam numa ficção onde o ex-marginal e o polícia são amigos de infância mas entram em rota de colisão quando surge uma misteriosa mulher (Michelle Pfeiffer, ainda em início de carreira) por que ambos se sentem atraídos e que, por sua vez, é ameaçada de morte por um outro traficante (Raul Julia, soberbo como sempre), velho amigo da personagem interpretada por Gibson. A coisa resolve-se à estalada, evidentemente, e o amor e a amizade triunfam sobre todo o mal. A história está bem contada, o mistério é servido nas doses certas, o foguetório dos efeitos especiais está à altura do elenco de primeira linha dirigido por Robert Towne, o que desemboca num entretenimento perfeitamente aceitável.

O Homem da Máscara de Ferro

(Domingo, 09.09.01, SIC)

O Homem da Máscara de Ferro é um sumptuoso regresso às aventuras dos quatro mosqueteiros de Alexandre Dumas, nesta mirabolante história de um irmão gémeo de Luís XIV de França que teria sido encarcerado pelo próprio monarca e condenado a viver até ao resto da vida com uma máscara de ferro que lhe escondesse o rosto. Os três mosqueteiros — aqui já maduros e na pré-reforma — regressam ao activo para castigar o perverso Luís XIV, libertando o irmão e colocando-o no trono, em seu lugar. Filme europeu mas produzido com meios à Hollywood, resultou num grande espectáculo cinematográfico onde avulta a minuciosa reconstituição de época, a deslumbrante *mise en scène* e um elenco de grandes actores: Jeremy Irons (Aramis), John Malkovich (Athos), Gérard Depardieu (Porthos) e Gabriel Byrne (D'Artagnan), com quem Leonardo Di Caprio «se aguenta» razoavelmente no duplo papel de Luís XIV/Homem da Máscara de Ferro. E não faltam as boas espadeiradas, é claro!

Amistad

(Domingo, 09.09.01, SIC)

Amistad foi um dos raros fiascos comerciais de Steven Spielberg (a par, por exem-

plo, de *A Cor Púrpura*), o que serviu para consolidar a sibilina (e invejosa) acusação de que o autor de êxitos tão retumbantes como a saga dos Indiana Jones, *ET* ou *Encontros Imediatos de Terceiro Grau* não tinha capacidade nem talento para realizar filmes «sérios», não passando, portanto, de um cineasta apenas vocacionado para o entretenimento. O certo é que o filme não pegou, tanto nos EUA como na Europa, apesar de reconstituir, com inegável talento, um poderoso drama ocorrido em meados do século XIX, quando 53 africanos feitos prisioneiros e embarcados à força, como escravos, no cargueiro espanhol *La Amistad* rumo aos EUA se libertam das grilhetas e se sublevam durante uma tempestade ao largo de Cuba a acabam a ser julgados em tribunal nos EUA, depois de recapturados, tendo de «provar» que são homens livres e com direitos, num processo que ficou célebre e, na altura, foi uma das achas para a fogueira da guerra da secessão norte-americana, que em breve rebentaria. Interpretações impressionantes de Morgan Freeman, Anthony Hopkins e Djimon Hounsou, entre outros.

O Pecado Mora ao Lado

(Segunda-feira, 10.09.01, RTP2)

O Pecado Mora ao Lado é um dos mais míticos filmes de Marilyn Monroe, superiormente dirigida pelo mestre Billy Wilder numa comédia que (mais uma vez) arrasa os hipócritas códigos de conduta moral e sexual nos EUA dos anos 50, relatando as atribulações de um homem de meia idade (Tom Ewell) que, na ausência da esposa durante o Verão, tenta canhestamente seduzir uma loira deslumbrante sua vizinha, magnificamente encarnada por Marilyn.

O Bravo

(Segunda-feira, 10.09.01, RTP1)

Realizado e interpretado por Johnny Depp, este interessantíssimo *O Bravo* interpela com notável frontalidade o vergonhoso extermínio dos chamados índios norte-americanos através de uma ficção a mostrar-nos que o horror continua nos tempos actuais, levando um índio, a viver miseravelmente numa «reserva», a aceitar deixar-se matar num filme clandestino a troco de 50 mil dólares, procurando assim garantir alguma segurança económica à família. E o horror estende o seu dedo acusador a uma sociedade — a norte-americana dos dias de hoje — que se degradou ao ponto de gostar de filmes com mortes reais e de se divertir com o sofrimento alheio. Não foi por acaso que, na Europa, *O Bravo* foi seleccionado para o Festival de Cannes de 1997, enquanto Hollywood o ignorou completamente... De referir a presença de Marlon Brando no elenco, coerente com a sua activa militância a favor dos direitos dos índios norte-americanos.

Sexta, 7

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas de Sal
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Senhora das Águas
22.00 Segredo de Justiça
23.00 Telefilme
00.50 24 Horas
01.20 «No Trilho da Droga» (de Gus Van Sant, EUA/1988, com Matt Dillon, Kelly Lynch, James Remar. *Drama*)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Sapatos Vermelhos» (de Michael Powell e Emeric Pressburger, R.Unido/1948, com Anton Walbrook, Moira Shearer, Marius Gorine. *Drama*)
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Pontos de Fuga
20.20 Sabrina
21.00 Sobre-Humano
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2

Quinta, 6

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas de Sal
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Senhora das Águas
21.30 «Paraíso Filmes»
22.30 Grande Reporter
23.30 Fados
01.10 JAG-Em Nome da Justiça
02.20 24 Horas
02.50 «Terrenos Perigosos» (de Darrell Roodt, EUA/1997, com Ice Cube, Elizabeth Hurley, Ving Rhames. *Drama*)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «Quando os Sinos Dobram» (de Michael Powell e Emeric Pressburger, R.Unido/1947, com Deborah Kerr, Sabu, David Farrar. *Drama*)
16.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Por Outro Lado
18.30 Informação Religiosa
19.00 África de Baixo Acima
19.30 Espaço Infantil
20.00 Sabrina
21.00 2010
22.00 RTP Economia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 Longa Metragem

▼ SIC

08.00 Buéréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
23.30 Malucos do Riso
23.00 Sai de Baixo
24.00 Noites Marcianas
02.00 Jerry Springer Show
02.50 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.15 Tourada
00.10 Maggie

Sábado, 8

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 «Uma Estrela, Um Desejo» (de Blair Treu, EUA/1996, com Katherine Heigl, Danielle Harris. *Comédia*)
16.55 A Senhora das Águas
18.50 Futebol:
21.00 Telejornal
22.00 Sábado à Noite
23.30 Lei Marcial II
00.30 24 Horas
01.30 «The Image» (de Peter Werner, EUA/1990, com Albert Finney, Kathy Baker, John Mahoney. *Drama*)

▼ RTP2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Roma: Poder e Glória
15.00 Desporto 2
19.00 «Inês de Portugal» (de José Carlos de Oliveira, Port/1997, com Cristina Homem de Melo, Heitor Lourenço, Carlos Cabral. *Ver Destaque*)
21.00 Encontros de África
21.30 Bombordo
22.00 Bem... Você Percebe?
22.30 Jornal 2
22.50 O Lugar da História — México Antigo
00.20 Britcom («Adrain Mole» em estreia)
01.20 «Mrs. Dalloway» (de Marleen Goris, R.Unido-EUA-Hol/1997, com Vanessa Redgrave, Naischa McElhone, Rupert Graves. *Drama*)

▼ SIC

07.00 Zip Zap
11.00 Uma Aventura
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família
15.10 «Confusão a Dois» (de David Beaird, EUA/1988, com George Newbern, Leslie Hope. *Comédia*)
16.30 «Mentes Piosas» (de Hart Bochner, 1996, com John Lowitz, Tia Carrere. *Comédia*)
19.10 Mundo VIP
20.00 Jornal da Noite
21.00 O Fura Vidas
22.00 Confiança Cega
24.00 Sexappeal



«O Meu Pé de Laranja-Lima» na programação infantil da RTP1

23. Começar de Novo
23.40 «A Fortaleza Escondida» (de Akira Kurosawa, Japão/1958, com Toshiro Minufe. *Aventura*)

▼ SIC

08.00 Buéréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Malucos do Riso
23.00 Ponto de Encontro
24.00 Noites Marcianas
02.35 Jerry Springer Show
03.30 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Olhos de Água
02.25 Maggie
02.55 A Herança



«Ficheiros Secretos»: velhos episódios voltam à TVI

01.00 «Rambo 3» (de Peter MacDonald, EUA/1988, com Sylvester Stallone, Richard Crenna. *Aventuras*)

▼ TVI

08.00 Animação
10.45 Top Rock
12.00 Reportagem
13.00 TVI Jornal
14.00 Contra-Ataque
14.45 4ª a Fundo
15.00 «A Aventura do Ouro Perdido» (Longa Metragem)
17.15 Olhó Video
18.00 Longa Metragem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Olhos de Água
23.00 «O Advogado do Diabo» (de com Keanu Reeves, Al Pacino. *Ver Destaque*)
02.00 Lux
02.50 «Um Estranho na Cidade» (de Alan Wade, 1997, com Christian Slater, Robin Tunney.)

Domingo, 9

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
12.30 Planeta Azul
13.00 Jornal da Tarde
15.00 Made in Portugal
16.15 «Babylon 5» (de Michael Vejar, EUA/1999, com Bruce Boxleitner, Jerry Doyle, Jeff Conaway. *Ficção Científica*)
17.40 Imagens
18.30 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
21.00 O Sabotador
22.00 Danza Café
23.00 O Rosto da Notícia
24.00 Serviço de Urgência
01.00 Teledependentes
01.30 24 Horas
01.50 «Powderburn» (de Serge Rodninsky, EUA/1995, com Jay Irwin, Elizabeth Barry. *Policial*)

▼ RTP2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
12.00 Nós e os Animais
12.30 Palácio de Cristal
13.50 Desporto 2
18.15 Trilogia do Botswana (2)
19.30 Onda Curta
20.00 Simpsons
20.30 Artes e Letras
21.30 Os Miseráveis
22.30 Jornal 2
22.50 «A Estratégia da Aranha» (de Bernardo Bertolucci, Itália/1970, com Giulio Brigi, Alida Vali, Tino Scotti. *Drama*)
00.45 História do Cinema Português (4)
01.55 2010

▼ SIC

07.00 Zip Zap
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal



«Os Miseráveis», ao domingo na RTP2

14.00 Médico de Família
15.00 «Intriga ao Amanhecer» (de Robert Towne, EUA/1988, com Mel Gibson, Kurt Russell, Michele Pfeiffer. *Ver Destaque*)
17.30 «O Homem da Máscara de Ferro» (de Randall Wallace, 1998, com Leonardo Di Capri, Jeremy Irons. *Ver Destaque*)
20.00 Jornal da Noite
21.10 Malucos do Riso
22.00 «Decisão Crítica» (de Stuart Baird, EUA/1996, com Kurt Russell, Steven Seagal, Halle Berry. *Ação*)
24.00 «Amistad» (de Steven Spielberg, EUA/1997, com Morgan Freeman, Djimon Hounsou, Anthony Hopkins. *Ver Destaque*)

▼ TVI

08.30 Animação
10.00 Cerimónias Religiosas
13.00 TVI Jornal
13.45 «Sensibilidade e Bom Senso» (de Ang Lee, EUA/1995, com Emma Thompson, Alan Rickman, Kate Winslet. *Drama*)
16.00 O Lutador (com Sylvester Stallone, Robert Loggia, Susan Blakely. *Ação*)
18.30 Big Brother
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Olhos de Água
23.00 Hora de Ponta
01.00 «O Novo Pesadelo de Freddy Krueger»

Segunda, 10

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas de Sal
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Senhora das Águas
22.00 Sorte Grande
23.10 Jogo Falado
01.00 24 Horas
01.30 «O Bravo» (de Johnny Depp, EUA/1997, com Johnny Depp, Marlon Brando, Frederic Forrest. *Drama*)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 «O Pecado Mora ao Lado» (de Billy Wilder, EUA/1955, com Marilyn Monroe, Tom Ewell. *Ver Destaque*)
15.30 Ciclismo
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Rotações
19.30 Basquetebol
21.00 Sabrina
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 Artes de Palco (Bailado: «Romeu e Julieta»)

▼ SIC

08.00 Buêréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Olhos de Água
22.50 Big Brother
23.50 Ficheiros Secretos
01.40 «O Apocalipse»
02.10 Net
03.10 Maggie

Nota:
A Redação não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

Terça, 11

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
11.30 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas de Sal
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
18.45 Quebra-Cabeças
19.15 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Senhora das Águas
22.00 Futebol: Liga dos Campeões
00.40 Histórias da Noite
01.25 24 Horas
01.55 «Os Idiotas» (de Lars von Trier, EUA/1998, com Bodil Jorgensen, Jens Albinus, Anne Louise Hassing. *Comédia*)
03.15 Longa Metragem

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Bombordo
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
20.50 Fenómeno
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.20 EXD
23.50 Começar de Novo
00.40 «Sunshine» (de Istvan Szabo, Alem-Hungria-outras/1999, com Ralph Fiennes, Rosemary. *Comédia*)
03.40 Rotações

▼ SIC

08.00 Buêréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil



«Filha do Mar», a nova novela da TVI

19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Big Brother
01.30 A Juíza
02.30 Em Busca da Liberdade (de Noel Nossek, EUA/1996, com Mel Harris, Nicholle Tom. *Drama*)

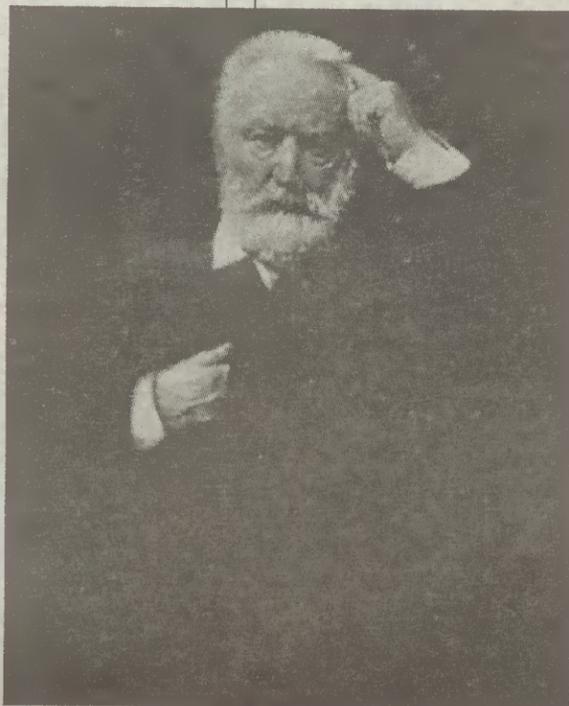
Quarta, 12

▼ RTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
11.15 Pedra sobre Pedra
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
16.00 Vidas de Sal
16.45 Privilégio de Amar
17.30 Meu Pé de Laranja-Lima
19.00 Futebol (Liga dos Campeões)
21.45 Telejornal
22.45 A Senhora das Águas
23.45 Liga dos Campeões (Resumos)
00.45 24 Horas
01.15 «Mesmer» (de Roger Spottiswood, R.Unido-Can-Adm/1994, com Alan Rickman, Amanda ooms. *Drama*)

▼ RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Euronews
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Onda Curta
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
21.00 Pós de Bem Querer
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.20 Começar de Novo
00.10 Sinais do Tempo



01.10 «Os Caminhos da Paixão» (de Robert Allan Ackerman, EUA-Alem/1997, com Sela Ward, Timothy Dalton. *Drama*)

▼ SIC

08.00 Buêréré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caiu do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show
02.50 Portugal Radical

▼ TVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Olhos de Água
22.50 Big Brother
01.40 Viuva Assassina (de Michael Scott, EUA/1997, com Diana Sc arwid, Hope Lange, Jacklyn Smith. *Thriller*)
02.20 Maggie
02.50 Alta Velocidade

TVisto

Correia da Fonseca

O caso de Jean Valjean

Não há nada como a renovação, designadamente se se tratar da TV: calcule-se que nestes primeiros dias de Setembro, mês que tradicionalmente corresponde à «rentrée» e a uma nova «saison» televisiva, só novas telenovelas portuguesas são três e um «reality show» cujo tema é sexo e ciúme é mais um a juntar a outros dois já conhecidos e da mesma índole. Já agora, anuncio os títulos: «A Senhora das Águas» (RTP1), «Filha do Mar» (TVI), «Anjo Selvagem» (TVI) e «Confiança Cega» (SIC). E acrescento, porque é um dado significativo, que «A Senhora das Águas», da estação pública, chega precedida da

Porém, como já terá adivinhado quem não o sabia, «Os Miseráveis» foi estreado na «2» e, é claro, aí acabará os seus dias dentro de algumas semanas. Escuso de explicar mais uma vez o que é que esta colocação no «segundo canal» implica em termos de prováveis audiências e de visibilidade num sentido mais amplo: serão relativamente poucos os que vão acompanhar a série e dela vão falar, serão sem dúvida esmagadoramente mais os que irão deliciar-se com «A Senhora das Águas», que aliás é capaz de se revelar bem melhor do que agora a pintam, e eventualmente fascinar-se muito ou pouco com a tal dose de misticismo anunciada.

Uma espécie de galés

Para falar com franqueza, não me é fácil entender as razões (as razões, não falo dos motivos, que são uma outra coisa) que impedem «Os Miseráveis» de estar na RTP1. A estória imaginada por Victor Hugo, de feição predominantemente romântica embora não só, já provou ao longo de décadas e décadas ter características inteiramente propícias à adesão popular. A série está construída de forma a dar pleno relevo a essa vertente, o que, aliás é mais que compreensível pois foi produzida para a TV. Não é crível que a figura de Victor Hugo, cuja biografia suponho ser ignorada pela esmagadora maioria dos portugueses, seja bastante para se considerar «Os Miseráveis» como obra perigosa ou simplesmente desaconselhável. É certo que Hugo era escritor, quer dizer, um intelectual, o que é sempre chato, e para mais um homem de esquerda. Mas «Os Miseráveis», série de TV, tem todas as condições para estar num canal generalista como é a RTP1 e sem culpas bastantes para ser condenado à RTP2, que é uma espécie de galés equiparáveis, no contexto, às que Jean Valjean sofreu. Ainda assim, porém, a gente precisa de entender as coisas. Por mim, julgo entender que o caso de Jean Valjean exilado na «2» se integra num critério permanente, já tão instalado na rotina que nem darão por ele os que o aplicam, segundo o qual tudo quanto seja cultura, se pareça com cultura ou que com a cultura esteja implicado, deve ser afastado do convívio com as grandes massas a quem Salazar dizia bastar ler, escrever e contar, é a quem agora se acrescenta o privilégio de verem na TV telenovelas, «reality shows» picantes e telenoticiários expurgados de sugestões subversivas por critérios estritamente jornalísticos. É que, desde sempre, as classes dominantes temeram que a cultura chegasse aos dominados. Porque a cultura conduz ao entendimento das coisas, do mundo, da vida, e os dominados não podem aceder a essas lonjuras. Porque, para a estabilidade dos interesses das classes que dominam, a cultura, como se costuma dizer, é o diabo!

A talhe de foice

• Henrique Custódio

Em nome de quê?

De boato em boato, chegou esta semana às páginas dos jornais a confirmação de que Emídio Rangel, ex-homem-forte e actual «director-geral de conteúdos» na SIC, foi convidado para o cargo de director-geral da RTP.

Segundo consta, a proposta é sopa no mel de diversos interesses.

Sê-lo-á para a SIC de Balsemão, que assim se veria livre de um ex-prodígio a quem recentemente despromoveu «chutando-o para cima», no elegante dizer do próprio Expresso, também de Balsemão.

Sê-lo-á para a TVI dirigida por Eduardo Moniz, que veria na saída de Rangel da SIC a taça da vitória em toda a linha sobre a rival de Carnaxide.

Sê-lo-á para a tutela da RTP, que veria em Rangel um D. Sebastião pronto-a-sebastianar.

Sê-lo-á, naturalmente, para o próprio Rangel, que veria nesta salvadora proposta não apenas a preservação da face achinchada na SIC mas também dos fartos proventos e mordomias que o poder na televisão proporciona.

Com tanta gente a ver tão hipotéticas coisas, tá visto que tudo pode ficar a ver navios, como frequentemente acontece no casbah dos influentes nacionais, onde já nem o segredo é a alma do negócio — cada vez mais, a própria alma é o negócio a tratar em segredo. Mas haja ou não Rangel na RTP, howe e há confirmadamente a ideia de lá o pôr.

Em nome de quê?

Emídio Rangel revelou-se um «especialista de televisão» ao serviço da SIC e no combate à RTP, que é como quem diz no afrontamento directo à matriz comunicacional construída pelo canal público de televisão ao longo de décadas de emissão exclusiva. Para isso, «revolucionou» a programação televisiva em Portugal inaugurando o telelixo nos alinhamentos, promovendo o seu consumo e, na decorrência, consolidando as falácias de que «é o público que exige» e as audiências «que legitimam» a emissão de entretenimentos assentes na exploração das fragilidades humanas, sejam elas de ordem individual, colectiva, sociológica, cultural, económica, psicológica ou social.

É bom não esquecer que o terreno dos Big Brothers ou Bares da TV de hoje (e o que mais se seguirá) foi desbravado há uns anos pela SIC de Emídio Rangel com programas em directo para o país, onde concorrentes comiam lagartas ou mulheres da assistência mostravam as maminhas a troco de alguns contos de réis.

A resposta da RTP — na altura dirigida pelo agora incensado ganhador da TVI, José Eduardo Moniz — assentou em duas medidas.

Uma, comprando anualmente os mais populares programas e séries estrangeiros disponíveis, para impedir a SIC de os transmitir. O facto de a RTP se endividar com milhões e milhões de contos numa montanha de produtos que nunca conseguiria pôr no ar, mesmo que emitisse 24 horas por dia, não perturbou o genial Moniz. Sabia que o dinheiro não era dele e, sobretudo, que ninguém lhe pediria contas pelo desmando.

A outra, nivelando canhestamente a programação da RTP pela da SIC, o que teve como resultado a degradação da qualidade do canal público e a derrapagem nas audiências.

Quando o desastre já estava consumado, Moniz saiu da RTP com um chorudo contrato de «prestação de serviços» na ordem de um milhão de contos por «seis ideias» para seis programas a produzir pelo canal público, até se instalar à frente da TVI para levar ao paroxismo a desvergonha predadora inaugurada por Rangel na televisão portuguesa.

Sem embargo dos produtos de qualidade entretanto saídos de todos os operadores televisivos em contenda, o resultado essencial está à vista e pode resumir-se no seguinte: a SIC de Rangel afundou a RTP de Moniz usando a degradação como estratégia; a TVI de Moniz ultrapassou a SIC de Rangel carregando na receita; estes dois «ideólogos da comunicação» afundaram a ética e a credibilidade da televisão em Portugal «revolucionando-a» com o telelixo. Agora a televisão pública quer contratar Emídio Rangel.

Em nome de quê, eis a questão.

PCP contesta medidas para o Alqueva

Governo ao serviço do latifúndio

«O Governo não intervém no que é essencial», acusou na segunda-feira Agostinho Lopes, deputado e membro da Comissão Política do PCP, em resposta ao conjunto de medidas anunciadas pelo Governo nesse mesmo dia sobre a ocupação da zona da barragem do Alqueva.

«O que aconteceu foi um show-off mediático e uma completa fraude no plano das necessárias respos-

tas aos problemas decorrentes da construção do regadio do Alqueva», afirmou Agostinho Lopes, em conferência de imprensa em Lisboa, acrescentando que o Governo se está a demitir da obrigação de intervir no processo de construção do empreendimento do Alqueva.

O Governo anunciou a criação de um banco de terras no perímetro da barragem do Alqueva, que prevê o arrendamento a agricultores e a sua venda posterior, dando preferência a rendeiros com «comprovada boa gestão» num período de sete a dez anos.

Para o PCP, este banco de terras «é antes uma agência de câmbios ao serviço dos latifundiários» e o direito de opção do Governo irá servir para «escolher a quem é que decide vender as terras».

«O Governo desistiu de qualquer intervenção séria na construção da área de regadio do Alqueva», sublinhou Agostinho Lopes, para quem as medidas agora anunciadas provam que o executivo «pretende entregar aos grandes latifundiários as mais-valias resultantes do investimento

público de 350 milhões de contos».

«O Governo desistiu de qualquer intervenção séria», acusa o PCP

O «preço político» estabelecido para a água (11 escudos) é «atirar areia aos olhos da opinião pública», pois não mexe no essencial.

O futuro

O Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva tem como objectivo constituir uma reserva estratégica de água de forma a dar resposta às necessidades do Alentejo, através do abastecimento regular às populações, indústria e agricultura, com influência directa em 19 concelhos.

O projecto tem como elemento mais importante a bar-

Uma necessidade centenária

Como lembra a Empresa de Desenvolvimento e Infra-Estruturas de Alqueva, as primeiras referências à necessidade de criar uma barragem no Guadiana que servisse o Alentejo remontam há cerca de cem anos. O projecto surgiu apenas em 1957, integrado no Plano de Rega do Alentejo. Mas a decisão de avançar com as obras foi tomada em 1975 e só em 1997, vinte e dois anos depois, teve início o arranque do Alqueva, com as primeiras betonagens para a construção do paredão a terem lugar no ano seguinte.

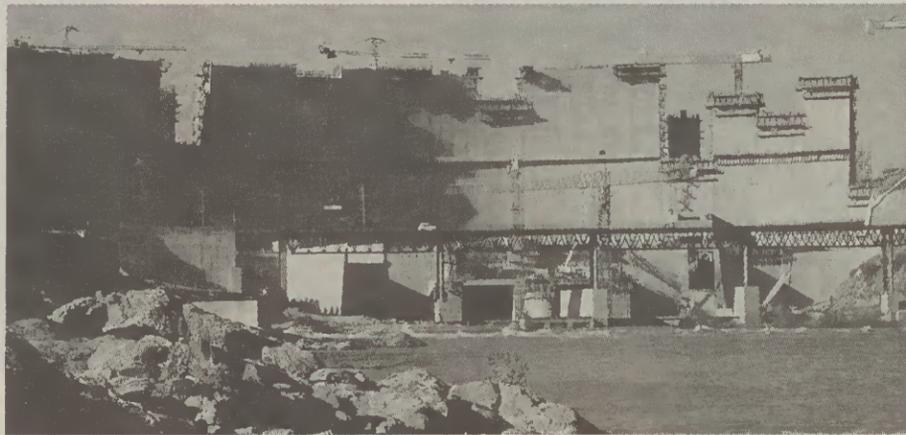
ragem - cujas obras se iniciaram em 1998 -, com um lago de 250 quilómetros quadrados de superfície, 83 quilómetros de comprimento e 1100 quilómetros de margens. Está prevista a construção de 17 barragens intermédias e 18 estações elevatórias, aumentando progressivamente o número de hectares de regadio, de dois mil hectares em 2002 a 26 mil hectares em 2006.

O sistema global de rega abrangerá 110 mil hectares até 2025 e é composto por

uma rede de canais e condutas que atingem um desenvolvimento de cinco mil quilómetros.

O regadio beneficiará sobretudo o Baixo Alentejo (Beja, Vidigueira, Cuba, Alvito, Moura, Serpa, Aljustrel e Ferreira do Alentejo), mas o sistema de rega incluirá ainda os concelhos de Évora, Portel, Viana do Alentejo, Alcácer do Sal e Santiago do Cacém.

O fim das obras está previsto para o período entre Outubro e Dezembro.



O Governo quer entregar aos latifundiários as mais-valias do investimento público de 350 milhões de contos no Alqueva



JCP protesta na Embaixada de Israel

Uma delegação da JCP entregou anteontem uma carta ao embaixador de Israel em Portugal, condenando a política do Estado hebraico e manifestando solidariedade com a causa palestiniana. Ao mesmo tempo teve lugar uma concentração à porta do edifício.

Mostrando-se «profundamente preocupada com a situação criada há décadas

pela ocupação israelita», a JCP condena «veementemente a brutal repressão de que o povo palestiniano é diariamente vítima e o apoio permanente que os Estados Unidos vêm dando a Israel».

Considerando urgente uma solução para o conflito e referindo a «nova estratégia de eliminação física de dirigentes» árabes, os jovens comunistas lembram na carta que a

apoio a luta do povo palestiniano estão o Direito Internacional e várias resoluções da ONU, documentos que apontam para a edificação do Estado palestiniano com capital em Jerusalém Leste, a retirada das tropas israelitas dos territórios árabes ocupados, o desmantelamento dos colonatos, a libertação dos presos políticos e o regresso dos refugiados.

«Fundos para a Jota»

Respondendo ao apelo da Direcção Nacional, os militantes da JCP têm-se empenhado na recolha de fundos que permita o reforço da organização, dificultado por constrangimentos financeiros. Na jornada de trabalho do último fim-de-semana, viram-se na Atalaia cadernos, peças de artesanato originais e outros artigos, numa demonstração de empenho e criatividade dos jovens comunistas. Para além destes materiais, editaram-se a nível central isqueiros, lápis, t-shirts e um postal com a imagem de Che Guevara, dado a quem contribuir com 500 escudos. A campanha iniciou-se em Maio e terminará em Dezembro.

